

ASPECTOS DA MORFOSSINTAXE
DA LINGUA TRUMAI (ISOLADA)
E DE SEU SISTEMA DE MARCAÇÃO DE CASO

por

Raquel Guirardello

Dissertação apresentada ao
Departamento de Linguística
do Instituto de Estudos
da Linguagem da Universidade
Estadual de Campinas como
Requisito parcial para
Obtenção do título de
Mestre em Linguística.

Campinas - 1992

Este exemplar é a redação final da tese
defendida por RAQUEL GUIRARDELLO

e aprovada pela Comissão Julgadora em

07/08/92

PROFA. DRA. LUCY SEKI?

Aos meus pais,

Orlando e Verônica

Aos meus professores Trumai,

Kumarú e Amati

Ao meu avô Trumai,

Initiuari

LISTA DE ABREVIACÕES

sg - singular
pl - plural
mc.SN - marcador de posição de SN
neg - negação
asp - aspecto
vol - volitivo
int ou inter - interrogação
frust - frustrativo
adj? - adjetivador
adv - advérbio
fut - futuro
col - coletivo
fac - factivo
caus - causativizador
loc - locativo
demonstr - demonstrativo
nom - nominalizador
erg - ergativo
intr - intransitivo
intr. ativ - intransitivo ativo
intr. descr. - intransitivo descritivo
intr. est. - intransitivo estendido
trans. - transitivo
trans. est. - transitivo estendido
S - sujeito da oração intransitiva
A - sujeito da oração transitiva
O - objeto da oração transitiva (é objeto direto)
OI - objeto indireto

RESUMO

Esta dissertação apresenta resultados de uma análise sobre a língua Trumai, isolada (P.I. Xingu - MT). O estudo é de cunho funcional-tipológico. São levados em conta os estudos de Aurore Monod-Becquelin sobre o Trumai (1975; 1976), fazendo-se uma revisão deles (com reanálise para alguns pontos) e aprofundando-se aspectos da língua que foram pouco abordados no trabalho de Becquelin.

No capítulo 1, há uma apresentação da língua quanto a número de falantes; localização geográfica das aldeias; informações culturais e históricas sobre o povo; situação do Trumai frente ao Português e outras línguas xinguanas, etc. A seguir, é abordada a fonologia da língua, apresentando-se o quadro de fonemas e suas realizações, o acento, o padrão silábico, uma reinterpretação dos segmentos J e W e, por fim, os fenômenos morfossintáticos do Trumai.

No capítulo 2, são abordadas as classes gramaticais da língua, definindo-as com base em critérios morfológicos e sintáticos. São levantadas algumas discussões sobre a identificação de certas classes e classificação de determinados morfemas.

No capítulo 3, são enfocados os tipos oracionais do Trumai e o seu sistema de marcação de caso. São

apresentadas as colocações teóricas de Hopper e Thompson sobre Transitividade e as de Dixon sobre Ergatividade, e a seguir há uma proposta de interpretação para o sistema de caso do Trumai. Há ainda algumas colocações sobre a ordem dos constituintes da oração da língua em estudo, com uma pequena discussão sobre a ordem básica e sobre os princípios que regulariam a mobilidade de posição dos constituintes oracionais.

Por fim, há uma conclusão, retomando idéias gerais a respeito dos fatos encontrados na língua Trumai.

Autor: Raquel Guirardello

Orientador: Prof². Dr². Lucy Seki (IEL/UNICAMP)

AGRADECIMENTOS

Apresento meus agradecimentos:

- A todos os Trumai, em especial:

à Kumaru, por me receber em sua casa e me ensinar sua língua com paciência e muita dedicação

a Amati, por toda ajuda que me ofereceu, estando sempre disposto a esclarecer minhas dúvidas, ensinando-me muitas coisas sobre a língua Trumai

a Pedro, a Ararapan (chefe da aldeia Trumai), a Kokoti (chefe do P.I. Favuru), aos pilotos Pioni, Pinhão e Komuru Txikão, pela colaboração que me ofereceram

- À minha orientadora, prof. Lucy Seki, por me iniciar nessa área de pesquisa e por seu empenho ao orientar meu trabalho

- Ao prof. R. M. W. Dixon, pela orientação e sugestões oferecidas, as quais foram muito importantes para a análise aqui realizada

- As entidades que colaboraram no desenvolvimento de minha pesquisa:

* CNPq (Conselho Nacional de Pesquisa), pelos auxílios concedidos (proc. 401243/88)

* FAEP (Fundação de Apoio à Pesquisa), pelos auxílios concedidos (proc. 062/88)

* FAPESP (Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo), pelos auxílios concedidos (proc. 89/1218-9) e pela bolsa de Mestrado (proc. 91/1763-7)

* CAPES (Coordenadoria de Aperfeiçoamento ao Pessoal de Ensino Superior), pela bolsa de Mestrado (proc. 02802/89)

* NUTRÍCIA, pelos alimentos oferecidos para consumo durante o trabalho de campo

* FUNAI (Fundação Nacional do índio) - Adm. P.G. Xin, nas figuras de seus diretores Megaron Txukarramãe e Mayrawi Kayabi ; aos seus funcionários Fernando (P.I. Kuluene) e Pirakumã (P.I. Leonardo), pelo transporte no Parque do Xingu

* FAB (Força Aérea Brasileira), pelo transporte ao Parque Indígena do Xingu

* IEL (Instituto de Estudos da Linguagem)/ UNICAMP, pelos recursos oferecidos e informações prestadas

* Ao departamento de informática do IEL/UNICAMP, em especial a Wilson H. Kawai, por toda sua ajuda

- Ao meu cunhado Robinson, aos meus pais e meus irmãos, que estiveram sempre ao meu lado, principalmente nas horas mais difíceis

- A todos os meus colegas, em especial aos meus companheiros de projeto Cristina, Luciana, Ludovico, Madô, Marymárcia e Mitzila

INDICE

Introdução.....	4
Capítulo 1 - A língua Trumai - Fonologia.....	9
1. O grupo Indígena.....	9
1.1. Dados Etnográficos- Localização geográfica	9
1.2. Dados Históricos.....	10
1.3. Elementos culturais do povo Trumai.....	13
2. A língua Trumai.....	16
3. Justificativa para o estudo.....	19
4. A fonologia da língua Trumai.....	26
4.1. Quadro de fonemas do Trumai.....	27
A. Consoantes.....	27
B. Vogais.....	35
4.2. O acento.....	37
4.3. O padrão silábico.....	37
4.4. A questão do segmentos W e J.....	38
4.5. Processos morfofonológicos do Trumai.....	45
Notas.....	46
Capítulo 2 - Classes Gramaticais do Trumai.....	49
I. Formas livres.....	53
A. Classes Abertas.....	53
a.1. Nomes.....	53
a.2. Adjetivos.....	55
a.3. Quantificadores.....	56
a.4. Verbos.....	57
a.5. Advérbios.....	61
B. Classes Fechadas.....	63
b.1. Pronomes.....	63
b.2. Determinantes.....	72
b.2.1. Demonstrativos.....	72
b.2.2. Numerais.....	75

b.3. Partículas Discursivas.....	76
b.3.1. O modalizador <u>men</u>	77
b.3.2. O morfema <u>kain</u>	77
b.3.3. O morfema <u>si</u>	81
b.4. Interrogativos.....	87
II. Formas dependentes.....	91
A. Formas presas.....	91
a.1. Sufixos marcadores de Aspecto/Modo.....	91
a.2. Posposições.....	96
a.3. Sufixos derivacionais.....	98
a.4. Sufixos marcadores de caso.....	99
a.5. Afixos de posse.....	101
a.5.1. O sufixo <u>-kte/-kate</u>	102
a.5.2. Os afixos de posse de 3ª pessoa...	103
B. Clíticos.....	103
b.1. O clítico pronominal <u>-n/-e</u>	103
b.2. Os clíticos pluralizadores.....	107
Um problema de análise: o morfema <u>i/ii</u>	110
Notas.....	117
 Capítulo 3- Aspectos da Sintaxe-A marcação de caso	123
1. Algumas considerações sobre a ordem em Trumai	123
1.1. A ordem dentro dos sintagmas.....	124
1.2. O SN e a ocorrência de <u>i/ii</u> depois dele...	125
1.3. A variação na ordem.....	129
2. Os tipos oracionais do Trumai.....	131
Tipo 1. Oração não verbal.....	131
Tipo 2. Oração intransitiva.....	133
Tipo 3. Oração intransitiva estendida.....	135
Tipo 4. Oração transitiva com argumentos não marcados.....	139
Tipo 5. Oração transitiva.....	141
Tipo 6. Oração transitiva estendida.....	143
3. O sistema de marcação de caso.....	144

4. Estudos teóricos sobre Ergatividade.....	148
5. Análise do Sistema de caso do Trumai.....	160
5.1. Algumas considerações sobre os diferentes tipos verbais.....	160
5.2. O controle do sistema.....	167
5.3. Os verbos semanticamente iguais e seu uso pelos falantes.....	173
5.4. Algumas considerações sobre os marcadores de Objeto Indireto.....	176
5.5. A identificação dos constituintes nominais na oração.....	177
6. A ordem em Trumai - Considerações gerais.....	181
Notas.....	187
 Conclusão.....	 192
Bibiografia.....	194

INTRODUÇÃO

A presente dissertação é um estudo sobre o Trumai, língua isolada falada no Parque Indígena do Xingu (MT).

O trabalho com esta língua iniciou-se em Março de 1989, quando ingressei no programa de Mestrado da Unicamp e, a convite da profª. Lucy Seki, passei a integrar o projeto por ela coordenado, intitulado "Projeto de Documentação e Descrição das Línguas do Parque Indígena do Xingu". Este projeto entrou em vigor em 1988 e em 1991 foi reestruturado como um projeto temático de equipe, passando a ser designado por "História e Conhecimento Linguístico dos Povos Indígenas do Parque Xingu".

Tornei-me responsável por um sub-projeto, denominado Projeto de Documentação e Descrição da língua Trumai. Escolhi estudar esta língua por diversos fatores: em primeiro lugar, por se tratar de uma língua isolada, o que faz dela um alvo de grande interesse, já que, de certa forma, ela representa um tipo linguístico único. Em segundo lugar, pela própria situação da língua, que possui um número não muito elevado de falantes e que convive com outras línguas sendo faladas dentro das aldeias Trumai, devido a atual constituição de seu povo Trumai (cf. cap 1 - justificativa

para o estudo). Um dos idiomas falados pelos Trumai é o Português, que cada vez mais ganha espaço entre os indivíduos jovens. Tal fato representa uma certa ameaça para o Trumai e mostrou ser necessária uma maior investigação sobre esta língua, não só no sentido de documentá-la melhor (já existiam estudos sobre a língua), mas mesmo de poder oferecer à comunidade Trumai elementos que pudessem contribuir para a preservação da língua.

Fiz um levantamento bibliográfico a respeito do grupo e a partir dele, comecei a analisar os materiais existentes sobre o povo e sua língua. O material que mais examinei foi o de Aurore Monod-Becquelin (antropóloga francesa que conviveu com os Trumai de 1966 a 68), pois era o único de cunho linguístico.

Em julho de 1989, realizei minha primeira viagem ao campo, para os primeiros contatos com a comunidade. Dirigi-me à aldeia Terra Preta (médio Xingu), onde me apresentei aos líderes da comunidade e comuniquei meu desejo de estudar a língua. Depois de uma reunião entre eles, foi indicada uma pessoa para ser minha informante, Kumaru, irmã do chefe.

Kumaru passou a ser minha informante "oficial", mas com o tempo, comecei também a trabalhar com seu irmão Amati, que havia sido o informante de Monod-Becquelin, o que foi um ponto favorável, porque pude ter acesso praticamente aos mesmos dados que ela.

Contei ainda com a ajuda de outros índios Trumai, pois a comunidade, desde minha primeira estadia entre eles (e nas outras duas sub-sequentes), mostrou-se muita receptiva e interessada em me auxiliar na pesquisa, pois consideram importante que sua língua seja documentada; aliás, não só ela, mas também a história do povo, suas tradições e seus mitos. Isso permitiu a obtenção de muitas informações.

Em relação ao trabalho de Becquelin, houve de minha parte uma preocupação tanto ^{em} compreender bem o estudo por ela realizado, como também em desenvolver minha própria análise. Ou seja, a proposta era a de rever o estudo feito por Becquelin, reanalisando os pontos que me parecessem problemáticos e aprofundando os aspectos que não estivessem muito desenvolvidos.

Decidi por abordar a Fonética e Fonologia do Trumai de forma breve, dado que o estudo de Becquelin sobre este ponto é detalhado e cuidadoso, além do que concordo com sua análise quase que totalmente. Já a morfologia foi tratada aqui mais pormenorizadamente, pois minha análise difere daquela proposta por Becquelin quanto à divisão de algumas classes e quanto à análise de alguns morfemas, em especial o clítico -n/-e e o morfema i/ii, cuja ocorrência me parece muito interessante. Becquelin não menciona o morfema i/ii em seu trabalho (embora seja possível detectá-lo em alguns de seus exemplos), mas esse fato é compreensí-

vel, porque alguns falantes não empregam tanto este morfema (é o caso de Amati, que foi o informante de Becquelin); provavelmente se trata de uma diferença estilística entre os falantes. O trabalho com vários informantes, se em um primeiro momento trouxe dificuldades (pois exigiu um maior controle dos dados), com o tempo mostrou ser um fator positivo, pois permitiu visualizar melhor alguns fatos da língua.

A sintaxe da língua também foi tratada com mais profundidade nesta dissertação, pois a análise de Becquelin não interpretava adequadamente o sistema de marcação de caso do Trumai. Como veremos, o Trumai é uma língua morfologicamente ergativa. Foram apresentadas nesta dissertação algumas abordagens teóricas sobre o fenômeno da Ergatividade, pois estas abordagens permitem entender melhor a marcação de caso da língua em estudo. Sobre esse ponto, foram muito preciosas as sugestões feitas pelo prof. Dixon, com quem tive a oportunidade de trocar idéias e de quem recebi algumas orientações.

Por fim, gostaria de fazer um reconhecimento ao trabalho de Becquelin, pois apesar de algumas discordâncias sobre determinados pontos, considero seu estudo muito interessante, tendo sido ele um grande apoio para que eu pudesse realizar a presente análise.

Gostaria de lembrar ainda que o estudo aqui exposto não é exaustivo nem apresenta conclusões defini-

tivas; muitas delas podem estar sujeitas a mudanças, à medida em que se for aprofundando o conhecimento da língua Trumai; mas, para o presente momento, foram estes os resultados aos quais se pode chegar.

CAPÍTULO 1

A LINGUA TRUMAI - FONOLOGIA

1. O grupo indígena

1.1. Dados Etnográficos - Localização geográfica

Os índios Trumai vivem no Parque Indígena do Xingu (Mato Grosso). Atualmente, segundo os cálculos feitos com a ajuda de moradores de uma das aldeias, os Trumai somam 109 indivíduos, divididos em 4 localidades diferentes:

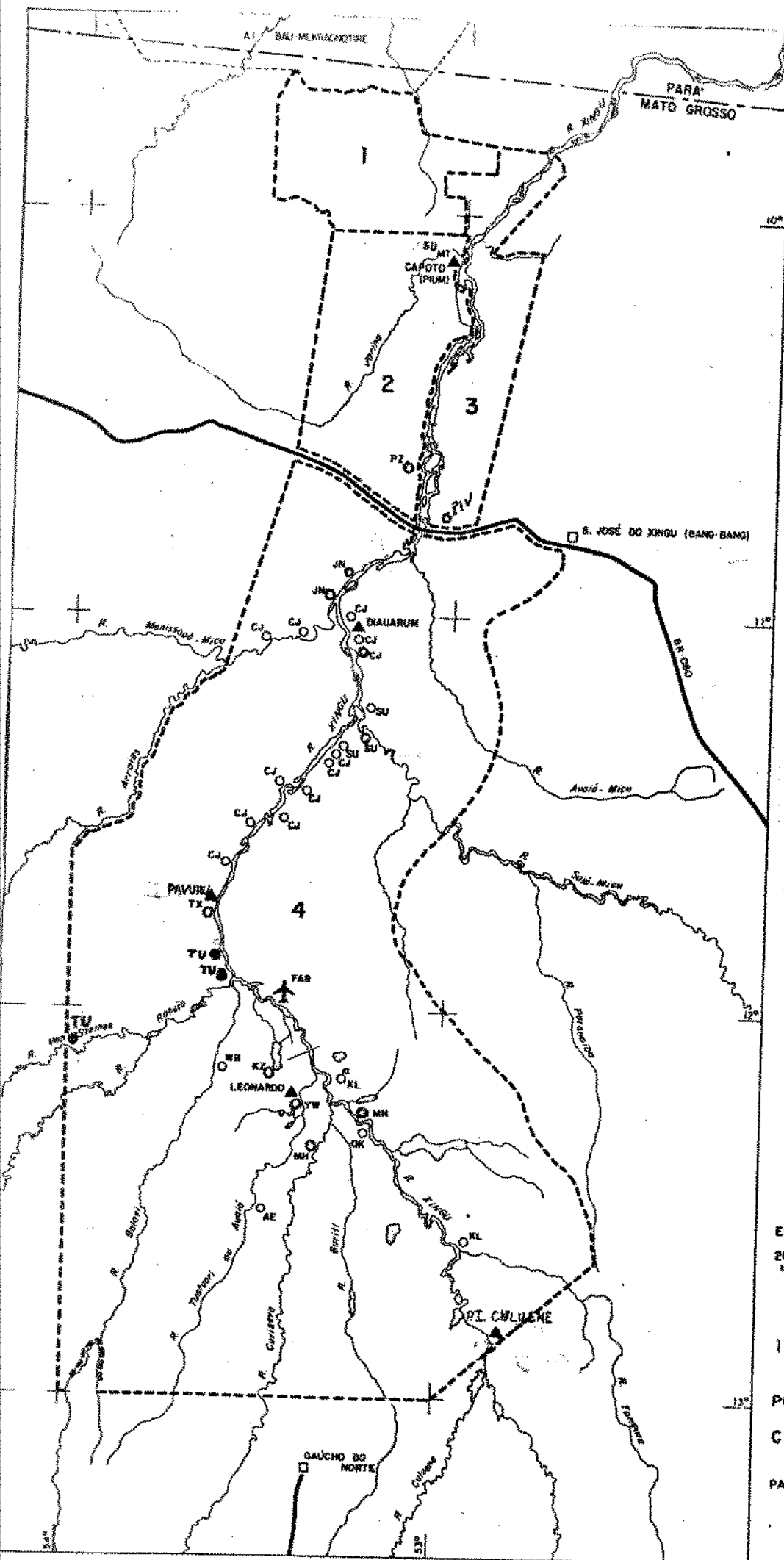
aldeia **Terra Preta**, localizada no médio Xingu; possui 37 habitantes;

aldeia **Boa Esperança**, também localizada no médio Xingu, com 23 moradores;

aldeia **Steinen**, localizada às margens do rio de mesmo nome; tem 28 moradores;

posto indígena **Pavuru**, localizado no médio Xingu, local onde vivem 21 pessoas consideradas como sendo do povo Trumai *1.

O trabalho com informantes, como já se disse na introdução, foi realizado com moradores da aldeia Terra Preta. Esta aldeia é praticamente vizinha da Boa Esperança, e por isso seus moradores se visitam regularmente.



CONVENÇÕES

cód. povo

AE Aweti

CJ Kayabi

JN Juruna

KL Kalapalo

KZ Kamayurá

MH Mehinaku

MN Matipu-Nahukwá

MT Kaiapó (Metuktire)

PZ Panará (kren Akarara)

OK Kuikuru

SU Suyá

TP Tapayuna

TU Trumai ●

TX Txikão

WR Waurá

YW Yawalapiti

PV Posto Indígena de Vigilância

ESCALA GRÁFICA

20 km 0 20 40

1986

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

CEDI

PARQUE INDÍGENA DO XINGU

te. O posto Pavuru fica³ alguns quilômetros abaixo destas aldeias, porém o acesso a ele é um pouco mais difícil. Os Trumai que vivem neste local são funcionários do posto ou familiares destes, e pessoas casadas com indivíduos do povo Txikão, cuja aldeia está localizada próxima ao posto.

1.2. Dados históricos

Os Trumai, segundo suas tradições, teriam vindo de uma terra localizada a Sudeste (Murphy & Quain, 1955), provavelmente da região entre o Araguaia e o Xingu. Há a hipótese de que eles se mudaram de lá por sofrerem ataques dos Xavantes. Teriam atingido a região do rio das Mortes e serra do Roncador há cerca de 150 anos, época provável de seu deslocamento, tendo se dirigido para a região do Rio Culuene (Villas Boas, 1970), localizada na área também conhecida como Alto Xingu, onde passaram a conviver com povos ali residentes; nesta área tradicionalmente vivem povos Aruak, Karib e Tupi *2.

Acredita-se que os povos desta região teriam se dirigido para lá provavelmente devido ao processo de rearranjo demográfico desencadeado pela colonização. Por ser uma área isolada, de difícil acesso, o Alto Xingu podia ser considerado um local de refúgio.

Os primeiros contatos dos Trumai com outros povos da região não foram pacíficos. Por ocasião da vinda do

pesquisador alemão Karl von den Steinen, o primeiro branco a visitar a região, no fim do século passado, os Trumai ainda não mantinham boas relações com as tribos locais. A sua integração se deu mais tarde, com a incorporação de hábitos e elementos comuns aos povos do Alto Xingu: segundo os estudiosos, os povos desta área, apesar das diferenças étnicas e linguísticas, apresentam grande homogeneidade cultural, compartilhando os mesmos costumes e tradições. O isolamento da região, a proximidade dos grupos, o comércio entre eles e o casamento intertribal são fatores que teriam propiciado essa uniformidade, já observada por Steinen. A intensidade dos contatos teria favorecido a influência recíproca entre os grupos, levando à homogeneidade cultural que se faz sentir, principalmente, nas atividades de subsistência, na mitologia, no sistema de parentesco e na vida cerimonial (Galvão & Simões, 1966).

Os Trumai, ao mesmo tempo em que incorporaram padrões culturais alto-xinguanos, preservaram certas particularidades que os diferenciam dos demais povos desta área. Por exemplo, não participam da festa do Kwarup (a cerimônia tradicional dos Trumai é o Javari) e consomem alimentos proibidos para os alto-xinguanos, como a capivara, o coati e o tamanduá.

A localização de suas aldeias foi alterada diversas vezes no decorrer de sua história. São assinalados pela primeira vez por Steinen, em 1884, com duas aldeias (uma

com 8 casas, outra com 5) à margem do Culuene, logo abaixo da desembocadura do Culiseu. Depois, deslocam-se para vários pontos, chegando a se reunir a outras tribos, para novamente se separar. São encontrados vivendo junto aos Aweti em 1887 (Steinen, 1940 - Ehrenreich, 1929); com os Mehinaku em 1889 (Meyer, 1898-1900); com os Nahuqua em 1924 (Hinterman, 1925 - Vasconcelos, 1945).

Em 1952 estão no baixo Culuene, aproximadamente na mesma posição registrada por Steinen. Nessa época são considerados em vias de extinção, pois possuíam uma reduzida população de 18 pessoas (Galvão & Simões, 1966). Tal depopulação seria decorrente de guerras e epidemias de gripe e sarampo.

Em 1963 os Trumai são encontrados com uma população de 21 pessoas. O grupo está então recomposto por crescimento vegetativo e adesão de elementos de outras tribos através de casamento e parentela (Galvão & Simões, 1966).

Os Trumai viveram ainda nas proximidades do posto indígena Diauarum, sendo encontrados lá por Monod-Becquelin em 1966, e depois, nas redondezas do posto indígena Leonardo Villas Boas, onde chegaram provavelmente no final dos anos 60, permanecendo ali até meados da década de 70. A seguir, mudaram-se para a aldeia Pato Magro, no médio Xingu, aldeia que mais tarde deu origem a duas outras: Terra Preta e B. Esperança. Recentemente

foi formada uma terceira aldeia Trumai, a Steinen.

A população tende a crescer, sendo grande o número de jovens e crianças (eles são mais numerosos que os adultos). No entanto, ainda não está sendo possível o casamento entre eles, dado que todos são parentes próximos. Assim, os Trumai ainda continuam a se casar com pessoas de outras tribos, tal como os mais velhos o fizeram. Atualmente não há um único casal Trumai formado apenas por pessoas do grupo. Já em 1966-1967, Monod-Becquelin observou que não havia, há várias gerações, um Trumai sem parentes consanguíneos estrangeiros ou que não participasse de uma união intertribal. Esses fatos históricos explicam o diversificado quadro linguístico existente atualmente nas aldeias Trumai (tratado com detalhes mais adiante).

1.3. Elementos culturais do povo Trumai

Segundo fontes históricas (Vilas Boas, 1970), os Trumai antigos não conheciam a mandioca, o milho e quase todas as plantas que hoje cultivam. Os homens usavam cabelos compridos e estojo peniano. As mulheres usavam uma faixa que envolvia a cintura, passando entre as pernas. Não conheciam a rede, dormindo em esteiras. Possuíam um tipo de cerâmica diferente daquela feita no Xingu. Eram especialistas na produção de sal extraído de plantas aquáticas e na fabricação de machados de pedra, que co-

mercializavam com outras tribos (Galvão & Simões, 1966).

Todos esses dados documentados são confirmados pelos índios Trumai de agora; eles inclusive ainda se lembram do termo usado para designar o tapete de dormir: /weset/, termo este que deixou de ser usado com o passar do tempo. Eles contam ainda que os antigos comiam borboletas, que também não conheciam o arco e a flecha, tendo aprendido a usá-los depois que chegaram ao Xingu. Em vez de arco e flecha, os Trumai usavam borduna e o propulsor de flechas *3, instrumento que viriam a introduzir no Xingu para a cerimônia desportiva do Javari.

O Javari, também conhecido por Yawari (Galvão & Simões, 1966), foi levado para o Alto-Xingu pelos Trumai. Foi adotado por diversas tribos que hoje em dia também o praticam. O termo Yawari, na verdade, é de origem Kamayurá. Era o nome usado por este povo para designar o propulsor de flechas, usado na cerimônia:

" O propulsor tirou o seu nome da palmeira tucum: Yauarí. Observa-se muitas vezes que a planta que fornece o material, também dá nome ao utensílio; os Kamayurás acrescentavam uma determinação mais precisa, dizendo Yauarí amomoápe, o que significa (amo longe, mo causativo, pe quebrar, ferir) "tucum que despedaça à distância." "

(U. Steinen - 1940 - vol. XXXIX - pp.371) *4

Ou seja, o termo Kamayurá usado para o instrumento acabou se estendendo para sua festa (o Javari é a dança do propulsor, representando o ferimento na luta), que passou a ser mais conhecida por este nome.

Contam alguns Trumai que foram os índios Payetan e Arawayan que ensinaram o Javari para eles. Mas como não há registros históricos sobre grupos com essa denominação, não se sabe a que povo de fato os Trumai estariam se referindo. Pode ser, inclusive, que eles sejam apenas povos "míticos" (seria a lenda da origem do Javari).

Há anos a cerimônia do Javari não é realizada pelos Trumai. Segundo Ararapan, chefe da aldeia Terra Preta, pela tradição esta festa é realizada apenas em ocasiões especiais, como a da morte do dono ou de um arqueiro do Javari. O velho Inituarê, seu pai, é o atual dono do Javari. O irmão de Inituarê, que era arqueiro, faleceu recentemente. A festa infelizmente não foi realizada e há risco de que a tradição se perca, pois os jovens não estão aprendendo os cantos entoados na cerimônia.

A dança do Tawarawana também parece ter sido levada para o Alto-Xingu pelos Trumai. Havia ainda entre os antigos outros jogos, como o do morcego, o do lagarto, o da minhoca, o da mandioca, a corrida do tronco do buriti, que segundo Ararapan também era realizada pelos índios Krahô e Xavante. Estes jogos, com o tempo, foram deixando de ser realizados, mas ainda permanecem na memória dos mais velhos.

Muitas das tradições alto-xinguanas foram incorporadas aos costumes dos Trumai. Isto é notado principalmente na mitologia, como nos mitos do Warakuni, que narra a origem da festa do Kwarup, ou do Mautsini, avô dos gêmeos Sol e Lua. Também aprenderam danças com outros grupos, como a Yamurikuma.

É possível notar, ainda, uma influência grande das tradições Kamayurá entre os Trumai. Colaborou para isso o contato que há muito vem ocorrendo com pessoas deste povo, com quem inclusive muitos Trumai se casaram, devido a problemas de população escassa. Isso ocorria já em 1938, fato observado por Buell Quain. Houve, portanto, uma influência recíproca entre o Trumai e outros povos xinguanos, no que se refere a hábitos culturais.

Atualmente, nota-se uma preocupação grande da parte dos mais velhos na preservação dos costumes, pois se teme que os mais jovens, influenciados agora não por outros povos indígenas, mas pela cultura do branco, venham a abandonar suas tradições.

2. A língua Trumai

O Trumai é considerado uma língua isolada, isto é, não apresenta parentesco genético com nenhuma outra língua. Há um único estudo sobre uma possível filiação genética do Trumai, feito por Greenberg (1956), que o coloca como pertencendo ao tronco linguístico denominado

Equatorial. No entanto, a proposta de existência deste tronco sofreu muitas críticas por parte de outros estudiosos, que não concordam com os parentescos genéticos levantados por Greenberg.

Consideramos que ainda faltam elementos para que se possa dizer a que tronco linguístico o Trumai estaria filiado, o mesmo ocorrendo quanto a suas características tipológicas: Monod-Becquelin (1975) levanta a hipótese de que ele estaria tipologicamente mais próximo das línguas Tupi do que das línguas Aruak, Jê ou Karib; porém, as informações em que ela se apoia para chegar a esta conclusão são poucas, o que nos faz considerar que há necessidade ainda de maiores estudos sobre o assunto.

Os estudos de caráter propriamente linguístico que existem sobre o Trumai são os realizados pela antropóloga francesa Monod-Becquelin (1975; 1976). Além destes, há uma pequena lista vocabular anotada pelo pesquisador alemão K. V. den Steinen em 1987, e estudos de cunho antropológico realizados por B. Quain em 1938, publicados postumamente por R. Murphy (1955).

Há possibilidade de que exista mais de um dialeto do Trumai. Contam alguns que havia um sub-grupo de Trumai, denominado **Waldat**, sendo seus últimos remanescentes alguns moradores da aldeia Boa Esperança. Segundo Quain (1950), existiu de fato uma aldeia chamada **Wahldat**, e seus moradores eram identificados pelo mesmo nome do lugar:

" People were often referred to by other Trumai according to the village in wich they were born. Thus, a **Wahldat faxlo** was, literally, a son of Wahldat."

(Quain & Murphy, 1950 - pp. 9)

Mas, na época de sua estadia entre os Trumai, havia uma única aldeia (Anariatan), de modo que as pessoas oriundas de Wahldat deveriam também viver ali.

Monod-Becquelin também atesta a existência de pessoas Trumai de origem Waldat (citados como **Aualdat**, em seu trabalho). Conforme diz Becquelin, o falar dos **Aualdat** era uma "língua dialetal" (sic) falada há duas gerações.

Segundo Amati, um de nossos informantes que mora na aldeia T. Preta, existiam diferenças entre o modo de falar dos Waldat e o dos demais Trumai. Diz ele que ainda há diferenças entre o falar de sua aldeia e o de alguns moradores de B. Esperança. Estas seriam diferenças nos sons, palavras e mesmo ordem de elementos da oração ("eles falam um pouco invertido").

Infelizmente, não foi possível verificar esta informação, isto é, fazer uma comparação entre os falares das aldeias T. Preta e B. Esperança. Em conversa com uma das moradoras da aldeia B. Esperança, ela contou que era descendente dos Awaldat, mas que já não sabe mais falar como eles, sendo o seu modo de falar o mesmo dos outros

Trumai. Segundo ela, já não deve existir mais ninguém que fale o Trumai dos Waldat. Fica registrada aqui esta informação, porém ela necessita ainda ser melhor investigada.

3. Justificativa para o estudo

Vários motivos podem justificar este estudo sobre o Trumai. Primeiramente, pela sua própria condição de língua isolada: as línguas do mundo são classificadas em famílias segundo critérios genéticos; uma língua pertencente a uma determinada família apresenta características básicas que são reencontradas em outras línguas da mesma família. No caso das línguas isoladas, o que ocorre é que ela é a única a apresentar certas características. Por isso, como diz o prof. A. Rodrigues, "Embora toda língua tenha propriedades únicas, que se perdem quando essa língua desaparece sem ter sido devidamente documentada, essa perda é muito maior quando se extingue uma língua isolada" (Rodrigues - 1986 - pp.93).

O Trumai não é atualmente uma língua em extinção (embora quase já o tenha sido), mas sua situação não é tampouco muito favorável, dada a atual constituição de seu povo, composto não só por índios Trumai, mas também por indivíduos de outras tribos, que se casaram e constituíram família com pessoas deste povo. O que resulta de tal fato é que nas aldeias Trumai se fala não só esta

língua, mas também o Kamayurá, o Aweti, o Suyá, além do Português *5.

Ocorre, então, que em geral as pessoas nascidas nas aldeias Trumai aprendem a falar línguas de outros grupos xinguanos, porque têm um dos pais estrangeiro. No entanto, representantes de outras tribos não aprendem a língua dos Trumai, por ser esta considerada "muito difícil".

Com isso, o Trumai não se difunde, ficando restrito aos habitantes de suas aldeias (que são pouco numerosos), correndo o risco de ser paulatinamente substituído por línguas de outros grupos, ou mesmo pelo Português. A situação da língua Trumai frente ao Português não é realmente muito boa. A maioria dos índios deste povo é falante da língua portuguesa, variando o grau de proficiência neste idioma. Em geral, são os mais jovens que conhecem melhor o Português, e o usam com uma frequência grande, principalmente os rapazes e meninos que, durante as atividades que executam juntos, comunicam-se quase sempre em Português e não em Trumai, que empregam mais quando conversam com os pais ou outros adultos.

Esse fato cria uma situação desfavorável, porque além dos jovens estarem optando por se comunicar em uma língua que não é a do seu povo, está-se criando uma via de aprendizado de Português dentro da própria comunidade: as crianças pequenas aprendem esta língua com os irmãos mais velhos, quase ao mesmo tempo em que aprendem o

Trumai com os pais.

Por enquanto este quadro não é totalmente problemático, pois os jovens ainda conhecem bem o Trumai e o empregam em algumas ocasiões, mas ela pode vir a se agravar futuramente se os jovens de agora, depois de adultos, optarem por falar com os filhos somente em Português. Tal possibilidade causa preocupação entre os líderes da comunidade, que procuram meios de alterar esse quadro. A língua Trumai está, portanto, em uma situação não muito favorável, e isso nos fez acreditar que ela deveria ser melhor documentada, não limitando seu conhecimento apenas ao estudos já existentes, que ainda eram poucos.

O trabalho de Monod-Becquelin *6 , embora bastante cuidadoso em alguns pontos (como a fonologia), não é exaustivo. Constatamos que havia assuntos que poderiam ser enfocados a partir de novos pontos de vista (como a morfologia) e outros que não haviam sido suficientemente desenvolvidos, como é o caso da sintaxe. A própria pesquisadora francesa, em seu trabalho, reconhecia a necessidade de um corpus maior e de mais investigações sobre fenômenos sintáticos do Trumai. Colaborava para tal necessidade o fato de não ter havido novos estudos sobre a língua, nem por outros pesquisadores, nem por Monod-Becquelin; seu último artigo publicado sobre os Trumai é de caráter antropológico.

As análises que Becquelin realizou, por sua vez, baseiam-se em uma teoria muito particular, a de Martinet. Este fato demonstrava também a necessidade de um novo estudo, abordando-se o Trumai com base em conceitos mais recentes da teoria linguística. A linha tipológico-funcionalista, que trata de muitos fenômenos observados em línguas indígenas, hoje se encontra mais desenvolvida, com várias colocações teóricas que permitem discutir com maior profundidade fatos sintáticos de línguas pouco estudadas.

Para a realização de nosso trabalho, foi feita a coleta de dados linguísticos junto a falantes nativos, tendo em vista, por uma lado, testar as informações já existentes sobre a língua ou esclarecer dúvidas e, por outro lado, ampliar o corpus e a análise. Ao mesmo tempo, o fato de haver estudos e reflexões prévias sobre o Trumai tornou possível avançar a análise da língua em tempo mais reduzido, pois uma vez que alguns níveis de análise já haviam sido percorridos, pode-se seguir adiante a investigação ou realizá-la mais a fundo.

O objeto de estudo desta dissertação é a morfossintaxe da língua Trumai, em especial, o seu sistema de marcação de caso. Para o estudo contou-se não só com os dados Becquelin, mas principalmente com dados coletados com informantes nativos da língua Trumai. Estes mesmos informantes também colaboraram para esclarecer fatos da

língua e dúvidas sobre determinados pontos. Nossos dados foram coletados em três viagens ao campo: Julho-Agosto/1989; Julho/1990; Julho/1991, e consistem de itens lexicais isolados, sintagmas, orações (declarativas; negativas; interrogativas) e pequenos textos.

Trabalhamos basicamente com dois informantes: Kumaru e Amati. Kumaru é um mulher de meia-idade, cujos os pais são ambos Trumai. É considerada uma boa falante da língua Trumai, tendo sido indicada pela comunidade para ser a informante, tarefa que desempenhou com muita dedicação e paciência. Porém, Kumaru não domina bem o Português; isso, por um lado, foi positivo, porque se obteve dados sem a influência da língua portuguesa; por outro, criou-nos uma dificuldade no início do trabalho, mas esta foi logo superada, através da colaboração de outros Trumai, bilíngues, que nos auxiliaram na tarefa de elicitação e gravação de dados junto com Kumaru.

Nosso outro informante foi Amati, homem de meia-idade, irmão mais velho de Kumaru. Foi o informante de Monod-Becquelin. Nosso trabalho com ele era de esclarecimento de dúvidas e investigação de fatos sobre a língua; muitos dos dados gravados com Kumaru eram verificados ou analisados com ele. Amati domina bem o Português (inclusive, é alfabetizado nesta língua) e tem grandes conhecimentos sobre o Trumai.

Além deste dois informantes "oficiais", contamos com o auxílio de:

Kaun, prima de Kumaru; mulher de meia-idade; falante de Português e Trumai;

Koino, filha de Kaun; deve ter atualmente cerca de 19 anos. Fala bem o Português e o Trumai. Provavelmente sabe algo de Suyá (língua de seu pai);

Pedro (Matawai), filho de Amati; possui cerca de 27 anos; será futuramente chefe da comunidade;

Yakairu, irmã de Pedro, com cerca de 14 anos; é bilingue; tem conhecimentos de Kamayurá (língua de sua mãe);

Ariakumalu, filha do chefe Ararapan; têm cerca de 17 anos. Fala Trumai, Português e Aweti;

Axaxi, primo de Amati; homem um pouco idoso; é um dos conhecedores das tradições dos Trumai; conhece termos antigos da língua;

Ararapan, chefe da aldeia Terra Preta; homem de meia-idade; fala o Português e o Trumai, além de outras línguas xinguanas. Tem conhecimentos sobre a história do povo Trumai e sobre seus mitos.

Foi possível ainda coletar narrações históricas e mitos, contados Inituari, pai de Amati e Kumaru. Ele é pagé, grande conhecedor de raízes. Conhece muito da História e das tradições do povo Trumai; é considerado o primeiro cantor de Javari de todo o Xingu. Fala muitas línguas xinguanas, tendo sido chefe da comunidade em tempos passados.

Como se pode ver, contamos com muito bons informantes, fato que permitiu que se pudesse adquirir muitos conhecimentos não só sobre a língua, mas também sobre o povo Trumai.

Para o estudo linguístico aqui realizado, adotamos como modelo teórico o Funcional-tipológico. Preferiu-se este modelo a outros porque pareceu ser ele o que se mostrava mais adequado para o estudo no estágio atual de nosso conhecimento da língua. Futuramente, quando ele estiver mais aprofundado, outras linhas teóricas poderão ser adotadas.

Por fim, gostaríamos de acrescentar que nosso estudo levou em conta os trabalhos realizados por Monod-Becquelin, os quais se constituíram em uma fonte de consulta, e as "críticas" ou discordâncias aqui apresentadas com relação a certas partes de seu material dizem respeito não ao seu trabalho, que reconhecemos ser de grande valor, mas a alguns pontos de sua análise que nos pareceram problemáticos, o que nos fez apresentar novas propostas de análise: na fonologia, basicamente concordamos com a proposta de Becquelin. É com relação à morfologia que nossa contribuição é diferente, apresentando outra divisão de classes. Sobre a sintaxe, nosso estudo também se diferencia do da pesquisadora francesa, porque apresentamos outra análise para a marcação de caso e aprofundamos o estudo de fenômenos sintáticos, cujos aspectos Becquelin pouco abordou.

Reconhecemos a importância do trabalho desta pesquisadora, inclusive por ser o primeiro a tentar descrever uma língua até então completamente desconhecida (exceto por pequenas listas vocabulares), o que sem dúvida é uma tarefa que exige grande esforço. Nosso estudo procura aprofundar pontos cuja abordagem Becquelin iniciou, e esperamos que ele seja uma contribuição para o melhor conhecimento desta língua.

4. A fonologia da língua Trumai

Por ser o principal objeto desta dissertação elementos da morfossintaxe do Trumai, a fonologia não será apresentada de forma aprofundada, mas apenas nos seus aspectos básicos, de modo que se tenha um conhecimento dos elementos fonológicos desta língua e que se contribua para melhor acompanhar a análise dos fatos morfosintáticos.

Monod-Becquelin (1975) apresenta em seu trabalho uma análise detalhada da fonética e fonologia do Trumai. Foi feita uma pequena revisão desta análise, confrontando-a com os dados coletados. Os resultados obtidos em nossa análise concordam com boa parte das conclusões obtidas por Becquelin, com exceção de alguns pontos, que discutiremos aqui.

Será utilizado o alfabeto da Associação Fonética Internacional (I.P.A.). Os dados foram coletados com informantes nativos do Trumai. A análise se baseia em Pike

(1946), mas também se levou em conta a teoria de Martinet (1967), uma vez que foi esta a adotada por Becquelin. Foram consultados ainda os materiais de Ladefoged (1975).

4.1 Quadro de fonemas

A. Consoantes:

		BILABIAL	LABIODENTAL	DENTAL	ALVEOLAR	PALATOALVEOLAR	PALATAL	VELAR	GLOTAL
oclus.	su	p		t	t			k	ʔ
	so				d				
nasal		m			n				
lateral					l				
flepe					r				
fricat.			f	s		ʃ		x	h
contínua s/fricção		w					j		

Os fonemas consonantais do Trumai são os seguintes:

1. /p/ oclusiva bilabial surda
2. /t̪/ oclusiva dental surda
3. /t/ oclusiva alveolar surda

4. /d/ oclusiva alveolar sonora

5. /k/ oclusiva velar surda

A série de oclusivas surdas ocorre nos pontos bilabial, dental, alveolar, velar e glotal. Há apenas uma oclusiva vozeada, que segundo Becquelin, realiza-se como uma oclusiva apico-alveolar "fortemente glotalizada" [dʔ]. Em nossa percepção, nem todas as realizações são glotalizadas, sendo a realização mais geral apenas como oclusiva alveolar vozeada. Porém, como assinala Becquelin, o vozeamento é fenômeno secundário, sendo que é a tensão o traço distintivo pertinente à oposição /t/:/d/.

Com exceção da oclusiva dental, todas as oclusivas se realizam como implosivas na posição final de monossílabos. A oclusiva bilabial pode apresentar ainda uma variante [p^h], usada por alguns falantes na posição inicial de palavra.

A seguir, exemplos de ocorrência:

[¹pup¹] "pacote"

[h¹pt¹p] "flecha de javari"

[pi¹k¹] "casa"

[tup¹] "abanador"

[h¹ot¹t¹] "milho"

[¹taf] "ovo"

[¹xot¹] "caroço"

[¹sut¹] "vento"

[h¹omat] "vermelho"

[¹taf] "umbigo"

[¹iti] "medo"

['kɔd'] "cera"	['hɔd'] "coxa"
[a'pud] "por baixo"	[dɪnõ'ʔo] "menina"
[sɪda] "folha"	

['puk'] "mutum"	['dak'] "joelho"
[ɔmak] "peixe-cachorro"	
['kɔd'] "cera"	[o'kɛ] "remédio"

6. /ʔ/ oclusiva glotal

A oclusiva glotal não ocorre nas posições inicial e final de palavra. Ocorre em posição medial, entre vogal e outras consoantes; nesta posição, contrasta com 0. Ex (retirados de Bec- pag 102):

piʔsi "se aquecer perto do fogo"	-	pi0si "irmão"
piʔta "convidar"	-	pi0ta "sair"

Pode ocorrer ainda entre outra consoante plosiva e vogal, não tendo sido atestada (nessa posição) em combinação com outros tipos de consoantes. A plosiva e a glotal são consideradas como duas consoantes em sequência, e não como um único fonema, porque não há pares mínimos entre plosiva e plosiva + oclusiva glotal, e porque a língua apresenta outros encontros consonantais (pɪts "pé" ; pitl "barriga" ; laf.ku "nadar"; to.pet.ne "jacaré" ; ti.laf.si.lo "cocar", etc).

A oclusiva glotal pode ocorrer ainda entre vogais, quebrando sequências vocálicas; porém, nesta posição,

sua ocorrência é previsível. A seguir, exemplos:

[xu?'tsa] "ver"	[a?'di] "muito"
[aʔa?'tsi] "sentar"	
[pétʔɛw] "perereca"	[détʔa] "bom"
[hiʔano] - /hi/ /ano/ "tua língua"	

7. /m/ nasal bilabial

/n/ nasal alveolar.

Em relação às consoantes nasais, Becquelin diz que para /m/ há dois alofones, um sonoro em posição intervocálica, outro surdo nos demais ambientes. A realização surda seria a mais dominante.

Para o fonema /n/, também fala de duas variantes, uma surda, outra sonora, mas não apresenta os contextos de sonorização.

Em nenhum de nossos dados foi observada uma realização surda de /m/ ou /n/. Às vezes ela parece ser mais sonora no contexto intervocálico do que nos outros ambientes, mas nota-se também que sua duração parece ser maior (ela é mais longa); aumentando-se a duração, a sonoridade parece maior. Talvez seja isso que provoque as mudanças na qualidade do m e do n, que Becquelin estaria chamando de variante sonora, em oposição às demais, que ela considera surdas, mas todas as realizações parecem-nos igualmente sonoras. Consideramos, pois, que /m/ e

/n/ não apresentam realizações surdas.

Quanto ao ponto de articulação de /n/, Becquelin define-o ora como alveolar, ora como dental. Foi verificado esse fato junto aos informantes, e constatou-se que o /n/ do Trumai é alveolar.

A seguir, exemplos de ocorrência de /m/ e /n/:

[maʔ¹tsi] "doença" [xu¹ma] "banhar"

[¹xõm] "chupar"

[nanẽ¹de] "ceu"

[hĩ¹nt] "pronome-3^apsg"

[¹xõn] "olho"

9. /f/ fricativa labiodental surda

Sobre a fricativa labiodental, diz Becquelin que em algumas palavras, como fapti "orelha", esta fricativa se realiza quase como um "w" e isso, na sua opinião, é influência do Kamayurá que não tem "f" e que é falado por "todos os Trumai" (todos no final dos anos 60, época de sua pesquisa); mas onde o "f" tem que ser distintivo (ex: fa^fja "ter buraco na casa" ; wa^fja "ramo" ; fapti "orelha" ; wapti "aparecer"), ele é claramente uma contínua labiodental surda.

Não foi observada essa variação registrada por Becquelin; em alguns casos, nota-se a realização de f com certa modificação, mas ela parece ser motivada pelo contexto. P. ex. nas palavras /ha/ /faxlo/ "meu fi-

lho", onde às vezes se obtém [haβaxlo], provavelmente por causa do ambiente intervocálico. Porém, o fato da variação f/w não ter sido encontrada por nós não significa que ela não possa ter surgido nos dados de Becquelin.

Seja como for, se esta variação for observada na fala de algum Trumai, concordamos com Becquelin de que se trata apenas da realização de um alofone. Entretanto, discordamos da sua opinião sobre ser isto uma influência do Kamayurá; parece-nos que faltam ainda maiores evidências para se poder chegar a esta conclusão. A seguir, exemplos de ocorrência de /f/:

[¹fi] "fumo"

[tsi¹fɜn] "coisa"

[laf¹ku] "nadar"

[tsi¹wɛf] "cana brava"

10. /s/ fricativa dental surda

11. /ʃ/ fricativa palato-alveolar surda

12. /x/ fricativa velar surda

As fricativas dental e palato-alveolar realizam-se como surdas em todas as posições. Já a fricativa velar apresenta um alofone sonoro [ɣ] em posição intervocálica. Exemplos:

[si] "canoa"

[hu¹sa] "amarrar"

[a¹si] "estrela"

[a¹dis] "índio"

[ʃaj] "tarde"	[kɔdɛʃɪʃ] "cobra"
[xu'ma] "banhar"	[a'ʁɔs] "criança"
[du'ʁux] "sangue"	[tawax'ka] "arara"
[pɛx] "muito"	

13. /h/ fricativa glotal surda

Não se verifica ocorrência de /h/ na posição final de palavras. Dada essa não ocorrência, Becquelin fala não de neutralização da oposição h/x, mas de distribuição com lacuna de /h/. Estamos de acordo com esta análise.

Quanto à posição inicial, o Trumai parece estar apresentando uma perda paulatina de /h/ nesta posição. Este fenômeno está sendo observado, atualmente, nos numerais, nas formas pronominais (cf. pronomes) e no advérbio de negação (cf. advérbio), mas pode ser que venha a se generalizar para outras palavras. A seguir, exemplos de ocorrência de /h/:

[ho'tɛt] "milho"	[ʃahnĩ'nĩ] "noite"
[ha'hak] "não"	

14. /r/ tepe

O tepe ocorre apenas em posição medial e final de palavra e sílaba. Apresenta sempre a mesma realização.

Exemplos:

[pɛ'rɛw] "pedaço em forma crescente"

[o'ra] "chorar"

[tarhũnhũn'kɛ] "aranha"

[faxta'xer] "bravo"

[muʔsi'ɛr] "garganta"

15. /l/ lateral alveolar sonora

A lateral alveolar /l/ apresenta uma variante, a lateral fricativa surda [ɬ], em posição depois de /t/.

Gostaríamos de apresentar mais detalhadamente a análise de Becquelin para o fonema /l/, análise esta com a qual concordamos.

Becquelin considera que a lateral fricativa ([ɬ] em seu trabalho) não constitui um fonema, mas um alofone de l depois de t. Becquelin interpreta tɬ como uma realização de /t/ + /l/, reconhecidamente fonemas da língua. Seu argumento para esta conclusão é de que não se pode opor t + ɬ a t + l, nem t + ɬ a tɬ. Além disso, não há pares mínimos entre ɬ e l.

Em alguns casos, observa-se que na realização fonética nem sempre a oclusão é totalmente perceptível; por exemplo:

[kɔ'dɛtɬ] "bicho (que voa)"

Por isso é que Becquelin propõe a representação fonética (t) + ɬ, mas preferimos representar por [tʰ].

Quanto ao ponto de articulação de /l/, Becquelin define-o também ora como alveolar, ora como dental, mas foi verificado que ele é alveolar. A seguir, exemplos de ocorrência de /l/:

[ˈlaf] "respirar"

[oˈlɛ] "mandioca"

[ˈwal] "cantar"

[talˈtal] "formiga"

[ˈtʰat] "rir"

[faˈtʰa] "furar"

[aˈtʰat] "panela"

[ɔˈtʰ] "dormir"

B. Vogais

	anterior	central	posterior
alta	i	ɨ	u
média	e		o
baixa		a	

Os fonemas vocálicos do Trumai são os seguintes:

/i/ vogal anterior alta oral
 /e/ vogal anterior média oral
 /a/ vogal central baixa oral
 /ɨ/ vogal central alta oral
 /o/ vogal posterior média oral
 /u/ vogal posterior alta oral

Todas as vogais realizam-se foneticamente nasalizadas em contexto nasal. As vogais médias /e/ e /o/ apresentam dois alofones em variação livre, um aberto [ɛ] ; [ɔ] e outro fechado [e] ; [o]. A seguir, exemplos de ocorrência das vogais:

[¹fi] "fumo"

[¹si] "canoa"

[¹pi^tɨ] "barriga"

[a¹pĩn] "(Ele) pega"

[tehnɛ¹ne] ~ [tɛhnɛ¹nɛ] "terra"

[¹pɛ^tɨ] "ânus"

[ma¹kẽn] "(Ele) morde"

[¹sa] "dançar"

[¹fa] "matar"

[wɔn] "pluralizador"

[kode¹ʃiʃ] ~ [kode¹ɛʃiʃ] "cobra"

[¹sɔ] "fogo"

[a¹tɔ] "tipo de fruta"

[kat¹nõn] "trabalhar"

V	Ex: a.mi "falar" - a.o "pai"
VC	Ex: a.us "abelha"
VCC	Ex: ha.its "1a. p. sg.-erg." otl "dormir"
CV	Ex: so "fogo" - ta.xu "faca"
CVC	Ex: puk "mutum" - to.pet.ne "jacaré"
CCV	Ex: di.fle "minha irmã"
CVCC	Ex: pits "meu pé" pitl "minha barriga"
CCVC	Ex: ma.la.tsi.tsik "tatu" tlep "pena" fa.tlak "o que é furado"

4.4. A questão dos segmentos W e J

Gostaríamos de discutir agora a análise que Becquelin propõe para j e w e da qual discordamos.

Becquelin considera esses elementos como não silábicos, interpretando-os como semi vogais. Faz um levantamento das estruturas possíveis onde eles podem ocorrer. A partir daí, propõe regras para prever quando ocorre i e u ou j e w (Becquelin-pag 119):

"Règles de l'apparition phonétique de [i],[j], [u],[w]:

1) On ne trouve jamais en Trumai trois réalisations vocaliques de suite.

2) Les semi-voyelles sont "j" et "w".

3) En position 1, on a des réalisations en [i] et [u] en finale ouverte (?ia); [j] et [w] en syllabe non finale, ou finale fermée (jar).

En position 2, ont a des réalisations en [i] et [u] sauf s'il s'ajoute après une autre voyelle (dainta, tya-wi). " *7

Observa-se, pois, que Becquelin leva em conta dois fatores na formulação de suas regras: 1º) estrutura silábica ; 2º) posição da vogal (contato com outra vogal).

Quanto à representação fonológica destes segmentos, Becquelin propõe que eles sejam transcritos por i e u; portanto, ela deve estar interpretando J e W como alofones posicionais de I e U (alofones assilábicos).

Com relação a esta análise, constata-se que , de fato, não pode haver três vogais em série em Trumai.Ex:

(1) tsi + ao → tsi-u "pai dele"

poss. pai

Quando há duas vogais consecutivas, elas estão em sílabas diferentes, porque o Trumai não aceita mais de uma vogal por sílaba. A formação de ditongos pode ocorrer em fala rápida. Porém, na fala lenta, que é mais cuidadosa, as sequências vocálicas são evitadas através da inserção da oclusiva glotal. Por exemplo:

(2)	/hi/ /ami/	"Você fala"
	[hja'mi]	"Você fala" (<i>fala rápida</i>)
	[hiʔami]	"Você fala" (<i>fala lenta</i>)

Isso pode ser um indicício de que esta língua fonologicamente não possui ditongos, que por este motivo são evitados. E, de fato, não há ditongos fonológicos na língua, porque os segmentos *w* e *j* comportam-se como consoantes: em termos de padrão silábico, *w* e *y* ocupam posição de consoante: nunca são centro de sílaba, ficando numa das margens

Ocorrências de *W* e *Y* dentro das sílabas:

V_	Ex: ku.aw "pente" - kaw.aw "marimbondo"
_V	Ex: tu.wa.wi "esteira" - a.tsi.we "mãe"
V	Ex: jaw "gente" - a.jej "avô"
_VC	Ex: ha.wan "nós" - pe.la.sa.wak "anta"
CV_	Ex: werew "pouco" - saw.ken "corda"
C_VC	Ex: hi.na.kwan "eles" - so.ne.kwaj "copo"
	ta.kwij "irmão mais novo"

Se pensarmos nestes elementos como consoantes, teremos:

VC CV CVC CCVC CEVC

ou seja, as sílabas obtidas correspondem aos padrões silábicos do Trumai.

Assim sendo, a estrutura silábica do Trumai permite que se interprete J e W como consoantes, uma vez que ocupam posições de elementos consonantais.

Há também outro bom argumento, que escapou a Becquelin, para se dizer que W e J podem ser considerados consoantes: a sua distribuição nas palavras e as marcações morfológicas que estas últimas recebem. Em Trumai, os marcadores de objeto indireto são *-s* e *-tl*, que recebem uma vogal epentética quando a palavra a que se prendem termina em consoante. Ex:

(3) aek fa feʔde-s

chefe matar onça OI

"O chefe matou a onça"

(4) aek fa kodeʃiʃ-es (ou: kodeʃiʃ-as)

"O chefe matou a cobra"

Considere-se o seguinte dado, retirado do trabalho de Becquelin (pp 179):

(5) fa-ke anuk ʔy-n iaw-as

matar nunca ? 3ª gente OI

"Ele nunca matou pessoas"

Se no exemplo (5), a palavra iaw recebeu a marca de objeto com vogal epentética, é sinal que ela é terminada

em consoante. Assim sendo, conclui-se que W tem status de consoante. Há ainda outros exemplos de Becquelin (pp. 228) que corroboram esta análise:

(6) peteu-as uan ma-n
rã(perereca) obj p1 comer 3p
"(Eles) comeram rã"

(7) suia make topetne-s, koloŋ-os, aienai-s
suia morder jac. obj. morc. obj. rato obj.
"Os Suias comeram jacarês, morcegos, ratos"

Na oração (6), a palavra peteu, que pelos nossos dados é [petʔɛw], sofre o mesmo processo ocorrido com iaw no exemplo (4), indicando novamente que W está funcionando como consoante. No caso da oração (7), a palavra para "rato", segundo o dado fornecido por nossa informante, é /ajenai/, que ela às vezes pronuncia [ajenaʔ¹i]. Nota-se que a informante introduz uma oclusiva glotal entre as vogais, marcando claramente que elas não estão na mesma sílaba; portanto, ocorre i, e não j. O marcador de objeto, aqui, aparece sem vogal epentética porque I, diferentemente de J, é vogal.

Por fim, resta mais um argumento para considerar estes elementos como consoantes: em alguns casos de fronteira de morfemas ou palavras, J é introduzido, quebrando a sequência de vogais que poderia se formar com uma junção (principalmente em fala rápida). Ex:

(8) a. tsi-u + anuk [tsiuj^hanuk]
 pos pai neg.
 "Não é o pai dele"

b. ha ot1 [ha^hɔ^tɬ]
 i^a dormir
 "Eu durmo"

c. ka-wan ot1 [kaw^hɔ^tɬ]
 i^aincl. dormir
 Nós(incl) dormimos"

Se j é introduzido para quebrar sequências vocálicas, tal como ocorre com a oclusiva glotal (que é consoante), é porque j também se comporta como um elemento consonantal.

Por todos estes fatores, interpretamos os segmentos J e W como consoantes, e não como alofones de i e u como faz Becquelin, mesmo porque suas regras para explicar a ocorrência destes elementos não são muito claras; além disso, não nos parece que seja tão previsível a ocorrência de j/w ou i/u. Por exemplo, como saber se kaina "lá" é [kai^hna] ou [kaj^hna], ou paine "conjunto de" é [pai^hnɛ] ou [paj^hnɛ], sem conhecer o dado fonético? O problema da proposta de Becquelin de transcrever Y e W como I e U é que tal transcrição não permite diferenciar os casos em que os segmentos altos funcionam como vogais dos casos onde funcionam como consoantes.

Quanto à realização fonética, ela se dá como uma contínua sem fricção, o mesmo acontecendo com *w*. Fonologicamente não há ditongos na língua, mas no plano fonético podemos dizer que ocorrem.

Por fim, um dado retirado do trabalho de Quain (1955- pp. 51) e que pode ser interessante para considerações históricas:

"avô" , que atualmente é *ajej* , foi registrado por Quain como *adieji*;

"sobrinho" , que é *ajus* , foi registrado por Quain como *adiut*.

Pode ser que na época da vinda de Quain (1938), em algumas palavras ocorresse mesmo uma africada [dʒ]. Este fato poderia ter ocorrido ou pela existência de uma variação livre [j]~[dʒ], ou talvez porque Quain estivesse registrando um dialeto diferente. Atualmente, o que se tem em Trumai é a existência apenas da contínua sem fricção /j/.

Gostaríamos ainda de mencionar a ocorrência do [ʃ]: existem algumas poucas palavras em que surge este som. Uma destas palavras é claramente um empréstimo do Português: [pari'ʃva] "farinha". A ocorrência de [ʃ], neste caso, se explica pelo próprio empréstimo.

Já nos demais exemplos, que são palavras da língua, [ɣ] é um alofone de /j/ em contexto nasal. A seguir, apresentamos os dados:

- (9) a. [a'ɣɛn] - /ajen/ "avô (refer.)"
 b. [ku:'ɣɛn] - /kuujan/ "mato"
 c. [a'ɣena?'i] - [ajena'i] - /ajenai/ "rato do mato"

4.5. Processos Morfofonológicos do Trumai

Neste ponto, faremos menção a alguns processos morfofonológicos do Trumai que serão necessários na discussão de divisão de classes.

São observados os seguintes fenômenos em fronteira de morfemas:

a) Fonológicos:

1. queda de vogal diante de outra vogal (evitando-se que ocorram vogais em série). Ex:

(10) a. tsi + atle → tsitle "mãe dele"
 pos3ª mãe

 b. tsi + ao → tsiu "pai dele"
 pos3ª pai

2. surgimento de vogal epentética (a ou e). Ex:

(11) a. kodeʃiʃ + -s → kodeʃiʃ-es "cobra-OI"
 b. xop + -n → xop-an "boca-loc"

b) Fonéticos:

1. queda de consoante diante de outra consoante idêntica. Ex:

(12) a. ha ma tʔaak-(k)i

iã comer beiju OI

"Eu como beiju"

b. ma tak (k)a-in ha hatke

comer neg ? iã adv. fut.

"Eu não vou comer"

2. introdução do segmento fonético [j] para quebra de sequência vocálica. Ex:

(13) ha ot1 -- [haʔo¹t¹] "Eu durmo"

iã dormir

3. introdução do segmento fonético [ʔ] para quebra de sequência vocálica. Ex:

(14) ha ao -- [haʔa¹o] "Meu pai"

iã pai

NOTAS

*1. Existem pessoas que são originárias de outros grupos xinguanos, mas que contraíram casamento e constituíram

família com pessoas do povo Trumai. Embora continuem a ser identificadas como sendo do grupo de origem, passam a ser contadas também como Trumai.

*2. A região conhecida como Alto Xingu compreende os rios Von den Steinen, Ronuro, Batovi, Culiseu e Culuene. O rio Culuene, que tem como um de seus afluentes o Culiseu, junta-se ao sistema Batovi-Ronuro; a partir daí é formado o rio Xingu (Galvão & Simões, 1966).

*3. O propulsor de flechas, que também era encontrado entre os Karajá, é uma vara fina feita de madeira dura de palmeira. Em uma das extremidades há um gancho, sobre o qual é colocada a flecha; na outra, há um punho com orifício, onde se coloca o dedo indicador. Os demais dedos circundam a flecha. Levanta-se o braço com grande impulso e o propulsor solta a flecha com força (Von den Steinen - 1940 - Volume XXXIX - pag. 370).

*4. Segundo Seki (informação pessoal), Steinen cometeu um pequeno equívoco: -a é um afixo nominalizador, que indica "instrumento":

jawari-a momo-ap "O atirador de tucum (javari)"

tucum FN atirar-nom (FN: função nominal)

*5. Há algumas hipóteses sobre como o Português teria começado a ser usado pelos Trumai. Esse assunto é trata-

do por nós em um artigo a ser publicado brevemente, Uma abordagem Preliminar da Etnografia da Comunicação na comunidade Trumai - médio Xingu

*6. O trabalho de Monod-Becquelin mais abrangente sobre o Trumai é o de 1975, "La pratique linguistique des indiens Trumai". Quando falarmos de Becquelin, estaremos nos referindo ao trabalho mencionado. Se a referência for ao trabalho de 1976, indicaremos isto no texto.

*7. O alfabeto fonético usado por Becquelin é diferente do I.P.A. :

Becquelin	IPA
/g/	/ɣ/
/ʒ/	/ʃ/
/ʔ/	/ʔ/
/l/	/ɬ/

Os demais símbolos são iguais aos do I.P.A.

CAPÍTULO 2

CLASSES GRAMATICAIS DO TRUMAI

Neste capítulo, serão apresentadas as classes do Trumai e abordadas suas principais características. Nossa proposta de análise dos fatos encontrados na língua baseia-se em Shopen(ed) - *Language Typology and Syntactic Description* (1985).

Em seu trabalho, Monod-Becquelin propõe para o Trumai as classes de: Nomes, Verbos, Adjetivos, Advérbios, Numerais, Pessoais, Pluralizadores, Possessivos, Funcionais (os marcadores de caso, locativo, instrumental, etc), Negativos Verbais, Aspectivos Verbais, Modalidade Verbal (o morfema *men*), Derivacionais, Interrogativos e Atualizador (o morfema *ʃi*). Os critérios usados por ela para a identificação das classes foram: a combinabilidade dos elementos; a posição no enunciado; a compatibilidade das classes; o fato de pertencer a um inventário limitado ou ilimitado; o funcionamento sintático.

Em nossa proposta, adotaremos também estes critérios, acrescentando ainda a divisão entre formas presas e formas livres. Alguns termos empregados por Becquelin (p. ex, "verbos interiores") não serão usados aqui, por serem específicos à teoria por ela adotada.

A divisão de classes obtida em nossa análise é diferente da de Becquelin, pois alguns elementos que ela identifica como sendo de classes separadas apresentam

formalmente características semelhantes, podendo ser considerados como pertencentes a uma classe mais geral (é o caso dos numerais e dos possessivos), ao passo que outros que ela considera com o pertencentes a uma mesma classe, apresentam funções diferentes (é o que ocorre com os marcadores de caso e as posposições, que Becque-
lin denomina funcionais; Schachter (1985) sugere que eles sejam tratados separadamente - cf. posposições, adiante). Assim sendo, apresentamos outra proposta de divisão das classes gramaticais do Trumai:

I. FORMAS LIVRES

A) Classes Abertas:

- a.1.Nome
- a.2.Adjetivo
- a.3.Quantificador
- a.4.Verbo
- a.5.Advérbio

B) Classes Fechadas:

- b.1.Pronome (pessoais)
- b.2.Determinantes:
 - b.2.1.Demonstrativos
 - b.2.2.Numerais
- b.3.Partículas Discursivas
- b.4.Interrogativos

II. FORMAS DEPENDENTES:

a.Formas presas:

- a.1.sufixos marcadores de aspecto/*modo*
- a.2.posposições
- a.3.sufixos derivacionais
- a.4.sufixo marcadores de caso
- a.5.afixos de posse

b.Clíticos

Os critérios de segmentação dos morfemas foram o de integralidade e o de minimalidade (as unidades mínimas significativas). Para identificação de formas livres ou presas, afixos ou clíticos, usou-se como critérios:

- a possibilidade de movimentação versus posição fixa
- a possibilidade de poder ocorrer isoladamente
- a(s) categoria(s) morfossintática(s) a que o morfema se associa (Sempre a mesma? Associa-se com várias categorias?)
- ter acento independentemente ou apresentar dependência fonológica com relação a outra palavra
- imunidade ou não a processos sintáticos, como a elisão (sobre isso, cf. adiante o clítico -n/-e)
- possibilidade de descrever a distribuição do morfema por meio de princípios simples (é o caso dos afixos e clíticos)
- fenômenos de ordem fonética/fonológica que surgem na fronteira de morfemas

Porém, é importante lembrar que nem sempre é possível estabelecer com certeza se um morfema é livre ou preso (é o caso do morfema *ii*, que será discutido especialmente). Por isso, algumas de nossas conclusões podem estar sujeitas a mudanças.

Observa-se com relação à forma das classes abertas que um mesmo radical pode ocorrer como nome ou como ver-

bo (ou ainda adjetivo/adverbo) dependendo da sua distribuição, isto é, das construções em que ocorre e dos morfemas com que se combina *i. Este fenómeno é regular e se dá com formas de todas as classes abertas. São as possibilidades combinatórias dos morfemas e as funções por eles desempenhadas que permitem identificá-los como membros de uma ou outra classe, como exemplificado a seguir:

- | | | | |
|---------|--------------------------------|------------------|----------|
| (15) a. | etlep | "asa" | NOME |
| b. | etlep-e | "Ele voou" | VERBO |
| | asa 3 ^a | | |
| (16) a. | atlat pat | "panela pequena" | ADJETIVO |
| | panela pequena | | |
| b. | pat-e | "Ele é pequeno" | VERBO |
| | pequena-3 ^a | | |
| c. | falti-n pat | | ADVERBIO |
| | vergonha-3 ^a pouco | | |
| | "Ele tem um pouco de vergonha" | | |
| d. | pat ka-in [0]ii | | QUANTIF. |
| | pouco ? mc. SN? | | |
| | "Tem (há) pouco" | | |

(17) a. ha ami "Eu falo" VERBO
 iã falar

 b. Trumai ami-ki NOME
 Trumai o falar-OI
 "A língua dos Trumai"

A seguir, teremos a exposição das classes gramaticais desta língua, que serão apresentadas de forma sucinta, merecendo maiores comentários quando isso se fizer necessário.

1. FORMAS LIVRES

A) CLASSES ABERTAS

a.1. NOMES

Os nomes manifestam a categoria de posse (que permite a divisão em sub-classes- cf. afixos posse), a categoria de número (sg-dual-pl) e a categoria de caso (ergativo-absolutivo-dativo). Há dois critérios básicos que permitem identificar um elemento como nome: sua distribuição (critério sintático) e suas possibilidades combinatórias com determinados morfemas (critério morfológico).

1. sintaticamente, os nomes podem ocorrer como núcleo do SN-sujeito, do SN-objeto ou do sintagma posposicional, recebendo em algumas destas funções os marcadores apropriados. Podem ainda funcionar como predicado (cf. sintaxe-tipo oracional 1)

2. quando ocorre como núcleo de SN, o nome pode ser modificado por outros elementos, como os adjetivos, possessivos, numerais e demonstrativos. Ex:

(18) a. <i>taxu aetak</i>	"faca ruim"
b. <i>hai-kte-taxu</i>	"minha faca"
c. <i>mihin dak</i>	"minha perna"
d. <i>kanatl di</i>	"aquela mulher"

3. não recebem o clítico pronominal *-n/-e* "3ª p"

4. podem receber o sufixo *-ake* "posse de 3ª p- partes do corpo". Ex:

(19) <i>kuŕ-ake</i>	"o cabelo dele"
---------------------	-----------------

5. podem sofrer derivação por meio de sufixos derivacionais:

(20) a. <i>ŕap</i>	"pelo"
<i>ŕapke</i>	"peludo"

b. <i>di-sin</i>	"o adorador de mulher"
------------------	------------------------

a.2. ADJETIVOS

Os adjetivos diferenciam-se das demais classes por algumas propriedades particulares a eles :

1. dentro do SN, podem ocorrer modificando o núcleo nominal
2. podem funcionar como predicado em uma oração; neste caso, diferenciam-se dos verbos descritivos, pois ao contrário destes, não recebem o clítico -n/-e "3^{ap}"
3. ocorrem sempre pospostos ao nome que modificam e podem ser modificados por advérbios de intensidade, o que não se dá com os determinantes, elementos que também modificam nomes
4. não admitem possessivos, isto é, não são possuíveis
5. não recebem os marcadores de caso

Ex: (21) a. mox

"inchado"

b. jaw mox

"pessoa inchada"

(22) [Ø]-ii naʃa

"É curvado"

mc.SN curvado

(23) tʔutʔkax ka-in [Ø]-ii

"É liso"

liso

ʔ

mc.SN

(24) di eronhen jumane

"mulher muito bonita"

mulher bonita muito

(25) a. tore-ake

"o branco dele"

b. hi iʃa tore

"teu dente branco"

a.3. QUANTIFICADOR

Como exemplos de quantificações do Trumai, temos:

a?di	"muito (contável)"
pix	"muito (não contável)"
pat	"pouco"
pix-tak	"pouquinho"

Os quantificadores ocorrem sintaticamente modificando nomes. Isso poderia nos levar a identificá-los como adjetivos ou como determinantes, que são elementos que também modificam nomes. De fato, os quantificadores têm traços que os aproximam destas classes, mas possuem também características que os distinguem: diferentemente dos adjetivos, os quantificadores ocorrem, dentro do SN, antepostos ao nome que modificam. Essa posição é a mesma dos determinantes, mas os quantificadores distinguem-se deles pelo fato de poderem, em outro contexto, funcionar como advérbio. Podem ainda funcionar como predicado de uma oração. Ou seja, apresentam o mesmo comportamento das formas das classes abertas.

Assim sendo, preferimos identificá-los como formando uma classe à parte, embora com um número de elementos bastante reduzido em relação às demais classes abertas. A seguir, apresentamos exemplos de ocorrência de quantificadores:

- (26) ady fe?de-s ha xutsa
 muito onça OI 1ª ver
 "Eu vi muitas onças" (Bec-pp 213)

- (16-b) pat ka-in [Ø]-ii
 pouco ? mc.SN?
 "Tem (há) pouco"

- (27) a?di ka-in k?ate-i
 muito ? peixe mc.SN?
 "Tem(há) muito"

- (28) pix-tak jumane ka-in k?ate-i
 pouco muito ? peixe mc.SN?
 "Tem muito pouco peixe"

a.4. VERBOS

A categoria de Tempo em Trumai não é marcada morfologicamente no verbo, isto é, não há morfemas marcadores de tempo verbal. A noção de tempo é expressa através de advérbios, a nível da oração. Já a categoria de aspecto é morfológica, sendo expressa por sufixos flexionais presos ao SV (cf. aspecto).

Em relação à categoria de pessoa, só a 3ª p. apresenta possibilidade de marcação no verbo, sendo as demais expressas por pronomes independentes (cf. adiante

clítico -n ; Pronomes). São características dos verbos:

1. podem receber o clítico -n/-e "3ª p"
2. sintaticamente funcionam como predicado
3. podem combinar-se com as partículas de Imperativo e com os morfemas de aspecto. Os verbos intransitivos marcam o Imperativo de modo diferente dos transitivos (cf. Sintaxe)
4. podem combinar-se com sufixos derivacionais, resultando em nomes. Ex:

(29) a. ma	"comer"
ma-t	"alimento"
b. oko	"vigiar"
oko-k	"aquele que vigia"

Quanto aos tipos verbais existentes em Trumai, eles são 3:

a. *intransitivos*: apresentam apenas um SN, o sujeito. Tendo por base critérios semânticos, os intransitivos podem ser subdivididos em descritivos e ativos

b. *intransitivos estendidos* *2: além do SN-sujeito, podem apresentar ainda um (ou em alguns casos, dois) objeto(s) indireto(s), marcado(s) por -s, -tl ou -ki. A presença deste objeto indireto é opcional, isto é, ele não é estruturalmente obrigatório (cf. sintaxe)

c. *transitivos*: além de sujeito, apresenta complemento do verbo. Podem ser divididos em dois subtipos:

1. verbos com sujeito e objeto sem marca (isto é, marcação 0)

2. verbo com sujeito marcado por -k e objeto sem marca (marcação 0)

d. *transitivos* estendidos *2: o verbo pode apresentar três argumentos: o sujeito (marcado por -k), o objeto direto (com marcação 0) e um objeto indireto (marcado por -s, -t1 ou -ki - não obrigatório estruturalmente).

A seguir, exemplos:

V + NEG (30) ha sa ^utak ka-in
 i^a dançar neg ?
 "Eu não estou dançando"

V + ASP (31) ha sa-tke ^utak
 i^a danc-vol neg
 "Eu não quero dançar"

INTR.ATIV (32) a. ha sa "Eu danço"
 i^a dançar
 b. [0]-ii sa-n "Ele dança"
 mc.SN? dançar-3^a

INTR.DESC. (33) a. ha falti^a
 i^a vergonha
 "Eu tenho vergonha"

a.5. ADVÉRBIO

Os advérbios podem ser identificados por algumas características:

1. podem modificar verbos, adjetivos e advérbios
2. não podem ser modificados por elementos de outras classes, apenas por outros advérbios. Por ex. *niſiſ* "hoje" pode ser associado a *ukan* "ainda" ; *manlo* "há tempos atrás" pode ser modificado por *de* "já" *4.
3. têm movimento livre. Em Trumai, a ordem dos elementos dentro dos sintagmas é fixa ; já a ordem dos sintagmas dentro da oração é relativamente livre (cf. ordem-sintaxe), pois a marcação de caso permite que se identifique os elementos sintáticos (sujeito, verbo, objeto, etc). Os advérbios não apresentam nenhum tipo de marcador, mas ainda assim têm mobilidade de posição, tal como ocorre em outras línguas do mundo.

Os advérbios do Trumai podem ser de modo, tempo, intensidade e lugar. A seguir, alguns exemplos:

a) modo: *kale* "assim" ; *aetak* "mal" ; *detʔa* "bem"

b) tempo: *kaʔneſaj* "ontem"
niſiſ "hoje/agora" ; *xodaka* "amanhã"

c) intensidade:
ʃumane "muito" - Tende a ficar depois do elemento que modifica. Ex:

(28) pɛx-tak jumane ka-in [kʔate]- i
 pouco muito ? peixe- mc.SN?
 "Tem(há) muito pouco peixe"

(40) ha tlat jumane ka-in
 iɛ rir muito ?
 "Eu ri muito"

d) lugar: ni "aqui" ; niki "aqui" ; nɪʔka "aqui"
 nina "ali" ; kaale "lá" ; kaina "lá"

e) negação: hahak/nahak "não" ; tak "não"

i. hahak / nahak "não" - negação independentemente*5

Este advérbio de negação pode se combinar com os advérbios de "já" e ukan "ainda":

(41) a. hahak de	"acabou"
b. hahak ukan	"ainda não"
c. hahak de ukan	"ainda não acabou"

É possível encontrar hahak negando aparentemente nomes. Mas, na verdade, o que se tem nestes casos é a negação de uma sentença, ou seja, o nome não está na

mesma oração de **hahak**, o que se observa pela pausa que é feita. Ex:

(42) faxlo, hahak "filho, não tem"

2. **tak** "não" - nega o SV (V ; V + V ; V-asp); pode negar também os quantificadores. Segundo Becquelin, pode haver negações elípticas com um nome + **tak** ; por ex, mut tak "sem roupa". Mas aqui, provavelmente, mut significa "estar com roupa", pois a negação de nomes é feita por outros elementos *6. A seguir, exemplos com **tak**:

(43) ha sa tak "Eu não danço"
iã dançar neg

(44) ha xu?tsa-tke tak "Eu não quero ver"
iã ver voi neg

(45) pax "Muito"
pax-tak "Pouco"

B) CLASSES FECHADAS

b.1. PRONOMES

O sistema pronominal do Trumai inclui uma série de pronomes independentes e um clítico pronominal de 3ª

pessoa; este último será tratado na seção das formas presas.

Os pronomes do Trumai são livres, pois observa-se que eles podem ocorrer distante do verbo:

(46) xuʔtsa-tke tak ka-in ha ʃi
 ver vol neg ? 1ª ?
 Eu não quero ver"

O sistema de pronomes independentes manifesta distinção de pessoa (1ª, 2ª, 3ª) e de número (sg-dual-plural); no âmbito da 1ª p.pl. há a distinção inclusivo e exclusivo; no âmbito da 3ªp, há distinção de gênero. O quadro pronominal do Trumai é o seguinte:

1ª p sg	hai/ ha
2ª p sg	hi
3ª p sg	hine (masc "ele") hinatl (fem "ela")
3ª p dual	Ø a
1ª p dual-excl	ha-a
1ª p dual-incl	ka-a
1ª p pl coletivo-excl	ha-wan
1ª p pl coletivo-incl	ka-wan
2ª p dual	hi-a
2ª p pl coletivo	hi-wan
3ª p pl coletivo	hine-wan ("eles") hinak-wan ("eles/elas")
3ª p pl	Ø wan

Como se pode observar, o morfema ^sa "dual", e wan "plural" podem ser empregados também para representar a 3ª p dual e 3ª p. pl, respectivamente. Essa construção ocorre quando é empregado o sufixo verbal de 3ª p. -n/-e, que ocorre quando não há formas lexicais ou pro-

nomes na posição de sujeito de oração intransitiva ou objeto de transitiva. O que parece ocorrer, então é uma combinação destes morfemas com um 0 lexical, que se daria nestas posições.

Os pronomes do Trumai têm distribuição sintática similar à dos nomes, apresentando como eles as categorias de n^o e caso; isso permitiria considerar os pronomes como uma subclasse dos nomes. Porém, preferimos não fazê-lo, porque além de constituírem uma classe fechada, os pronomes não sofrem todos os fenômenos sintáticos que ocorrem com os nomes. Por exemplo, dentro do SN, o pronome não pode ser modificado por adjetivos ou determinantes.

Há uma particularidade para a 1^a p. sg, que apresenta duas formas: **hai**, que é o pronome tônico e é também a forma que ocorre com os marcadores (sufixos de caso, posposições), e **ha**, que ocorre nas demais posições

x7. Ex:

(47) kasoro make hai-tl
cachorro morder 1^a-OI
"O cachorro me mordeu"

(48) hai-ts sida tararaw
1^a ? papel rasgar
"Eu rasguei o papel"

(49) ha wal
1^a cantar
"Eu canto"

Constata-se ainda um outro tipo de variação com os pronomes: na verdade, para cada forma pronominal há atualmente duas variantes possíveis: com *h* inicial e sem o mesmo, ou seja, *ha-wan* ou *a-wan*, *hai/ha* ou *ai/a*, *hi* ou *i*, etc.

As duas variantes são aceitáveis e se alternam no uso pelos falantes, isto é, o falante ora diz *ha-wan*, ora *a-wan*, sendo que as formas com *h* são mais frequentes na fala dos idosos; os mais jovens parecem usá-las bem menos.

Duas hipóteses foram levantadas para se entender tal fato: ou seria um caso de aspiração em posição inicial (pois *h* ocorre muito poucas vezes dentro de enunciados), ou a língua paulatinamente estaria perdendo o *h* na posição inicial dos pronomes (aliás, o mesmo parece estar se dando com alguns numerais: *huʃtahme* - *uʃtahme* "três" ; *huuʃ* - *uuʃ* "dois").

Destas duas hipóteses, a que parece ser a mais provável é a segunda. Um dos informantes, homem de meia idade que ao ensinar a língua procura sempre usar as formas com *h*, foi indagado sobre esta variação. Conta ele que primeiramente aprendeu a falar a língua usando o *h* inicial; com o tempo, como ouvia os demais falando sem o *h*, passou também a fazer isso algumas vezes. Portanto, parece que a língua está apresentando uma perda da fricativa glotal em posição inicial de pronome.

Com relação à representação fonológica, optou-se pela forma com *h*, primeiramente, por ser ela a mais antiga. Em segundo lugar, porque os informantes, ao "listarem" os pronomes da língua, usam a fricativa glotal no início das palavras. Por fim, porque ela é ainda usada pelos mais velhos, cujo modo de falar é considerado pelas pessoas da comunidade como "melhor" e "mais bonito", ou seja, tem um certo caráter de "língua culta". E as formas pronominais com *h* parecem realmente ocorrer com mais frequência em uma fala mais cuidadosa. É possível que, futuramente, a fricativa glotal na posição inicial dos pronomes venha a desaparecer totalmente; ou não, isto é, pode ser que seja uma mera variação linguística. Seja como for, a queda do *h* já está tendo algumas implicações na língua, gerando ambiguidades. Por exemplo, as orações:

(50) *kasoro make a hi-tl ?*
 cão morder inter. 2ª OI
 "O cachorro mordeu você?"

(47) *kasoro make hai-tl*
 cão morder 1ª OI
 "O cachorro me mordeu"

com a queda de *h* ficam foneticamente iguais :
 [kasoromak^hai^htl]; nesse caso, só a fala mais lenta é que permitirá desfazer a ambiguidade, com pausa maior entre *a* e *ifl* na primeira oração, e entre *make* e *aitl* na se-

gunda.

Quanto à 3ª pessoa, os pronomes *hine* "ele", *hinatl* "ela", *hinak-wan* "elas" e *hine-wan* "eles" não têm um emprego tão geral quanto os demais pronomes, mas também não são formas arcaicas, como diz Becquelin *8. Na verdade, eles têm uso restrito na posição de sujeito dos verbos intransitivos e objeto dos transitivos, sendo mais empregados quando se está apontando a pessoa de quem se está falando (talvez porque a referência que o pronome faz ao elemento extralinguístico, dada a diferença de gênero, seja mais explícita que a feita por um clítico de 3ª p). Por exemplo:

- (51) *kujatkus hine axa?tsi xak*
 pedido de licença 3ª p sentar para
 "Dá licença para ele sentar (indicando-se quem é ele)".

Neste caso, além de *hine*, *hinatl*, podem ser empregados os demonstrativos *ka?natl* "aquela", *ka?ne* "aquele", *ni?de* "este". Diz um dos informantes que estes termos são usados quando se está referindo a uma pessoa cujo nome não pode ser dito, por questões culturais *9. Neste caso, a pessoa não diz "dá para X (minha cunhada)", mas sim "dá para ela/ dá para aquela".

O sujeito de 3ª pessoa dos verbos intransitivos é mais frequentemente expresso através das construções envolvendo o morfema *ii* (foneticamente [iji]- cf. seção

sobre esse morfema) e o clítico -n/-e (-n com verbos terminados em vogais, -e com as formas verbais terminadas em consoante). São possíveis as seguintes construções:

[Ø]-(ii)	V + -n/-e	(3 ^ª sg)
[Ø a]	V + -n/-e	(3 ^ª dual) *10
[Ø wan]-(ii)	V + -n/-e	(3 ^ª plural)

Ex: (52)

a. [Ø]	xuʔtsa-n	"(ele) vê"
b. [Ø]-ii	xuʔtsa-n	"ele vê"
c. [Ø a]	xuʔtsa-n	"eles dois estão vendo"
d. [Ø wan]	xuʔtsa-n	"eles estão vendo"

Monod-Becquelin trata o clítico -n/-e como um sufixo que "marca de ausência de monema em função sujeito", dizendo que se trata de uma ausência do ponto de vista gramatical (isto é, ausência de uma "forma" de sujeito), mas não do ponto de vista semântico *11. O que Becquelin deve estar querendo dizer é que quando este morfema é empregado, não pode ocorrer pronome pessoal ou SN nominal na posição de sujeito intransitivo (ou na posição de objeto transitivo, pois como veremos na sintaxe, o clítico -n, nas orações transitivas, refere-se ao objeto). Mas, mesmo que não ocorra uma forma lexical nas posições citadas, ainda assim continua havendo uma marca de sujeito/objeto, pois o clítico -n/-e é uma forma pronominal

de 3 pessoa, tanto que contrasta com as 1ª e 2ª pessoas:

- (53) a. ha tsula "Eu deito"
 b. hi tsula "Você deita"
 c. [Ø] tsula-n "Ele/ela deita"
 d. [Ø]-ii tsula-n "Ele deita"

- (54) a. hai-ts [Ø]-ii disi-n "Eu o matei" *3

iã erg m. SN? matar-3ã

- b. ni?de-k ʃi-in ha disi "Esse bateu em mim"

esse erg ? iã bater

Este contraste é regular, isto é, ocorre com todos os tipos verbais existentes, diferenciando sempre a 3ª pessoa (singular ou plural) das demais.

O morfema *-n/-e* não é realmente compatível com pronomes e SN nominal; com isto, seria possível dizer que sua presença exige que ocorra um Ø na posição de sujeito intransitivo/objeto transitivo. Mas acreditamos que seja o inverso: ele só é empregado quando ocorre um Ø lexical, devido a um apagamento; nesse caso, *-n/-e* estaria recuperando o sujeito/objeto de 3ª pessoa elidido. Os exemplos a seguir ilustram o que foi dito:

- (55) a. hine axa?tsi "Ele sentou"
 b. *hine axa?tsi-n

- (56) a. kiki axa?tsi "O homem sentou"
 b. *kiki axa?tsi-n

- (57) a. pitik lak etsi "O macaco está descendo"
 b. *pitik lak etsi-n

- (58) kiki-i tsula ʃi-in [0]-ii otl-e axak
 homem deitar ? 3^{SN}? dormir-3² para
 "O homem deitou para dormir"

Só é possível sua ocorrência com pronomes ou nomes se eles estiverem topicalizados:

- (59) Sandra, []-ii falti-n
 "A Sandra, ela está com vergonha"

- (60) hinatl, []-ii falti-n
 "Ela (indicando) , ela está com vergonha"

Quanto aos pronomes de 3^a pessoa (hine, hinatl, etc), eles apresentam uso limitado na função de sujeito dos verbos intransitivos/objeto dos transitivos. Porém, na função de sujeito dos verbos transitivos, de objeto indireto dos intransitivos estendidos, ou ainda em sintagmas posposicionais, somente eles ocorrem, recebendo o marcador de objeto. Esses pontos serão tratados com mais detalhes no capítulo sobre a Sintaxe da língua Trumai.

Por fim, resta dizer que a mesma série de pronomes independentes pode ser empregada também nas construções genitivas, ocorrendo sempre antepostos ao elemento possuído. O mesmo pode se dar com os demonstrativos. Ex:

(61) a.ha xop	"minha boca"
b.hi xop	"tua boca"
c.ni?de xop	"boca dele(lit: boca deste)"
d.hi-a atle	"mãe de vocês dois"
e.ni?dak-wan atle	"mãe deles(lit:mãe daqueles)"

b.2. DETERMINANTES

Chamamos de determinantes os elementos que modificam nomes. Todos têm em comum a característica de ocorrerem antepostos ao nome que modificam. Nesse ponto, diferenciam-se dos adjetivos, que ocorrem pospostos. Outra diferença é que os adjetivos podem ser modificados por advérbios de intensidade, ao passo que os determinantes não (pela própria questão da compatibilidade semântica). Por fim, há o fato deles formarem uma classe fechada, e não aberta como os adjetivos. Os determinantes subdividem-se em: possessivos, numerais e demonstrativos.

b.2.1. DEMONSTRATIVOS

Similarmente ao que ocorre com os pronomes, os demonstrativos do Trumai apresentam distinção de número e de gênero:^{*12}

ni?de "este"	ni?datl "esta"
ni?dak-wan "estes(as)"	
ka?ne "aquele"	ka?natl "aquela"
ka?nak-wan "aqueles(as)"	

Além de modificar nomes, os demonstrativos do Trumai podem ocupar, sozinhos, as mesmas posições que os nomes, isto é, as de sujeito e objeto, recebendo os marcadores apropriados (não temos dados de demonstrativos combinados com posposições, mas é de se pensar que isto ocorra). No entanto, a exemplo do que se passou com os pronomes, preferimos não considerar os demonstrativos como incluídos na classe dos nomes, porque seu comportamento não é totalmente o mesmo. Um demonstrativo não pode ser modificado, dentro de um SN, por um adjetivo; parece-nos também que não é possível que um demonstrativo seja modificado por um numeral ou possessivo.

A ocorrência dos demonstrativos em posições similares às dos nomes se deve ao fato de os demonstrativos terem uma natureza dêitica. Segundo Anderson & Keenan (1985, pp 261) ,

"...demonstrative pronouns (such as English this, that, these, and those) as well as full NPs which are specified by demonstrative adjectives (with or without additional locative deictic specification, as for example this card, or those men over there) are clearly enough deictics ..."

Os elementos *niʔde*, *kaʔne*, etc, podem ser considerados dêiticos porque sua interpretação, assim como a dos pronomes, faz referência a certas propriedades do contexto extralinguístico do enunciado onde eles ocorrem: isto é, para serem interpretados, é necessário que

se tenha informações sobre o contexto extralinguístico, para se saber a quem ou a que o demonstrativo faz referência.

Assim sendo, dado que os demonstrativos *kaʔnatl*, *niʔde*, etc, são dêiticos tanto quanto os pronomes *hine*, *hinatl*, eles podem ocupar funções sintáticas iguais às destes elementos *13.

A seguir, exemplos de ocorrência de demonstrativos:

(62) *kaʔnatl di* "aquela mulher"

(63) [*niʔde tlep*]-i *ka-in pax-tak*
 esse pena mc.SN? ? pequeno
 "Esta pena é pequena"

(64) *kaʔne fa kain feʔde-s*
 aquele matar ? onça-OI
 "Ele (aquele) matou a onça"

(65) *kaʔnatl-etl waki kití* "dá para aquela"
 aquela OI ordem dar

Além do uso dos demonstrativos, é possível também fazer referência a um elemento, quanto ao seu posicionamento em relação ao falante, através do emprego de alguns advérbios de lugar. Mas, neste caso, o nome e o advérbio não estão no mesmo sintagma. Trata-se, na verdade, não de um SN, mas de uma oração (sobre tipos oracionais, cf. sintaxe):

(66) ni?ka [ole]-i

aqui mandioca mc.SN?

"Esta mandioca aqui (lit: a mandioca está aqui)"

(67) kaina huj-tak [ole]-i

lá longe mandioca mc.SN?

"Aquelela mandioca lá (lit: a mandioca está lá longe)"

b.2.2. NUMERAIS

Os numerais modificam os nomes, ocorrendo antepostos a eles. Os numerais em Trumai são os seguintes:

mihin	"um"
huuf	"dois"
huf-takme	"três"
nekadkelan ou hinekadkelan	"quatro"
mihin kadkelan	"cinco"
um (kad "mão" - kel "dedo")	

Observa-se que os numerais quatro e cinco incluem claramente os elementos mão e dedo, semelhante ao que fazem os sistemas numéricos de outras línguas indígenas americanas.

Dentro de um mesmo sintagma, os numerais parecem ser incompatíveis com os morfemas pluralizadores (*wan* ; *a* ; *paine*), pois nunca é atestada a ocorrência de ambos

os elementos; isto é, quando se emprega *paine*, *wan* ou *a*, os numerais não são usados, talvez porque os morfemas pluralizadores, com exceção do dual, expressem quantidades não contáveis. E, mesmo no caso do dual, o uso do numeral não é necessário, porque seria redundante.

Já em orações, os morfemas pluralizadores e os numerais podem co-ocorrer, porém estão em sintagmas diferentes. A seguir, exemplos:

(68) [0]-ii fa-n ka-in [huuʃ karakarako]-s
 mc.SN? matar-3ª ? dois galinha OI
 "Ele matou duas galinhas"

(69) huuʃ ka-in [topetne a]-i
 dois ? jacaré dual mc.SN
 "Tem(há) dois jacarés (lit: Os jacarés são dois)"

b.3. PARTÍCULAS DISCURSIVAS

Estas partículas, quando empregadas, provocam uma diferença no sentido da oração. A interpretação delas é difícil, porque elas estão ligadas a questões discursivas. Serão necessárias muitas informações e conhecimentos sobre a língua em estudo para que se possa interpretá-las adequadamente e compreender todo o seu funcionamento. Como ainda não foi possível estabelecer com precisão o sentido que estas partículas conferem à oração, iremos nos limitar a apresentá-las e a levantar algumas

de suas características, sem no entanto fornecer uma definição mais exata delas.

b.3.1. O modalizador Men:

Esta partícula, que Becquelin denomina "modalidade verbal", mais que modalizar o verbo, modaliza toda a oração. Parece ser discursiva, pois representa um certo ponto de vista do falante. Pode ser interpretada como "frustrativo", porque não se pode interferir no fato narrado (o que provocaria uma "frustração" ou "indiferença" por parte do locutor na ação narrada), ou porque não se conseguiu obter o que se pretendia (ação sem sucesso). Ex:

(70) avião peẽ pata men
 avião correr chegar frust

"O avião chegou(e isso não me interessa)-Bec-pagi80"

(71) ha ka?ĩ-tke men
 iã vir vol frust

"Eu queria vir (mas não consegui)"

b.3.2. O morfema Kain

Este morfema tem uma ocorrência extremamente frequente. É um morfema gramatical, não lexical; em muitos casos, é pela sua presença que se diferencia um SN de

uma oração:

- (72) a. "meu olho" ha xon
 b. "Eu tenho olho" ha xon kain

Sua interpretação é difícil. Becquelin ora fala em "marca de insistência", ora em "advérbio de tempo-lugar". Não se trata de advérbio, pois este é Kaina "lá". O sentido que este morfema parece atribuir à ação que é narrada é de "evidencial" ou "confirmável", isto é, o fato pode ser confirmado, porque está ocorrendo no momento da fala ou porque já aconteceu. Por ex, ao se comentar:

- (73) hi ma "Você está comendo"

confirma-se:

- (74) Xe, ha ma kain "Sim, eu estou comendo e você pode confirmar isso)"

ou então:

- (75) Sandra falti "A Sandra está com vergonha"

- (76) Xe, Sandra falti kain

"Sim, a Sandra está com vergonha" (indica-se o fato, que o interlocutor pode verificar e confirmar)

O morfema kain não ocorre em perguntas, justamente porque nelas indaga-se sobre um fato, ao invés de se afirmar algo que pode ser confirmado. É certo que existem perguntas feitas apenas para confirmação de algo,

mas, mesmo no caso delas, faz-se uma indagação, não uma afirmação.

Os informantes rejeitam que se use kain em perguntas:

(77) "Você está deitado?" a. hi tsula a ?

2ª deitar inter

b. *hi tsula a kain

Embora ocorra com orações relatando fatos ocorridos no passado, este morfema parece estar ligado mais ao tempo presente, isto é, à ação que está sendo feita no momento, já que ela é a mais fácil de se confirmar; portanto, mais evidente. Ex:

(78) a. Eu não falei" ami tak ʃi ha ʃi
falar neg ? iã ?

b. Eu não estou falando" ami tak kain ha ʃi
falar neg iã ?

Há uma certa dúvida sobre o morfema kain: será ele uma só unidade, ou será que ele pode ser dividido em dois morfemas? Considerem-se os exemplos a seguir:

(79) a. ha tsula kain "Eu estou deitado"
b. ha tsula ka "Eu estou deitado"
c. ha tsula in "Eu estou deitado"

Segundo o informante, as orações (b) e (c) do exemplo (79) têm o mesmo sentido, podendo-se usar tanto uma como outra; elas teriam uma pequena diferença em relação a (a), mas o informante não soube dizer que tipo de diferença ele notava. É interessante observar que em muitos dados, a informante emprega *kain*, e logo em seguida, ao repetir o mesmo dado, usa *ka* (às vezes ocorre o contrário). Ex:

- (80) a. [deat]-i *kain* *aetak*
 b. [deat]-i *ka* *aetak*
 fruta *mc.SN?* ruim/estragada
 "A fruta está estragada"

Isso demonstra que estes elementos devem ter o mesmo significado, podendo assim alternar-se. Para nós é difícil ainda interpretar estes fatos, mas observa-se que a ocorrência apenas de *ka* ou de *in* é bastante grande. Nas interrogativas observa-se um emprego muito grande de *in*; Becquelin postula que os interrogativos são constituídos de morfemas descontínuos : *han...in* ; *tsifan...in* , etc. Talvez seja o caso não de um morfema descontínuo, mas da combinação de dois morfemas, pois é possível também a combinação $\int i + in$ (esta geralmente ocorrendo em orações que relatam fatos realizados no passado), além da combinação de *ka-in* com advérbios. Ex:

(81) p̄ix ʃi-in ha ami
 muito ? īa falar
 "Eu falei muito"

(82) [di]-ii ami ʃi-in
 mulher-~~wa~~? falar ?
 "A mulher falou"

(83) ha oxa matsi k̄a de in
 īa gravidez dor já
 "Eu estou com dor para ter filho"

A questão é saber qual o status de in nestas orações e até que ponto faz diferença ou não empregá-lo. Como nos parece que kain é formado por dois morfemas, representaremos este elemento por ka-in.

b.3.3. O morfema ʃi

Becquelin, em seu trabalho, primeiramente trata da ocorrência do morfema ʃi em combinação com ke (que ela denomina de "adjetivador") e kain. Segundo ela, quando esta combinação ocorre, está sendo indicada uma ação atual, particularizada, cuja principal característica é estar sob os olhos ("... ʃy-ke...kain représente *un seul choix*, celui de la réalité particulière, que l'on a sous les yeux, par rapport à celui de vérité générale" - Bec. - pp 158). Contrastaria, então, com as demais, que são de uma verdade mais geral:

"L'énoncé est alors marqué comme "actuel" par rapport à l'énoncé courant, de caractère plus général" (Becquelin-pp. 170).

Como exemplos, ela apresenta:

(84) a. pytyk ora
macaco gritar
"O macaco grita" (habitualmente)

b. pytyk šy kain ora-ke
macaco ? gritar adj?
"O macaco "atualmente, que se faz ver" grita"

Por fim, ela considera que a sequência $\int i$ -ke pode ser um "monema descontínuo" e que -ke deixa o verbo adjetivado; seria uma derivação adjetival ligada à presença do atualizador.

A partir daí, Becquelin passa a denominar o morfema $\int i$ de "atualizador". Em uma pequena seção sobre este morfema, diz Becquelin que sua função é a de substituir o predicado, e que $\int i$ forma por si uma classe, tendo o mesmo papel que os verbos, embora não se combine com os morfemas aspectuais ou com os derivativos verbais/nominais.

Gostaríamos de comentar essa análise de Becquelin. Em relação à combinação $\int i$ -ke, não acreditamos que eles formem um morfema descontínuo, mas que -ke co-ocorre com

§i. O problema é que nem sempre estes dois morfemas ocorrem juntos: há orações só com §i, outras só com -ke.

Ex:

(85) ataxa tak ka-in ha §i
forte neg ? 1ª
"Eu sou fraco"

(86) hi otl a §i ?
2ª dormir int
"Você dormiu?"

(88) [kiki]-i tsula §i-in [Ø]-ii otl-e axak
homem mc.SN? deitar ? mc.SN? dormir-3ª para
"O homem deitou para dormir"

(87) ha-wan ka-in axa?tsi-ke
1ª pl ? deitar adj?
"Nós estamos deitados"

(88) [axos]-i ka-in ain-ke
cr mc.SN? ? brincar adj?
"A criança está brincando"

Mais problemático que isso é a interpretação de §i como "atualizador", isto é, o elemento que indica que o fato se passa sob os olhos. Considere-se os dados:

(89) hanis de hi §i ?
onde já 2ª
"Onde você vai?"

(90) te-tam in hi ʃi ?
 quem-com? 2ª
 "Com quem você vai?"

(5) fa-ke anuk ʃy-n iaw-as
 matar adj? neg 3 gente-OI
 "Ele nunca matou gente"

Pode-se dizer que tais fatos estão sob os olhos do locutor ou do interlocutor? No exemplo (90), tem-se uma ação potencial, que pode nem vir a se concretizar (isto é, pode ser que a pessoa não vá). No caso do exemplo (5), não se tem nem mesmo como provar a veracidade da afirmação que é feita, quando mais dizer que ela se "realiza atualmente". Pode-se pensar que o emprego de ʃi-ke indique não que o falante relata o fato porque está vendo-o realmente, mas porque acredita que ele seja (ou vá ser, depois de realizado) verdadeiro. Mas, caso seja esse o sentido provocado (o que é apenas uma hipótese), não nos parece que a designação de atualizador para ʃi seja a mais apropriada.

Outro problema encontrado é quanto à mudança provocada por -ke: não o interpretamos como um adjetivador, mas um nominalizador (porque o seu sentido mais exato parece ser o de passar nome a "nome-abundancial" - cf. sufixos derivacionais).

O fato do verbo ficar nominalizado (ou adjetivado, segundo a análise de Becquelin) não é problemático, já que o Trumai tem orações com predicado não verbal

(cf. sintaxe); porém como explicar no exemplo (5) que apareça o clítico pronominal -n, que não ocorre com orações desse tipo? Ou ainda, como explicar a presença de um objeto indireto (iaw-as) ?

Quando se apresentou aos informantes os exemplos fornecidos por Becquelin, indagando se havia diferenças de sentido entre as orações com $\int i$ e sem este morfema, os informantes confirmaram a diferença, mas disseram que não se trata da questão de se estar vendo o fato que é narrado. A explicação intuitiva que dão para a diferença entre pitik ora e pitik $\int i$ kain ora-ke é que no caso da primeira oração "se está falando (sobre o fato)", na segunda "se está contando"; isto é, no primeiro caso, apenas se fala que o macaco está gritando, enquanto que no segundo se está contando para alguém o fato. Por exemplo, se alguém pergunta "O que é isso?", como resposta se terá: "É o macaco que esta gritando".

Portanto, $\int i$ provoca realmente mudança no sentido da oração quanto ao valor da informação, tanto nos casos em que ele co-ocorre -ke, como naqueles em que ocorre sozinho. É importante lembrar ainda que ele pode combinar-se com in.

No entanto, não sabemos ainda dizer qual é a mudança provocada por este morfema. Pode até ser que ele indique realmente, como diz Becquelin, uma realidade particularizada, entre outras mais gerais, mas não que ela seja atual, sob os olhos.

Também não fica muito claro porque Becquelin considera $\int_i$ como predicado da oração. Em seu trabalho, na seção sobre os "monemas adjetivais", diz Becquelin que:

"...l'actualisateur "sy" est formellement le prédicat, mais c'est en somme l'union des deux éléments qui possèdent la fonction prédicative que l'un sans l'autre ne peut remplir. Nous appellerons cette fonction "prédication partielle" " (Bec- pp 171)

Parece que Becquelin está pensando na ocorrência de $\int_i$ nas orações em que o predicado é um adjetivo (provavelmente pela co-ocorrência de -ke, que ela considera como "adjetivador"). Porém, como ficaria sua análise para as orações em que não ocorre -ke e onde o predicado é verbal? Esse é caso do exemplo (86), onde há um verbo que é o predicado: ϕ_{11} "dormir". E mesmo no caso da combinação Verbo + -ke, como no exemplo (5), o que leva Becquelin a dizer que $\int_i$ é o predicado formal?

Infelizmente sua análise não é muito clara, não apresentando outras explicações ou argumentos além dos citados. Não temos também maiores esclarecimentos a oferecer sobre o funcionamento do morfema $\int_i$; colocamos aqui apenas a dificuldade em analisá-lo. Certamente vão ser necessários novos dados e informações para que se possa compreender o papel de $\int_i$.

b.4. OS INTERROGATIVOS

Preferimos agrupar todos os elementos interrogativos em uma mesma classe, já que desempenham a mesma função.

Existe em Trumai um morfema empregado para tornar a oração interrogativa; trata-se de **a**. Ex:

(91) ni a de hi ʃi ? "Você está aí?"
aí int asp 2ª ?

(92) hi lafku a ? "Você nada?"
2ª nadar int

Becquelin considera este elemento um "infixo enclítico" ("*un infixe -a, enclitique*"), embora não diga a que elemento da oração ele pode se prender. Não concordamos com sua análise, pois este morfema não tem ordem fixa, podendo ocorrer em diversas posições, exceto na inicial, onde nunca é encontrado. Como exemplos, teríamos as orações acima citadas e as seguintes:

(93) hi fa-tke a hai-tl ?
2ª matar vol int 1ª OI
"Você está querendo me matar?"

(94) hai-tl hatke a hi di ?
1ª OI adv-fut int 2ª casar/tornar esposa
"Você vai casar comigo?"

Quanto às outras formas interrogativas do Trumai, são as seguintes:

te	"quem"	han	"o que"
hele	"o que"	tsifan	"o que"
hamata	"onde"	hamun	"onde"
tuk	"quanto"		

Para Becquelin, os interrogativos do Trumai seriam "monemas descontínuos", formados a partir de raízes simples (as formas acima citadas) acompanhadas de diversos sufixos. De fato, observa-se que as formas simples combinam-se com outros elementos: o advérbio *de*, as posposições, os marcadores de caso. Porém, estes morfemas pertencem a outras classes da língua, não sendo elementos específicos da interrogação. A combinação mais encontrada é com o elemento *in*, mas este igualmente não é específico da interrogação, porque se combina com outros morfemas (*ka-in*, *i-in*). Consideramos, Então, que os interrogativos não são descontínuos, mas que podem ocorrer com outros elementos da língua, o que permite uma grande variação de orações interrogativas:

te i in ?	"Quem?"
te-tam ?	"Com quem?"
han-ki in ?	"O que é isso?"
han de in ?	"Onde?"
hamata in ?	"Em que lugar?"
hamuna in ?	"Onde?"
hamu(n)-lots in ?	"De onde?"
han-is in ?	"Onde?"
tsifan-is ?	"O que (objeto)?"

tsifan i in ?	"Que foi?"
hele ?	"Como?"
hele in ?	"O que?"
hele-tis ?	"Quando?"
tuk in ?	"Quanto?"

(97) hele in hi tak ?
 como ? 2ª nome
 "Como é seu nome?"

(98) tuk in [0]-ii api-n ?
 quanto mc.SN? pegar-3ª
 "Quanto ele está pegando?"

(99) hamuna in [ole]-i ?
 onde ? mandioca mc.SN?
 "Onde está a mandioca?"

(100) [te]-i in ka? i-ke ?
 quem mc.SN? ? vir adj?
 "Quem está vindo?"

(101) [han]-ii-ki in [0]-ii xup-e ?
 que SN OI ? mc.SN? saber 3ª
 "O que é que ele sabe?"

(102) tsifan-is i-in axos ma ?
 o que OI ? criança comer
 "O que o menino comeu?"

(103) hele in-iets Matawai waka? i ?
 que-por causa de Matawai ir embora
 "Por que o Matawai foi embora?"

Como se pode observar, a interrogação em Trumai é bastante complexa, inclusive porque em alguns casos há

mais de uma forma para se obter o mesmo tipo de informação (é o caso de "o que" e "onde"). Na verdade, serão necessários maiores estudos sobre estes elementos, para que se possa compreender melhor como se dá a interrogação nesta língua.

II FORMAS DEPENDENTES

a. FORMAS PRESAS

a.i. SUFIXOS MARCADORES DE ASPECTO/MODO

Antes de falarmos dos morfemas de aspecto, gostaríamos de abordar um pouco a questão de como a dimensão temporal é expressa em Trumai.

Um evento pode ser localizado no tempo em relação a um locus temporal. Segundo Chung & Timberlake (1985), o locus pode ser em princípio qualquer ponto na dimensão temporal, mas os sistemas linguísticos, em geral, definem o locus como o momento da fala.

O evento pode ser anterior ao locus temporal, ser simultâneo a ele, ou posterior. Estas distinções definem o passado, o presente e o futuro, respectivamente.

O Tempo, em Trumai, não é expresso por afixos nos verbos, mas por advérbios. Das distinções realizadas, observa-se que a distinção entre passado e presente não é obrigatória, nem ocorre tanto quanto a distinção que é

feita em relação ao futuro. Ou seja, das distinções temporais que podem ser feitas, a que parece ser privilegiada pela língua é entre fatos ainda por ocorrer, isto é, posteriores ao locus temporal, e os demais, talvez porque estes são efetivados (realizam-se no momento ou já se deram antes) ao passo que os futuros são apenas potenciais.

Para os fatos que ocorrem no tempo presente, não há qualquer marcador; pode-se usar, então, um advérbio para melhor localizar temporalmente a oração (p.ex, *niʃ áts* "hoje/agora").

O mesmo se dá com o tempo passado: pode-se expressar fatos ocorridos no passado sem nenhuma marca especial na oração; porém isto cria dificuldades para diferenciá-las das que exprimem fatos do presente. Ex:

(104) a. "O homem senta"

Kiki axaʔtsi
homem sentar

b. "O homem sentou"

Kiki axaʔtsi

Para se expressar de fato que a ação já ocorreu, pode-se usar os advérbios de tempo (p.ex, *kaʔneʃaj* "ontem-anteontem") e principalmente, o advérbio *kaksu*, que tem sentido de passado.

Para o futuro, pode-se usar o advérbio *hatke*, que tem sentido de futuro e um emprego muito maior que *kaksu*, pois os falantes tendem a empregá-lo sempre que ex-

pressam ações futuras; já kaksu não ocorre com tanta frequência. A seguir, exemplos de ocorrência desses dois advérbios:

(105) ha huma kaksu

1ª banhar pass

"Eu me banhei"

(106) ofa-n kaksu hinatl-etl

matar-3ª pass 3ª OI

"Ele a matou"

(107) sa tak ka-in ha hatke

danc neg ? 1ª fut

"Eu não vou dançar"

(108) hai-ts hatke hi katnon-ka

1ª caus fut 2ª trabalhar-fac

"Eu vou fazer você trabalhar"

Estes dois morfemas representaram um pequeno problema de interpretação: inicialmente, pensamos que eles fossem partículas, dado que sua ordem é livre. Mas, por outro lado, eles se assemelham aos advérbios, justamente por sua mobilidade e por sua possibilidade de combinar-se com outros advérbios (os advérbios são modificados por outro advérbios). Ex:

(109) manlo ha-wan-ek kaksu tararaw

tempos atrás 1ª pl erg pass rasgar

"Nós rasgamos"

- (110) [axos-pa wan]-i lafku hatke de
 cr col pl MON? nadar futuro asp
 "As crianças (já) vão nadar"

Além disso, observou-se que a idéia de "futuro" pode ser expressa também por meio de outros advérbios ou da combinação destes com o verbo kawa "ir". Ex:

- | | |
|------------------------------|--|
| (111) "Nós estamos cantando" | ha-wan wal ka-in
i@ pl cantar ? |
| (112) "Nós vamos cantar" | ha-wan wal ukan
i@ pl cantar ainda |
| (113) "Eu vou dormir" | ha otl kawa ukan
i@ dormir ir ainda |
| (114) "Eu (já) vou dormir" | ha otl kawa de
i@ dormir ir já |

Assim, dado que estes elementos têm comportamentos muito semelhantes, interpretamos kaksu e hatke como sendo advérbios de tempo. Nesse sentido, divergimos da análise de Becquelin, que incluiu hatke entre os aspectuais, porque ele indicaria uma "ação eventual ou com setido de futuro". Realmente, ele pode indicar uma ação potencial, já que o próprio tempo futuro tem essa característica. Porém, preferimos tratar hatke como advérbio de tempo, já que este parece ser o seu emprego mais ge-

ral, além do que sua posição não é fixa como a dos aspectuais.

Além de poder localizar o evento no tempo (através do emprego de advérbios), em Trumai pode-se também expressar o seu aspecto, isto é, as características da estrutura temporal interna do evento. Pode-se caracterizar um fato ou ação quanto à sua completude, sua realização em intervalos de tempo, etc. O fato pode ser caracterizado também quanto ao seu modo, indicando a intencionalidade de sua realização por parte do falante *14.

A categoria de aspecto/modo em Trumai é morfológica, sendo expressa por morfemas que ocorrem sempre postposos ao verbo. Interpretamos estes elementos como preposos porque eles apresentam ordem fixa, ligam-se a uma única classe morfossintática; observa-se ainda que quando eles se ligam ao verbo, o clítico de 3ª p -n/-e se desloca para depois deles; se eles não fossem formas presas ao verbo, provavelmente o clítico de 3ª p continuaria em sua posição. Consideramos os sufixos de aspecto/modo como flexionais, já que o seu emprego representa um processo morfológico regular (são sempre as mesmas formas empregadas) e não provoca mudança de classe do radical que o recebe.

Os sufixos que expressam aspecto/modo são os seguintes:

kma	"completude"
ik	"ação realizada antes de outra"
laktsi	"ação repetida em intervalos"
ka	"factivo"
tke	"volitivo"

Ex: (115) jaw falomle-kma
 gente plantar asp
 "A gente acabou de plantar"

(116) wana xu?tsa-ik
 ordem ver asp
 "Primeiro olha"

(117) jaw sone laktsi, jaw suta
 gente beber asp gente urinar
 "Cada vez que a gente bebe, urina" (Bec-pp 211)

(31) ha sone-tke tak
 1^a beber asp neg
 "Eu não quero beber"

(118) ha-mut xerere-ka hai-ts
 1^a roupa molhar fac 1^a caus
 "Eu molhei a roupa (lit:Eu fiz a roupa ficar molhada)"

(119) hai-ts [Ø] sa-ka-n
 1^a caus dançar-fac-3^a
 "Eu a fiz dançar"

a.2. POSPOSIÇÕES

Identificamos os elementos aqui tratados como posposições porque sempre ocorrem após o SN a que se ligam. Pode-se dizer que são formas presas porque em alguns casos surge uma vogal epentética. Por exemplo, com o locativo -n; este locativo diferencia-se do clítico de 3^a pessoa -n porque este último, quando preso a raízes ver-

bais terminadas em consoante, não apresenta vogal epentética, mas uma outra forma: -e; além disso, o locativo -n só se liga a SNs, ao passo que o clítico não.

Diferenciamos estes morfemas dos marcadores de caso com base na proposta de Schachter (1985): segundo ele, certas adposições (i.e, preposições ou posposições) não são identificadas como marcadores de caso, pois estes indicam o papel sintático e/ou semântico (p.ex. Sujeito e/ou Agente) do SN a que eles pertencem. Já as posposições indicam apenas o papel semântico do SN (não o gramatical); é o caso dos vários tipos de locativos, o instrumental, etc. *15.

As posposições do Trumai são:

-ki	locativo	-n	locativo *16
-ita	direção	-lots	origem
-letsi	instrumental/meio	-tam	companhia
-iets	por causa	-tis/tsis	quando
-apudan	embaixo (apud "por baixo" + (v)n "em")		
-malan	na beira de (provavelmente mala "beira" + -n)		

A seguir, exemplos:

(120) a. tehnene-ki $\int$ -in ha wan axa?tsi
 terra loc ? 1^{pl} sentar
 "Nós sentamos no chão"

(121) a. misu-n
 "na água"

b. esak-en ka-in ha tsula
 rede loc ? 1^{pl} deitar
 "Eu estou deitado na rede"

(122) a. Pavuru-ita	"em direção ao Pavuru"
b. Kumaru dat-ita	"para a casa da Kumaru"
(123) São Paulo-lots	"de São Paulo"
(124) si-letsi	"com canoa"
(125) ha atle-tam	"com minha mãe"
(126) kiki-iets	"por causa do homem"
(127) kawihu-tis	"quando chove"
(128) misu-malan	"na beira do rio"

a.3. SUFIXOS DERIVACIONAIS

Em Trumai, são possíveis dois tipos de derivação: exocêntrica - aquela onde ocorre mudança de classe - e endocêntrica - aquela em que não há alteração da classe da palavra que sofreu derivação, mas apenas de seu sentido. Os elementos que provocam derivação são sufixos, que são apresentados a seguir:

a) derivação exocêntrica:

-t	nominalizador
-k	relativizador
-kwaf	"a coisa para"
Ex: (29-a) a. ma	"comer"
ma-t	"alimento"
b. axa?tsi	"sentar"
axa?tsi-t	"sentador"
(129) a. fatla-k	"o que é furado"
b. ma?tsi-k	"o doente (lit: o que tem doença)"
(130) sone-kwaf	"copo (lit: a coisa para beber)"

b) derivação endocêntrica:

-sin
-ke

"o adorador de"
"abundancial"

Ex: (20-b) di-sin

"o adorador de mulher"
(Bec-pp 180)

(131) kuſ-ke

"cabeludo"

a.4. SUFIXOS MARCADORES DE CASO

Os marcadores de caso, segundo Anderson (1985), indicam o papel sintático e semântico do SN a que se prendem. Como a marcação de caso será melhor tratada no capítulo sobre a sintaxe da língua, apresentaremos aqui apenas o quadro de marcadores, que se prendem a nomes ou a sintagmas nominais. No caso de sintagma, o marcador se prende ao seu último elemento. Ex:

(132) xuʔtʂa-tke ʔak ka-in ha ʃi [ha ian ajajtke]-ki
 ver 3sg neg 1sg ? 1sg ? 1sg foto feia OI
 "Eu não quero ver minha foto feia"

Há um exemplo dado por Becquelin (pp 205) que nos pareceu muito interessante:

(133) aek trumai ami denemnak-es oko-k-etl
 chefe falar plantaç OI vigiar-rel-OI
 "Os Trumai chamam de chefe aquele que vigia as
 plantações".

Observa-se que, primeiramente, oko que é verbo passou a nome por causa do relativizador -k, podendo assim receber a marca de objeto -tl. Mas, se atentarmos melhor, vemos que -tl prende-se não a um nome, mas a todo um sintagma: "o que vigia a plantação":

[[denemnak-es oko] + -k] + -tl
 SV SN

Os marcadores de caso do trumai são:

1. marcadores de objeto indireto:

a) objeto pronominal:

singular: -tl
 plural: -ki

Para os pronomes plurais de 1ª pessoa, a afixação do marcador de objeto indireto gera formas irregulares:

ha-a	+ ki	→	haana-ki	"1p dual-excl"
ka-a	+ ki	→	kaana-ki	"1p dual-incl"
ha-wan	+ ki	→	hawana-ki	"1p pl-excl"
ka-wan	+ ki	→	kawana-ki	"1p pl-excl"

b) objeto nominal:

humano: -tl

não-humano: 1. verbos classe I : -s/-es ou -ki
 2. verbos classe II : -tl/-etl ou -ki

2. marcador de sujeito: -k/-ek

Igualmente ao que ocorre com o marcador de obj. indireto, a afixação do marcador de sujeito, para os pronomes plurais de 1ª pessoa, gera formas irregulares:

ha-a + k	→	haanak	"1p dual-excl"
ka-a + k	→	kaanak	"1p dual-incl"
ha-wan + k	→	haanak	"1p pl-excl"
ka-wan + k	→	kawanak	"1p pl-incl"

a.5. AFIXOS DE POSSE

A expressão de posse em Trumai pode se dar de diferentes formas: por meio de afixos e pelo emprego de pronomes livres ou de demonstrativos em construções genitivas; nestas, o possuidor precede o elemento possuído.

Os pronomes livres e os demonstrativos marcam a posse obrigatória com os termos designativos de parentesco e das partes do corpo. Ex:

- (134) a. ha ao "meu pai"
 b. kaʔnatl atle "mãe daquela"

- (135) a. ha iʃa "meu dente"
 b. hi iʃa "teu dente"
 c. hinatl kuʃ "cabelo dela"
 d. kanatl kuʃ "cabelo daquela"

No caso da 3ª pessoa, pode-se tanto empregar o pronome ou demonstrativo (*hine, etc*), quanto os afixos, sendo que estes são usados preferencialmente.

a.5.1. O sufixo **-kte/-kate**:

A expressão de posse com relação a objetos materiais em Trumai se dá por meio do acréscimo do sufixo **-kte/kate** ao SN possuidor, que é colocado anteposto ao SN possuído. As duas formas são possíveis, mas usa-se preferencialmente **kate** no caso de palavras terminadas em consoante (provavelmente por questões de estrutura silábica).

Este sufixo de posse pode também se ligar aos pronomes. Os pronomes singulares *ha*, *hi*, *hine* só admitem o emprego do sufixo **kte**; o pronome 3ª p fem *hinatl* só admite o uso de **kate**; aqui também deve estar envolvida a questão de estrutura da sílaba. Com as demais pessoas, ocorre o mesmo que com os nomes, isto é, o emprego das duas formas é possível. Ex:

- (136) a. *hai-kte han* / **hai-kate han* "É meu" (lit: é coisa minha) *17
 b. *hi-kte han* / **hi-kte han* "É teu"
 c. *hine-kte han* / **hine-kte han* "É dele"
 d. *hinatl-kate han* / **hinatl-kte han* "É dela"
 e. *ha-wan-kte han* / *ha-wan-kate han* "É nosso"
 f. *Amati-kte han* / *Amati-kate han* "É do Amati"
- (137) a. *hai-kte si* "minha canoa"
 b. *axos-kate esak* "rede do menino"
 c. *karaju-kate so* "fósforo (lit: fogo de branco)"

a.5.2. Os afixos de posse de 3ª pessoa:

A expressão de posse de terceira pessoa para termos de parentesco e de partes do corpo, além de realizada com o pronome **hine**, pode ser feita também por meio do prefixo **-tsi** "posse de termos de parentesco" e do sufixo **-ake** "posse de partes do corpo" (ou elementos ligado ao corpo, entre eles sombra, nome e roupa):

	hine	N
tsi-	Ø	N
	Ø	N -ake

Ex: (138) a. tsi-(a)tle "mãe dele"
 b. tsi-dí "mulher dele"

(139) a. hinatl ku "cabelo dela"
 b. kuʃ-ake "cabelo dela"
 c. Ø wan mut-ake "roupas deles"

b. CLÍTICOS

b.1. O CLÍTICO PRONOMINAL -n/-e

Trata-se de um morfema de terceira pessoa que pode se referir ao sujeito das orações intransitivas ou ao objeto das transitivas. Ele é empregado quando nestas funções ocorre um Ø lexical, muito provavelmente porque o elemento que as ocupava foi elidido. Isto significa que **-n/-e** exerce um certo controle das funções acima citadas, ou mais precisamente, das funções sintáticas não marcadas.

Em orações com constituintes nucleares, o morfema **-n/-e** ocorre sempre preso ao verbo ou a um segundo ver-

bo, se presente:

- (140) [0]-ii lax kawa-n "Ele vai caçar"
mc.SN? caçar ir-3^a

Em orações mais expandidas, ele pode se prender a outros elementos, de preferência, ao último do enunciado, a menos que este já tenha recebido outro marcador (p. ex, se for um objeto indireto, marcado por -s, -tl, -ki). Ex:

- (141) a. faulty tak uan-e
vergonha neg pl 3^a
"Eles não tem vergonha" (Bec.pp 193)
- b. ngyts, faulty faulty pat-e
agora ter vergonha pouco-3^a
"Agora, eles têm um pouco de vergonha" (Bec.p 193)
- c. ala-ke ka-in i-n "Ele pesca"
pescar-adj ? 3^a

Podemos interpretar -n/-e como um clítico por suas características. Segundo Zwicky (1977 ; 1985), nem sempre é possível distinguir claramente uma forma presa de uma livre, ou um afixo de um clítico, mas alguns traços básicos podem auxiliar nesta tarefa.

Basicamente, um clítico se distingue de uma forma livre pela sua distribuição: não ocorre em isolamento completo; tem ordem relativamente fixa; sua distribuição pode ser descrita por regras simples. Ou seja, ela é

muito menos flexível e complexa que a de uma forma livre.

As formas livres são independentes quanto ao acento, enquanto que os clíticos não carregam um acento independente, ficando fonologicamente subordinados a uma palavra vizinha. Os clíticos podem ainda sofrer regras de Sandhi interno (regras fonológicas aplicadas dentro de palavras) e ficar imunes a certos processos sintáticos, como a elisão ("partes próprias de palavras" - como afixos e clíticos "não são deletadas sob identidade"; p.ex. em inglês diz-se "dancing and singing", e não *dance and singing - Zwicky - 1977 - pp 3).

Um clítico diferencia-se de um afixo porque enquanto este ocorre sempre com uma mesma classe morfosintática, o clítico pode se associar com palavras de várias categorias morfosintáticas, ou seja, o clítico, mesmo não sendo uma forma livre, pode exibir alguma liberdade de ordem dentro da oração (se bem que esta liberdade é bem menor que a de uma forma livre, e é previsível).

O morfema -n/-e pode ser interpretado como um clítico por apresentar todas as características acima descritas: não possui acento; sofre processo fonológico de acordo com a palavra com a qual se combina (seleção de -n ou -e, em coerência com as estruturas silábicas da língua); apresenta imunidade à elisão: mesmo que ele se refira ao mesmo sujeito, ainda assim não é apagado.

Ex:

(142) [0]ii tsula kawa-n 3^a de [0]ii otl-e axak
 mc.SN? deitar ir 3^a ? já mc.SN? dormir-3^a para
 "Ele já foi deitar para dormir"

Isso tudo demonstra que -n/-e não é uma forma livre, mas presa. Embora tenda a ocorrer preso ao verbo, não é só a ele que pode se ligar, como se observa no exemplo (141); ou seja -n/-e apresenta certa mobilidade de posição, podendo associar-se a palavras de mais de uma categoria morfosintática; portanto, não é um afixo.

Mas, mesmo tendo certa liberdade de posição, sua distribuição pode ser descrita por uma regra simples: ele ocupa preferencialmente a última posição da oração. Ele se liga com mais frequência ao verbo porque este tende também a ocorrer no final da oração: a ordem básica do Trumai para as orações transitivas é SOV (cf. sintaxe); para as intransitivas com dois constituintes nucleares, é quase sempre SV; e no caso dos verbos intransitivos estendidos, que podem apresentar um objeto indireto posposto a eles, o objeto está marcado; logo, -n/-e não se prende a ele. O mesmo ocorre com as transitivas, com relação ao sujeito, que pode deslocar-se para a posição final da oração, mas que também é marcado.

O clítico -n/-e só ocorre preso a outros elementos quando o verbo não ocupa a penúltima posição da oração. É o caso das orações (a), (b) e (c) do ex (141), onde

ele se prende, respectivamente, ao pluralizador, a um advérbio (pat é aqui um advérbio porque modifica um verbo, falti "ter vergonha"; este é um verbo porque aqui funciona como o predicado da oração) e ao morfema ɬi. Mas estes elementos, apesar da presença de -n/-e, não serão interpretados como verbos, porque há fatores sintáticos que levarão a identificar outro elemento como o verbo da oração onde eles ocorrem; além disso, ɬi e wan não pertencem às classes abertas e sua classificação é sempre a mesma, já que suas funções são mais específicas.

Por outro lado, observa-se que -n/-e pode prender-se a outros elementos que não o verbo da oração, mas nunca ao nome que é o objeto ou sujeito da oração. Ou seja, quando se trata das formas das classes abertas, -n/-e prende-se somente à raiz que na oração funciona como verbo (ou como advérbio, porque ele não corre o risco de ser interpretado como o predicado da oração), mas não à raiz (ou raízes) que funciona(m) como nome(s). Isso permite que este(s) último(s) seja(m) interpretado(s) como o sujeito ou objeto da oração.

b.2. OS CLÍTICOS PLURALIZADORES

O Trumai apresenta alguns morfemas para a categoria de número. Eles se opõem a Ø, que é a marca de singular. As formas pluralizadoras são:

a	"dual"	wan	"plural"
paine ou -pa	"conjunto de/ numerosos"		

Estas formas representaram um grande problema de identificação, pois dadas as suas características, era possível considerá-las tanto formas presas como livres. Elas têm ordem fixa, ocorrendo sempre depois do elemento que modificam. Sua distribuição pode ser descrita por um princípio simples: combina-se com nomes e pronomes, núcleos do SN.

Em alguns casos elas parecem formar uma unidade fonológica com a palavra que as recebe. Por exemplo:

(143) a.	atela + a	"os dois sois"
b.	ha + wan	"1ª p. pl"
c.	di + wan	"as mulheres"
d.	axos + pa	"a criançada"

Mas há casos em que estes morfemas parecem livres; observa-se também que entre um nome e wan pode-se inserir -pa. Ex:

(144) a.	kʔate paine	"cardume" (kʔate "peixe")
b.	axos-pa wan	"as crianças"

Além disso, há a construção [0 wan/a] + V-n, que expressa a 3ª p pl. Seria possível dizer que um afixo

preendeu-se a um Ø lexical?

O único destes morfemas que parece ser realmente um sufixo é -pa; já os demais, acreditamos que não o sejam. Mas, por outro lado, considerá-los formas livres não é possível, dadas as suas características.

O mais provável é que eles sejam clíticos, pelos traços que apresentam (sobre clíticos, temos por orientação teórica Zwicky - 1976, 1985): apresentam comportamento semelhante aos dos elementos presos; sua distribuição pode ser descrita por regras simples; parecem estar imunes a certos processos sintáticos, como a elisão. Daí a existência da construção [Ø wan/a]: a palavra livre que era núcleo do sintagma não aparece, por ter sido elidida, mas wan/a permanece, porque não é uma forma livre, sendo apenas uma parte da construção; porém não é um afixo, porque se estivesse formando uma unidade com a palavra com a qual se combinou, teria sido também elidido. Assim, nossa conclusão é de que a, wan e paine são clíticos; já o morfema -pa é um afixo, e, muito provavelmente, é uma redução de paine, que de clítico deve estar evoluindo para afixo.

UM PROBLEMA DE ANÁLISE : O MORFEMA *ii*

Este morfema realiza-se foneticamente como [iji]. Porém, há momentos em que ele ocorre como [ii]; é o caso da fala mais lenta. Ex:

(145)a. [pat'jumãt kain iji] "Tem(há) muito pouco"

b. [pat'jumãt kain ii]

(146)a. [aʔdi kʔatɛ iji] "Tem(há) muito peixe"

b. [aʔdi kʔatɛ ii]

É de se pensar, então, que o que se tem aqui é a ocorrência de J sendo introduzido para quebrar a sequência vocálica; talvez seja ainda uma caso de espalhamento de palatalização. Outra hipótese é a de que o morfema é *i*, e *ii* ocorre porque ele é empregado duas vezes (o Trumai tem vários casos de duplicação de morfemas). Fonologicamente, consideraremos este morfema como /ii/.

Este morfema é muito usado. Ocorre com muita frequência quando se trata de 3ª pessoa:

(148) tsi-di ii ka-in "Ela é mulher dele"
 poss mulh ?

(89) hanis de hi ʃi ? "Onde você vai?"
 onde já 2ª ?

(149) hanis de ii ? "Onde ele vai?"
 onde já

Como analisá-lo? Primeiramente, tentamos observar as construções sintáticas existentes no Trumai. Constatou-se que existem os seguintes tipos de construção:

Pron	V
Nome	V
Demonst	V

No caso da terceira pessoa, além da construção Pron + V, há ainda as construções envolvendo o clítico -n/-e, que é um morfema de 3ª pessoa e que não ocorre com nomes ou pronomes, exceto em casos de topicalização:

	V + -n/-e	
ii/i	V + -n/-e	(i pode ser empregado, mas a ocorrência de ii é bem mais frequente)
wan	V + -n/-e	

Ex: (150) a. ma-n " (Ele) come "

b. ii ma-n "Ele come "

c. wan ma-n "Eles comem "

d. i make-n ka-in "Ele está mordendo "

e. hinatl, ii falti-n

"Ela (indicando), ela está com vergonha "

f. * hine ma-n

* axos ma-n

* ha ma-n

Inicialmente, pensou-se que i/ii fosse um expletivo, como o it do inglês. Isso poderia ser pensado diante dos dados:

- | | |
|-----------------------|-----------------|
| (151) a. ii xuxla-n | "Está chovendo" |
| b. tsixu?tsa ka-in ii | "Está frio" |

Mas depois constatou-se que não é, porque além das construções já citadas, existem ainda as seguintes construções:

Pron. 3p	i/ii	V
Nome	i/ii	V
Demonstr.	i/ii	V *18

Ex: (152)

- | | |
|------------------------|-----------------------|
| a. hine i peŋ ka-in | "Ele está correndo" |
| b. hinatl ii falti | "Ela tem vergonha" |
| c. pitik i wapta ka-in | "O macaco caiu" |
| d. kiki ii axa?tsi | "O homem sentou" |
| e. ka?natl i ami kain | "Aquele está falando" |
| f. ka?ne ii wapta | "Ele(aquele) caiu". |

Pensou-se, então, que i/ii fosse uma marca de concordância do verbo com o sujeito de 3p. ou suj. nominal (com 1ª e 2ª pessoas ele nunca aparece). Mas foi observado que i/ii não é preso ao verbo:

(153) hadifle i ukan ∫uda-ke atsaek-es
irmã ainda fazer-nom pereb OI
"Minha irmã está fazendo perereba"

(154) tsixu?tsa jumane ka-in misu i
frio muito ? água
"A água está muito fria"

(155) pitik i ka-in ∫etsi-ke
macaco descer nom
"O macaco está descendo"

(156) hamuna in ia i ?
onde ? cuia
"Onde está a cuia"

(157) ni?de tlep i ka-in pix-tak
este pena ? pequena
"Esta pena é pequena"

(158) ole-s ∫i-in di i
mand OI ? mulher
"A mulher está pegando mandioca"

Por fim, constatou-se que i/ii aparece também junto com objeto indireto nominal ou pronominal de 3^{ap}, entre este e o marcador de caso, e também com o objeto direto(nominal ou pronominal de 3^{ap}):

(159) ha xu?tsa asi-ii-ki
iã ver estrela OI
"Eu vi estrelas"

- (159) **ha it̩ ka-in fede-i-ki**
 i̩ medo ? onça OI
 "Eu tenho medo de onça"
- (160) **ha fa ka-in kasoro-i-ki**
 i̩ bater ? cão OI
 "Eu bato no cachorro"
- (161) **p̩tik i disi ka-in hine-k**
 macaco bater ? 3̩ erg
 "Ele bateu no macaco"

Nota-se, pois, que esse elemento está ocorrendo depois de SN de 3p (sg-pl), de SN nominal e também de SN com demonstrativo. Nestes casos, ele parece ser opcional, ora havendo sua ocorrência, ora não.

O morfema *i/ii* ocorre também nos casos em que na posição do SN ocorre um Ø lexical; ou seja, a posição prevista para o SN ocorrer não está lexicalmente preenchida (provavelmente devido a elisão do SN), mas ainda assim *i/ii* ocorre depois dela. Aliás, nestes casos, *i/ii* quase sempre é empregado.

A seguir, exemplos da opcionalidade de emprego de *i/ii* após SNs lexicalmente ocupados:

- (162) a. **feʔde i peʃ**
 b. **feʔde peʃ**
 onça correr
 "A onça correu"

- (163) a. hinatl i falti
 b. hinatl falti
 3ª vergonha
 "Ela está com vergonha"

- (164) a. ka?natl i ami ka-in
 b. ka?natl ami ka-in
 aquela falar ?
 "Ela(aquela) está falando"

A questão é determinar o que é este morfema. Ele não pode ser identificado como marcador de caso, pois se assim fosse, nas ocorrências com sujeito ou objeto marcados haveria dois marcadores no mesmo SN:

- (165) asi-i-ki
 estrela OI

- (166) hi disi a i hine-i-k ?
 2ª matar inter ? 3ª erg
 "Ele bateu em você?"

Ou então, sujeito e objeto com a mesma marca:

- (167) axos-i ka-in dama-ke pitak asix-i-ki
 cr ? puxar nom? mac rabo OI
 "O menino puxou o rabo do macaco"

(101) han-ii-ki in [Ø]-ii xup-e
 que obj ? saber-3^a
 "O que é que ele sabe?"

Como se observa nos dados apresentados, este elemento ocorre sempre depois de SN, esteja este SN em função de sujeito (marcada ou não) ou de objeto (direto ou indireto). Só não é encontrado ocorrendo com SN posposicionais.

Talvez o morfema i/ii ocorra para indicar a existência de uma posição de SN, ainda que nesta posição haja um Ø lexical (a posição não está preenchida porque há um Ø ; mas ela, de alguma forma, é preservada). Pode ser também que i/ii ocorra para indicar que o elemento que vem antes dele funciona sintaticamente ^{como} um SN. Ex.:

(168)

Sapuja i ʃi waimi-ke hai-tl [Aria xuma tsu]-ii-ki
 Sapuja ? contar 1^a OI Aria banhar ir ao rio OI
 "A Sapuja me disse que a Aria foi banhar"

Constata-se ainda que a presença de i/ii ^é obrigatória em alguns casos, em outros não. Essa obrigatoriedade ocorre justamente nos casos em que há um Ø lexical (cf. sintaxe). Isto nos leva a pensar que a função deste morfema possa ser a de controlar o funcionamento dos SNs.

Dada a sua posição fixa, ele pode ser considerado uma forma presa, muito provavelmente um afixo, já que ele se liga sempre a uma mesma categoria sintática e, em alguns casos, ocorre entre o SN e outro afixo (ex: asi-i-ki): como já se disse anteriormente, nenhuma operação sintática (como a realizada por afixos de caso) pode seguir operações clíticas. O marcador de objeto indireto -ki é um afixo; se ele é afixado ao SN depois que i/ii foi empregado, é porque este último não é um clítico, mas também um afixo. Mas, de qualquer forma, ele requer ainda maiores análises.

NOTAS

*1. Os nomes recebem morfemas flexionais de número e caso, e podem também sofrer derivação; os verbos recebem morfemas flexionais de aspecto e também morfemas de derivação. Além de flexão e derivação, há ainda em Trumai o processo morfológico de reduplicação; alguns morfemas podem ser reduplicados, para expressar ênfase. Ex:

(169) a. ukan ukan "ainda" (ukan - adv)

b. make make "morder mastigando" (make "morder")

*2. As terminologias "intransitivo estendido" e "transitivo estendido" não são muito conhecidas, mas são empregadas por alguns teóricos, como Dixon. Elas serão melhor tratadas no capítulo sobre sintaxe.

*3. Para expressar a ação de "matar" existem em Trumai duas raízes verbais: fa, que é intransitiva estendida, e disi, que é transitiva. Sobre isto, cf. sintaxe, itens 5.2 e 5.3

*4. Becquelin inclui ukan e de entre os aspectuais, denominando-os, respectivamente, "aspecto continuativo" e "ação já iniciada ou já acabada". Porém, ao analisarmos o comportamento destes elementos, percebemos que eles não têm posição fixa depois do verbo, como ocorre com os morfemas que expressam aspecto. Assim como os advérbios, ukan e de apresentam mobilidade de posição, podendo ocorrer inclusive na 1ª posição, o que nunca se dá com os morfemas de aspecto. Portanto, de e ukan são advérbios. Ex:

(170) [0]-ii tsula kawa-n 3^a de
 mc.SN? dormir ir-3^a ? já
 "Ele já foi deitar para dormir"

(171) "Eles ainda falam" a. hinak-wan ukan ami
 3p pl ainda falar
 b. ukan [0 wan] ami-n
 ainda pl falar-3^a

*5. Existem atualmente estas duas variantes sendo empregadas na língua. A primeira forma é usada predominantemente pelos mais velhos; a segunda, por alguns adultos e pelos mais jovens. É possível que a forma nahak constitua um caso de influência do Português, isto é, introdução da nasal alveolar em posição inicial, em analogia ao

advérbio de negação do Português. A forma nahak é bastante usada, dado que os mais jovens são em maior número que os adultos; porém não é considerada pelos mais velhos como "boa" ou "correta". Ou seja, embora mais difundida, não é muito prestigiada.

*6. Observa-se que os sintagmas nominais são negados pelo morfema anuk EX:

(172) tsi-u anuk "não é o pai dele"
pos3ª pai neg

(173) ha atle anuk "não é minha mãe"
1ª mãe neg

Não é possível incluir este morfema entre os advérbios, já que ele modifica elementos nominais. Também não foi possível ainda estabelecer com certeza se este morfema é livre ou preso: sua posição é fixa, ocorrendo sempre depois do elemento que modifica. Mas, por outro lado, ele apresenta acento, o que pode ser um indício de que ele seja livre.

Talvez anuk seja mesmo preso, pois há um outro morfema (nik) que apresenta comportamento de forma presa e que também nega nomes, no sentido de sua não existência:

(174) a. jaw	"Alguém"
b. jaw-nik	"Ninguém"
c. misu-nik	"Não tem (há) água"
d. tʔaak-nik	"Não tem beiju"

Como, infelizmente, temos poucos dados com estes dois morfemas, preferimos ainda não apresentar uma conclusão definitiva sobre eles, deixando para abordá-los em um estudo futuro sobre a negação em Trumai.

*7. Certos falantes, por vezes, dizem ha? (ex: [ha? ku-ta] "minha cabeça"), mas a forma mais usada é aquela sem a glotal.

*8. "... (hine) um ancien personnel de troisième personne, qui n'est plus employé, à de très rares exceptions..." (Monod-Becquelin - 1975 - pag 176).

*9. Como em outras culturas xinguanas, entre os Trumai as relações de evitação entre parentes afins (cunhado(a), sogro(a) e genro(nora) manifestam-se pela proibição em pronunciar os seus nomes (Galvão, E. - Cultura e sistema de parentesco nas tribos do Alto Xingu - 1953)

*10. Infelizmente, temos poucos dados com a partícula de dual a, não tendo sido possível verificar se o morfema ii ocorre também com ela, como se dá com wan.

*11. " Il (o sufixo verbal -n, "ausência de monema em função sujeito") s'agit, bien entendu, du point de vue grammatical: (absence d'une "forme" de sujet) et non du point de vue sémantique: cette marque n'est pas équivalente à un indéfini du français" (Monod-Becquelin - 1975 - pag 175).

*12. Infelizmente, em nossos dados não foram encontrados demonstrativos combinados com o morfema de dual (p. ex, "aqueles dois"), mas pode ser que isto ocorra, semelhantemente ao que se dá com os pronomes. Este fato deverá ser investigado.

*13. Uma outra interpretação foi postulada para a ocorrência dos demonstrativos em função sujeito: pensou-se que poderia estar ocorrendo uma elisão do nome, tendo em seu lugar um $\emptyset$, como na construção [$\emptyset$ wan]; ou seja, [demonstr $\emptyset$]. Porém, acreditamos que não seja este o caso, pois a construção [$\emptyset$ wan] só se dá porque o núcleo do sujeito foi elidido, mas o clítico pronominal recupera-o (o clítico exerceria um certo controle da função de sujeito).

Os pronomes podem funcionar como núcleo do SN; quando eles ocorrem como sujeito, -n/-e não é empregado, justamente porque o núcleo do SN não foi elidido. Os demonstrativos, como os pronomes, são incompatíveis com -n/-e. Isso nos leva a crer, então, que não deve estar ocorrendo elisão do nome, sendo o demonstrativo o núcleo do sujeito.

*14. O modo imperativo não foi abordado aqui, porque ele é realizado pelo emprego de dois morfemas, *wana* (para verbos intransitivos) e *waki* (para verbos transitivos), colocados antepostos ao verbo. Não sabemos ainda se estes morfemas são presos ou livres; supomos que sejam partículas, mas isso necessita ser melhor analisado. Os morfemas de imperativo serão tratados mais detalhadamente no capit. 3, relacionando seu emprego com os fatos sintáticos encontrados.

*15. "Case markers are words that indicate the syntactic and/or semantic role (e.g. subject and/or agent) of the noun phrase to which they belong.

There are certain adpositions that are clearly not discourse markers, but that are not ordinarily identified as case markers: for example...the words indicating various locative relations in the following examples from English,...

(99) It's *on/under/beside* the table "
(Schachter - 1985 - pp 35/36)

*16. *ki* e -n podem alternar-se. *ki* parece ser o locativo mais geral; -n implica mais em um locativo puntual, indicando um determinado lugar.

*17. Em termos silábicos, estas construções organizam-se da seguinte maneira:

[ha.ik.'tɛ]

[hik.'tɛ]

[hi.nɛk.'tɛ]

[ha.waŋk.'tɛ]

*18. Depois do pronome *hinatl* e dos demonstrativos *kaʔnatl* e *kaʔnakwan*, foneticamente não ocorre propriamente i. A impressão que se tem é que ocorre ki (depois de *hinatl* e *kaʔnatl*) e di (depois de *kaʔnakwan*). Pode ser um caso de influência da consoante anterior (,n), o que estaria gerando [ki] / [di] - [dʒi], ao invés de [ji], que é o que geralmente aparece. Isto é, pode ser que se-ja uma alomorfia causada por fatores fonéticos. Assim, consideraremos o morfema como sendo i/ii, tendo essas variantes posicionais.

CAPÍTULO 3

ASPECTOS DA SINTAXE - A MARCAÇÃO DE CASO

Nesse capítulo, faremos um estudo da sintaxe da língua Trumai, em especial, do seu sistema de marcação de caso. Como veremos, o Trumai é uma língua ergativa e seu sistema pode ser explicado com base nos estudos tóricos sobre Ergatividade; aqui levaremos em conta principalmente os trabalhos de Dixon (1979-1985).

A ordem dos constituintes da oração não é fixa em Trumai, pois variações são possíveis; mas também não é totalmente livre, pois se constata que a ordem de alguns elementos tende a ser preservada, apesar das variações existentes. Esse fato colaborou para que se pudesse interpretar melhor o sistema de marcação de caso desta língua. E a marcação de caso, por sua vez, permitiu que chegássemos à ordem básica da língua. Ou seja, foi um trabalho conjunto de análise, feito ora em uma direção, ora em outra. Os fatos sobre a língua serão apresentados seguindo as etapas de nossa análise, para que o leitor possa compreendê-la melhor.

1. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A ORDEM EM TRUMAI

Inicialmente, vamos apresentar a ordem dentro dos sintagmas, que é fixa; depois, faremos algumas considerações sobre o morfema *i/ii*, pois como este elemento

ocorre sempre após SNs, será de grande importância para se analisar a ordem dos constituintes, já que ele permite visualizar onde estão os SNs da oração (ainda que haja um $\emptyset$ lexical); por fim, apresentaremos alguns dados que demonstram algumas possibilidades de ordem em Trumai. Posteriormente, na análise de cada tipo oracional, serão feitas algumas considerações sobre a ordem de seus constituintes.

1.1. A ORDEM DENTRO DOS SINTAGMAS

Sintagma Nominal

DET	N
N	Adj
Q	N

Ex: (18-c) mihin dak	"uma perna"
(16-a) atlat pat	"panela pequena"
(175) a?di t?aak	"muito beiju"

Sintagma Verbal

V ₂	V ₁
V-asp	
V	NEG
V-asp	NEG

Ex: (176) a. ha alax kawa

iã caçar₁ ir₁

"Eu vou₁ caçar₂"

b. ha sa-tke ka-in

iã dançar-vol ?

"Eu estou com vontade de dançar"

c. ha xup tak

iã saber neg

"Eu não sei"

d. sone-tke tak ka-in ha ʃi

beber-vol neg ? iã ?

"Não estou com vontade de beber"

1.2. O SN E A OCORRÊNCIA DE I/II DEPOIS DELE

O morfema i, ou ii ocorre sempre após os SNs constituídos pelos seguintes elementos : Pronomes de 3ª pessoa, Demonstrativos, Nomes. Ocorre também nos casos em que há um Ø lexical na posição prevista para aparecer um SN. *1.

O morfema i/ii nunca ocorre com SNs constituídos por pronomes de 1ª e 2ª pessoas. Parece, então, que a língua faz distinção entre as pessoas do discurso (falante-ouvinte) e as chamadas "não pessoas".

O morfema i/ii pode ocorrer com SNs tanto em funções com marcação (sujeito das orações transitivas (A), objeto indireto (OI); ou mais precisamente: caso

ergativo, caso dativo), como em funções sem marcação, isto é, com marcação Ø (objeto das orações transitivas (O), sujeito das intransitivas (S); ou seja, caso absoluto). Porém, não é atestado ocorrendo com SNs posposicionais (em nossos dados, não se verificou esta ocorrência).

Observa-se que com os pronomes de 3ªp, Nomes e Demonstrativos o seu emprego é opcional, podendo surgir *i* ou *ii* (o emprego de um ou de outro parece não fazer diferença). Já no caso em que há um Ø lexical na posição de SN, a presença do morfema é obrigatória, conforme a função do SN:

1. *objeto de oração transitiva*: o emprego de *i/ii* é opcional, mas os falantes tendem a empregá-lo

2. *sujeito de oração intransitiva*: o emprego de *ii* (geralmente é ele que ocorre; dificilmente se encontra *i*) é obrigatório, dependendo do contexto:

- quando se apresenta a informação: com *i/ii*

(177) [Ø]ii itĩ-n

medo-3ª

"Ele está com medo (comentando)"

- quando se responde a uma pergunta: sem *i/ii*

(95) [Ø]ii itĩ-n a ? "Ele está com medo?"

(178) Ø itĩ-n "Está"

Uma hipótese pode ser levantada para essa diferença de emprego: *ii* é usado obrigatoriamente ao se apresentar uma informação, porque este morfema faz referência à posição de um SN, ainda que este não esteja lexicalmente realizado (porém, não acreditamos que seja só essa a função deste morfema).

No exemplo (177), há um $\emptyset$ lexical na posição do SN que é sujeito da oração; nesse caso, o uso de *ii* acaba sendo necessário, para indicar a posição prevista para o SN-sujeito. No caso da resposta a uma pergunta, o uso de *ii* não se faz tão necessário, porque a posição para o SN-sujeito já foi assinalada na pergunta. Como a oração (178) tem praticamente a mesma estrutura que a oração (177), as posições assinaladas nesta serão também encontradas naquela. Assim, se a posição prevista para o SN-sujeito já foi atestada na pergunta, ficará sub-entendida na resposta. Mas isso, evidentemente, é apenas uma hipótese, que precisa ser melhor verificada.

A seguir, exemplos de ocorrência de *i/ii*, ilustrando o que foi dito anteriormente.

a) SN em função sem marca (marcador Ø)

(180)

- | | | |
|--------------|---------|-----------------------|
| a. ha | tsula | "Eu deitei" |
| b. hi | tsula | "Você deitou" |
| c. hine-i | tsula | "Ele deitou" |
| d. kiki-i | tsula | "O homem deitou" |
| e. [Ø]-ii | tsula-n | "Ele deitou" |
| f. kaʔnatl-i | lafku | "Ela (aquela) nada" |
| g. hai-ts | atlat-i | mapa |
| | ia erg | panela quebrar |
| | | "Eu quebrei a panela" |

- | | | | |
|-----------------|--------|----------|--------------|
| (181) a. hai-ts | [Ø]-ii | disi-n | "Eu o matei" |
| b. hai-ts | Ø | disi-n | "Eu o matei" |
| | ia erg | matar-3ª | |

b) SN em função marcada

- (182) feʔde i ma-tke ka-in hai-tl
 onça comer-vol ? ia OI
 "A onça quer me comer"

- (183) [Ø wan]-i fa-tke-n ka-in hi-tl
 pl matar-vol-3ª ? 2ª OI
 "Eles querem matar você"

- (184) ha xuʔtsa ukan piʔke-ii-ki
 ia ver ainda casa OI
 "Eu vejo a casa"

- (185) ha fa ka-in kasoro-i-ki
 ia matar ? cão OI
 "Eu bato no cachorro"

- (189) ha disi ʃi haak (O V A)
 iã bater ? 2ã erg
 "Você bateu em mim"
- (190) niʔde-k ʃi-in ha disi (A O V)
 este erg ? iã bater
 "Ele (este) bateu em mim"
- (191) pitik-i wapta ka-in iwɨr-lots (S V LOC)
 macaco cair ? árvore-origem
 "O macaco caiu da árvore"
- (192) so-malan ka-in axos axaʔtsi (LOC S V)
 fogo-beira ? cr sentar
 "O menino está sentado á beira do fogo"

Existem ainda outras variações na ordem, mas estas já são acompanhadas por outras alterações na estrutura da oração; por exemplo, a presença de ʃi. Portanto, não se trata de mera variação na ordem, como os casos acima; outros fatores (que ainda não estão sob nosso controle) devem estar em jogo nestes casos. Ex:

- (193) ha axaʔtsi ka-in (S V)
 iã sentar ?
 "Eu estou sentado"
- (194) wala ka-in ha ʃi (V S)
 estar em pé ? iã ?
 "Eu estou em pé"
- (195) ha ami xup ʔak (S V V NEG)
 iã falar saber neg
 "Eu não sei falar"

(78-b) ami tak ka-in ha ʃɛ
 falar neg ? iə ?
 "Eu não estou falando"

(V NEG S)

2. OS TIPOS ORACIONAIS DO TRUMAI

O Trumai apresenta os seguintes tipos oracionais:

1. Oração não verbal
2. Oração intransitiva
3. Oração intransitiva estendida
4. Oração transitiva com argumentos não marcados
5. Oração transitiva
6. Oração transitiva estendida

TIPO 1. ORAÇÃO NÃO VERBAL :

SUJ(S) + PREDICADO NÃO VERBAL

SUJ	pro		PRE	SN
	nome	(i/ii)		ADJ
	ø	i/ii		QUANT
				Sadv

Ex: (196) a. ha tak Raquel
 iə nome
 "Meu nome é Raquel"

b. tsixu?tsa misu-i
 frio água mSN?
 "A água está fria"

[ø]-ii naʃa ka-in
 mSN? curvado ?
 "Está curvado"

c. aneneote-n ka-in fe?de-ii
mata loc ? onça meSN?
"No mato tem onça"

d. a?di ka-in k?ate-ii
muito ? peixe meSN?
"Tem muito peixe"

Sobre a ordem:

SN + SN: duas ordens são possíveis:

SUJ + PRED

PRED + SUJ

Ex: (197) ka?natl ∫i ka-in adif detsi
aquela ? ? irmão esposa
"Ela (aquela) é esposa do meu irmão"

(198) ekdan ha ʔy
piloto iʔ ?
"Eu sou piloto" (Bec - pp 159)

SN + ADJ: as duas ordens anteriormente citadas são possíveis: quando o sujeito é ocupado por um $\emptyset$, a ordem mais usada é PRED + SUJ.

(199) deat-i ka-in aetak
fruta-meSN? ? ruim/estragado
"A fruta está estragada"

(200) tʔsax ka-in [Ø]-ii
 reto ? ~SN?
 "Está reto"

SN + Sadv: as duas ordens já citadas são possíveis,
 mas a mais frequente é PRED + SUJ.

(201) piʔke-n ka-in ha ʃi
 casa loc ? iə ?
 "Eu estou na casa"

(202) ha ano-i ka-in ha xop-an
 iə língua ? iə boca loc
 "A língua está na boca"

SN + QUANT: a ordem PRED + SUJ é a mais encontrada.

(16-d) pat ka-in [Ø]-ii
 pouco ? ~SN?
 "Tem pouco"

(203) pi-x-tak ka-in kʔate-ii
 pouco ? peixe ~SN?
 "Tem pouco peixe"

TIPO 2. ORAÇÃO INTRANSITIVA :

SUJ(S) + V INTRANSITIVO

SUJ	pron 1-2 pron 3/demonst/nome Ø	(i/ii) (i/ii)	V
			V
			V -n/-e

O clítico -n/-e refere-se ao sujeito da oração, nos casos em neste há um Ø lexical.

Ex:

- | | | | | |
|-------|----|--------|-------|-------------------------|
| (204) | a. | ha | sa | "Eu danço" |
| | b. | kiki-i | sa | "O homem dança" |
| | c. | [Ø]-ii | sa-n | "Ele dança" |
| | d. | Ø | sa-n | "Ele dança" |
| | | | | |
| (205) | a. | ha | oxa | "Eu estou grávida" |
| | b. | di-i | oxa | "A mulher está grávida" |
| | c. | [Ø]-ii | oxa-n | "Ela está grávida" |
| | d. | Ø | oxa-n | "Ela está grávida" |

Sobre a ordem: a ordem SUJ + V é mais frequente, mas V + SUJ também é possível. Com a construção envolvendo [Ø]-ii e -n/-e, a ordem é quase sempre SUJ + V (dificilmente se altera). Ex:

- | | | | | | |
|--------------------------|----|--------|--------|-------|----------|
| (206) "Eu estou deitado" | a. | ha | tsula | ka-in | (S V) |
| | | iə | deitar | ? | |
| | | | | | |
| | b. | tsula | ka-in | ha | ŋə (V S) |
| | | deitar | ? | iə | ? |

TIPO 3. ORAÇÃO INTRANSITIVA ESTENDIDA :

SUJ(S) + V INTR + (OI)

SUJ	pron 1-2	{(i/ii)}	V	OI
	pron 3/demonst/nome		V	OI
	Ø		V-n/-e	OI

Consideramos este tipo oracional como intransitivo porque o verbo não apresenta um complemento direto. Porém, pode receber um objeto indireto (dativo), mas a presença deste não é obrigatória; isto é, o objeto indireto pode ocorrer, mas não é estruturalmente obrigatório (o verbo só codifica um participante como essencial). Na verdade, o objeto indireto desempenha uma função adjunta (isso explica a sua maior mobilidade de posição). Portanto, tem-se aqui um tipo verbal intransitivo, que pode estender-se. Alguns poucos verbos podem apresentar dois objetos indiretos, ambos marcados, ambos desempenhando uma função adjunta (cf. exemplo (36) adiante).

Há bons argumentos para se interpretar este tipo oracional como intransitivo estendido, e não como transitivo: a ordem aqui mais encontrada é **S V OI** ; quando o sujeito é constituído pela estrutura [Ø]-ii, a ordem SV nunca é quebrada, isto é, nunca se observa o objeto entre eles.

Se considerássemos o objeto deste tipo oracional como sendo um argumento obrigatório do verbo, teríamos

então como ordem básica SVO. Porém, nas orações transitivas (tipo oracional 5 - cf. adiante), a ordem mais típica é S O V, com a ordem OV sendo sempre preservada (cf. transitivas; cf. ordem adiante).

Ou seja, ao se interpretar as intransitivas estendidas como transitivas, estar-se-ia criando um problema, porque se teria dois padrões de ordem para a língua Trumai. Portanto, a interpretação seria equivocada; a mais adequada é aquela que identifica o tipo oracional em questão como intransitivo. Esta interpretação é corroborada pela construção imperativa, que emprega para os verbos intransitivos estendidos a partícula wana, que é a mesma empregada para os intransitivos simples, ao passo que para os verbos transitivos é usada outra partícula, waki (cf. item E.1.).

Do mesmo modo que ocorre com as intransitivas simples, o clítico -n/-e neste tipo oracional faz referência ao sujeito de 3ª pessoa. Quanto aos marcadores de objeto indireto, podem ser resumidos no quadro a seguir:

PRON-DEM		I	NOME	
SG	PL	HUMANO	NÃO HUMANO	
-(e)t1	-ki	sg -(e)t1	IV classe I	I-(e)t1 / -ki
		p / -ki	IV classe II	I-(e)s / -ki

Como podemos observar, quando na função de objeto indireto ocorrem nomes relativos a seres não-humanos, podem ocorrer dois tipos de marcadores: -s ou -tl. Esses marcadores são selecionados pelo verbo, isto é, de acordo com a raiz verbal empregada, o objeto indireto recebe um marcador ou outro (cf. exemplos (212), (213) e (214). As classes verbais (I-II) são morfológicas e excludentes: um verbo que seleciona objeto indireto marcado por -tl não aceita que ele seja marcado por -s, e vice-versa. Esses marcadores podem ainda alternar com -ki, que ocorre com o objeto referente a um único ser, em oposição ao objeto pluralizado (cf. exemplos (215) e (216).

A seguir, exemplos:

(207) ha ma ka-in
 iã comer ?
 "Eu estou comendo"

(208) [Ø]-ii ma-n k?ate-s
 mcSN? comer-3ª peixe-OI
 "Ele come peixe"

(209) [di]-ii ma ʃ-in k?ate-s
 mulher-mcSN? comer ? peixe-OI
 "A mulher comeu peixe"

(210) kiki fa hai-tl
 homem matar iã OI
 "O homem me matou"

(211) kiki fa adif-atl
 homem matar irmão-OI
 "O homem matou o irmão"

(212) kiki fa kodeʃiʃ-es
 homem matar cobra OI
 "O homem matou a cobra"

(47) kasoro make hai-tl
 cão morder iʔ OI
 "O cachorro me mordeu"

(213) kasoro make kodeʃiʃ-atl
 cão morder cobra OI
 "O cachorro mordeu a cobra"

(214) a. *kiki fa kodeʃiʃ-atl
 "O homem matou a cobra"

b. *kasoro make kodeʃiʃ-es
 "O cachorro mordeu a cobra"

(215) a. ha ma kʔate-s
 iʔ comer peixe-OI
 "Eu comi peixes (vários)"

b. ha ma kʔate-ki
 iʔ comer peixe-OI
 "Eu comi peixe (apenas um)"

(216) a. ha sone cafe-s
 iã beber café-OI
 "Eu bebi café (uma quantidade grande)"

b. ha sone cafe-ki
 iã beber café-OI
 "Eu bebi café (um pouco)"

(36) di - wan detne uylyr-es kiki paine-s
 mulher pl distrib sopa OI homem col OI
 "As mulheres distribuem sopa aos homens" (Becp213)

Sobre a ordem: várias ordens são possíveis. Quando ocorre a construção [Ø]-ii V-n, a ordem é sempre SUJ + V, com o objeto indireto sendo colocado antes do sujeito ou depois do verbo, mas não se verifica nunca o objeto entre [Ø]ii (sujeito) e o verbo. Ex:

(217) a. ha xuʔtsa de asi-ii-ki (S V OI)
 iã ver já estrela OI
 b. asi-ii-ki ha xuʔtsa (OI S V)
 estrela OI iã ver
 "Eu vi uma estrela"

TIPO 4. ORAÇÃO TRANSITIVA COM ARGUMENTOS NÃO MARCADOS:
 A ORAÇÃO APRESENTA DOIS SNs, AMBOS NÃO MARCADOS

São raras as orações deste tipo. Pode ser que elas representem casos de incorporação, pois alguns destes dados são os únicos exemplos em que, ao se em-

pregar a construção $\emptyset + V-n/e$, o objeto pode aparecer entre o $[\emptyset]$ (sujeito) e o verbo. Pode-se pensar em incorporação porque o verbo e o objeto parecem estar funcionando como um todo; por isso é que o objeto pode aparecer entre o sujeito e o verbo: o objeto é praticamente uma parte deste, e não um termo adjunto, como o objeto indireto (que não ocorre entre sujeito e verbo quando se emprega a construção com o clítico $-n/-e$). Mas esta é apenas uma hipótese, que merece ser melhor investigada.

Ex: (218) tauarauna uan sa-n
 dança xinguana pl dançar-3^a
 "Eles dançam a Tawarawana" (Bec-pp 226)

(37) fapɬi fatla-n
 orelha furar 3^a
 "Ele furou a orelha"

(219) kad lan-e
 mão cortar-3^a
 "Ele cortou a mão"

(220) [$\emptyset$ wan] kad lan-e
 pl mão cortar-3^a
 "Eles cortaram a mão"

TIPO 5. ORAÇÃO TRANSITIVA SIMPLES (MARCADA):

SUJ(A) O V TRANS

A	O	pron 1-2		V
		pron 3/dem/nome	(i/ii)	V
		Ø	(i/ii)	V (-n/-e)

O sujeito da transitiva (A) é marcado por -k (com alomorfia para a 1ª p.sg), que pode receber vogal epentética (e/a) quando se anexa a palavras terminadas em consoante.

O clítico -n/-e, assim como a construção [Ø]-ii, aqui refere-se ao objeto e não ao sujeito (cf. exemplo (181-b) e (223-b)). O sujeito transitivo de 3ª pessoa pode ser elidido (assim como os demais), mas o Ø lexical, neste caso, não é assinalado por i/ii, isto é nunca ocorre [Ø]-ii-k (em nenhum de nossos dados esta ocorrência foi encontrada).

Mas, como já se disse na seção sobre a ocorrência de i/ii com SNs, este morfema pode ocorrer com SNs constituídos por pronomes de 3ª pessoa, demonstrativos e nomes, mesmo que eles estejam em função marcada, como é o caso da função de sujeito da oração transitiva. O morfema i/ii ocorre entre estes elementos e o marcador de caso ergativo. A seguir, exemplos de orações transitivas:

(221) a. hai-ts atlat mapa
 1^a erg panela quebrar
 "Eu quebrei a panela"

b. hai-ts atlat-i mapa
 "Eu quebrei a panela"

(181-b) hai-ts [Ø] disi-n
 1^a erg matar-3^a
 "Eu o matei"

(222) a. hai-ts piʔke xop maxan
 1^a erg casa boca fechar
 "Eu fechei a porta"

b. hai-ts piʔke xop-i maxan
 "Eu fechei a porta"

c. piʔke xop maxan
 "A porta fechou"

d. [Ø]-ii maxan ka-in
 "Está fechada"

(223) a. hai-ts kasoro mut husa
 1^a erg cão pesc amarrar
 "Eu amarrei o pescoço do cachorro"

b. hai-ts ka-in [Ø]-ii husa-n
 "Eu estou amarrando-o"

c. hai-ts Ø husa
 "Eu estou amarrando"

Sobre a ordem: observa-se que a ordem O + V é sempre preservada. O informante não aceita as orações em que ela se altere. Quando há zero lexical, isto é, [Ø]-ii, nota-se que sua posição é assinalada sempre antes do verbo: [Ø]-ii + V. O sujeito (A) nunca aparece entre eles, podendo apenas movimentar-se para antes de O ou depois de V. Ex:

(224) a. Yaka-k ka-in wirix maʔmaj (A O V)
 Yaka erg ? mingau mexer
 "A Yaka está mexendo o mingau"

b. wirix maʔmaj ka-in Yaka-k (O V A)

c. * Yaka-k ka-in maʔmaj wirix (*A V O)

(225) soldado-k ka-in Sandra laka (A O V)
 soldado erg ? Sandra prender
 "O soldado prendeu a Sandra"

(226) ha kuʃ tuxaʔtsi ʃi hine-k (O V A)
 iã cabelo puxar ? 3ã erg
 "Ele puxou meu cabelo"

TIPO 6. ORAÇÃO TRANSITIVA ESTENDIDA :

SUJ(A) O V TRANS OI

São pouco numerosos os exemplos desse tipo oracional. A ordem encontrada geralmente é a citada acima: A O V OI. Quando há alterações na ordem, ocor-

Como se pode observar, o Trumai é uma língua ergativa, pois trata o sujeito da intransitiva (S) e o objeto da transitiva (O) da mesma forma, marcando o sujeito da transitiva (A) de outro modo. O quadro acima apresentado pode ser descrito também da seguinte maneira:

<i>intr</i>	S	V	
	caso absolutivo		
<i>intr est:</i>	S	V	OI
	caso absolutivo		caso dativo
<i>trans:</i>	A	O	V
	caso ergativo	caso absolutivo	
<i>trans est:</i>	A	O	V
	caso erg	caso abs	OI
			caso dativo

Houve uma certa dificuldade para se compreender o sistema de caso do Trumai, porque à primeira vista os elementos da oração transitiva poderiam ser interpretados de outra maneira: neste tipo de oração, há dois SNs, um com o papel semântico de agente, outro com o papel de paciente, como se vê no exemplo a seguir:

(221-a) *hai-ts atlat mapa* "Eu quebrei a panela"
iã erg panela quebrar
agente paciente

Como já se disse, à primeira vista poderíamos ser levados a identificar o SN-paciente como o sujeito da oração, já que ele apresenta o mesmo tratamento dos sujeitos das intransitivas (isto é, é não marcado), ocupa uma posição igual à destes (ver esquema abaixo), e, por fim, é o elemento cuja posição é preservada, sendo esta assinalada por i/ii quando há $\emptyset$ lexical (como a do sujeito da intransitiva também o é). Ex:

(48) hai-ts sida tararaw
 i₂ erg folha rasgar
 "Eu rasguei o papel"

(228) sida tararaw
 folha rasgar
 "O papel rasgou"

(229) hai-ts [Ø]-ii husa
 i₂ erg m_{SN}? amarrar
 "Eu amarro"

(230) jaw sawken-letsi [Ø]-i husa
 gente corda instr m_{SN}? amarrar
 "Amarrado com corda"

Dyirbal), o SN-absolutivo tem que estar obrigatoriamente presente na oração, enquanto que o SN-ergativo pode não ocorrer *2. Em Trumai, o SN-absolutivo pode ser elidido, mas a função que ele ocupava passa a ser expressa pelo clítico -n/-e, e sua posição é de certa forma preservada, através da presença de i/ii, ao contrário do que ocorre com o SN-ergativo, que é elidido sem deixar marcas de sua posição (* Ø-ii-k).

Assim sendo, para que possamos entender melhor a língua em estudo, vamos abordar o que dizem alguns teóricos sobre o fenômeno da ergatividade.

4. ESTUDOS TEÓRICOS SOBRE ERGATIVIDADE

Existem vários estudos sobre ergatividade. Vamos abordar o realizado por Dixon, apresentando seus pontos principais, em especial aqueles que interessam mais diretamente para nossa análise. Incluímos também nesta dissertação colocações feitas em consultas pessoais com o prof. Dixon.

Antes, porém, gostaríamos de apresentar as idéias de Hopper & Thompson (1980), a respeito do que vem a ser Transitividade e como ela pode ser melhor entendida. Em um artigo denominado "Transitivity in Grammar and Discourse", Hopper e Thompson abordam o fenômeno da Transitividade, que segundo os autores envolveria um dado número de componentes, sendo um deles a pre-

sença de um objeto do verbo.

"Estes componentes são todos concernentes com a efetividade com que uma ação tem lugar, ou seja, a puntualidade e telicidade do verbo, a atividade consciente do agente e o grau de afetação do objeto" (H & T-pp 251). Tais componentes podem variar de língua para língua. A transitividade é uma relação crucial no uso da língua. Por Transitividade entende-se tradicionalmente "uma propriedade global de uma oração inteira, tal que uma atividade é transferida de um agente a um paciente" (H & T- pp 251). Isso necessariamente envolve dois participantes e uma ação.

Os autores propõem uma tabela de componentes da Transitividade, que seria a seguinte:

	<u>Alta</u>	<u>Baixa</u>
A. <u>Participantes</u>	2 ou mais, A e O	1
B. <u>Kinesis</u>	ação	não-ação
C. <u>Aspecto</u>	télico	atélico
D. <u>Puntualidade</u>	puntual	não-puntual
E. <u>Volicidade</u>	volitivo	não-volitivo
F. <u>Afirmação</u>	afirmativo	negativo
G. <u>Modo</u>	realis	irrealis
H. <u>Agentividade</u>	A alto em potência	A baixo em potência
I. <u>Afetação de O</u>	O totalmente afetado	O não afetado
J. <u>Individualização de O</u>	O individ.	O não-individ.

Os componentes da Transitividade envolvem a efetividade ou intensidade com que a ação é transferida de um elemento participante para o outro, e quando tomados juntos, permitem caracterizar as orações como mais ou como menos transitivas.

Nas orações intransitivas, a ausência do Objeto (O) reduz o grau de transitividade da oração. Seria por isso que os sistemas ergativos marcam o sujeito intransitivo do mesmo modo que o objeto da transitiva; isso seria "um sinal de transitividade reduzida" (H & T - pp 254).

Por outro lado, o fato de haver dois participantes na oração não significa que ela necessariamente terá transitividade alta. Algumas línguas codificam um fato como transitivo, enquanto que outras podem codificar o mesmo fato como intransitivo; é o caso de "Jerry likes beer", que o Inglês trata como transitivo, mas o Espanhol não ("Me gusta la cerveza").

Hopper e Thompson formulam uma Hipótese de Transitividade, segundo a qual as diferenças gramaticais entre duas orações podem mostrar que elas são diferentes quanto à transitividade, sendo uma delas mais alta; haverá marcas morfossintáticas assinalando a diferença de transitividade:

"If two clauses (a) and (b) in a language differ in that (a) is higher in Transitivity according to any of the features 1A-J (a tabela dos componentes da transi-

tividade), then, if a concomitant grammatical or semantic difference appears elsewhere in the clause, that difference will also show (a) to be higher in Transitivity." (Hopper & Thompson- 1980 -pag 255).

A hipótese não prediz que em uma das orações vai haver necessariamente marcadores e na outra não, mas se em uma delas houver, essa marcação irá refletir a transitividade mais alta ou mais baixa da oração. A hipótese é colocada de um modo tal que "os traços da Transitividade podem ser manifestos ou morfossintaticamente ou semanticamente" (H & T- pp 255).

A partir dessas colocações, os autores dão exemplos de correlação entre certos sinais morfossintáticos e outros sinais do mesmo tipo, e também exemplos de correlação entre sinais morfossintáticos e algumas interpretações semânticas. Para isso, eles analisam exemplos de várias línguas, mostrando como elas codificam a transitividade, isto é, que componentes entram mais em jogo e como eles se co-relacionam.

O que mais nos chama a atenção nesse estudo de Hopper e Thompson é a idéia de que a Transitividade pode ser decomposta em vários elementos e que as línguas podem codificá-la de modos diferentes. Essa idéia nos parece muito interessante, porque se observa que o Trumai codifica como intransitivas ações que em outras línguas provavelmente seriam tratadas como transiti-

vas.

Discutiremos esse assunto mais adiante. Passemos agora para as idéias de Dixon, apresentadas em seu trabalho de 1979, intitulado "Ergativity". Neste trabalho, Dixon propõe, para fins mais práticos, as seguintes representações (que já vem sendo usadas nesta dissertação) para as três relações sintático-semânticas básicas de uma língua:

Sujeito intransitivo:	S
Sujeito transitivo:	A
Objeto transitivo:	O

O tratamento que recebem estas funções irá caracterizar uma língua como ergativa ou nominativa. O sistema nominativo-acusativo marca A e S da mesma forma, tratando O diferentemente. Já o sistema ergativo-absolutivo trata o S e O da mesma maneira, com A recebendo outra marcação *3. Há várias maneiras pelas quais estes tratamentos podem ser realizados, mas o que parece mais claro é o realizado por flexão de caso.

O esquema a seguir ilustra o que foi dito:

A e S	vs	O
(nominativo)		(acusativo)
A	vs	S e O
(ergativo)		(absolutivo)

A marcação de caso permite distinguir os SNs que ocorrem na oração transitiva. Em geral, o caso que in-

clue a função S é o termo não marcado no sistema (S geralmente é não marcado, já que na oração intransitiva só há um SN; logo não é preciso diferenciá-lo de outros). Assim, o absolutivo é o termo não marcado na oposição ergativo/absolutivo, e o nominativo é frequentemente o termo não marcado no sistema nominativo/acusativo. O elemento não marcado em geral é o pivô para várias operações sintáticas, como coordenação, subordinação, relativização, etc.

Uma língua pode ser morfologicamente ergativa, mas acusativa no nível sintático, isto é, trata S e A da mesma forma, e não S e O, como ocorreria em uma língua sintaticamente ergativa. Numa língua deste último tipo, ao se coordenar duas orações em que o SN sob identidade é S em uma das orações e A em outra, não haverá possibilidade de coordenação direta; antes, será preciso realizar uma construção antipassiva, em que o SN que era A passa a S e o SN que era O passa a dativo(*instr*). Essa construção é diferente da passiva, onde o SN que era O passa a S e o SN que era A passa a dativo(*instr*):

passiva: A O
 | |
 INSTR S

antipassiva: A O
 | |
 S INSTR

Ou seja, uma língua sintaticamente ergativa apresenta mecanismos sintáticos diferentes de uma que é acusativa.

Pode haver, portanto, ergatividade morfológica (marcar S e O do mesmo modo) e ergatividade sintática (regras sintáticas identificam S e O). A ergatividade sintática é rara; há uma tendência maior em se ter uma sintaxe acusativa. Isso teria a ver com a Categoria Universal de Sujeito, que, segundo Dixon, envolveria agrupamento de A e S.

Há três formas básicas de se demonstrar a função de um SN na oração: pela flexão de caso; pelo emprego de partículas separadas; por afixos ou clíticos ligados ao verbo.

Uma outra possibilidade é através da ordem contrastiva das palavras. Uma ordem AVO para orações transitivas e VS para as intransitivas segue um princípio "ergativo" (assim como as ordem OVA/SV). Da mesma forma, as ordens AVO/SV ou OVA/VS podem ser consideradas "acusativas".

Esse critério da ordem contrastiva só pode ser empregado para línguas com ordem verbal medial, não sendo um critério tão seguro quanto a marcação de caso. Na verdade, é melhor empregado quando reforça o que a marcação morfológica já está demonstrando.

É possível pensar em uma justificativa semântica para a existência de uma marcação morfológica ergativo-absolutiva ou nominativo-acusativa. Para o primeiro tipo, "pode-se sugerir que a oração intransitiva essencialmente descreve "algo acontecendo a algo/al-

guém"...enquanto que a sentença transitiva descreve "alguém fazendo algo acontecer para algo/alguém" (Dixon- pp 68). Por este raciocínio, S é semanticamente identificado com O, daí não ser estranho ambos terem a mesma marcação.

Para o segundo tipo, "pode-se sugerir que a oração intransitiva descreve "alguém fazendo algo" e a sentença transitiva "alguém fazendo algo para algo/alguém"" (Dixon- pp 68). A identificação semântica aqui é entre S e A, parecendo natural, então, que eles sejam marcados do mesmo modo.

Porém, essa justificativa, como lembra Dixon, é simplista, porque dentro da classe dos verbos (e mesmo entre os SNs) há uma ampla margem de variação semântica; também se nota que o tipo semântico de um verbo mostra uma co-relação forte com o nome/pronome passível de co-ocorrer com ele (por exemplo, falar exige um SN animado; humano; em geral, controlador da ação). Há ainda línguas que permitem que um mesmo verbo funcione ora transitivamente, ora intransitivamente (é o caso no Inglês de break, open). Segundo Dixon, "toda língua mescla "ergatividade" e "acusatividade" na estrutura de seu léxico" (Dixon -pp 68).

Um universal empírico pode ser notado, segundo Dixon: "todas as línguas parecem distinguir atividades que necessariamente envolvem dois participantes daquelas que necessariamente só envolvem um" (pp 68). Desse

modo, todas as línguas têm classes de verbos transitivos e de verbos intransitivos. Porém, a divisão entre esses dois tipos verbais nem sempre é muito tranquila: há línguas em que os extremos são claramente diferenciados, mas há uma região onde não é fácil determinar se um certo verbo é basicamente transitivo ou basicamente intransitivo.

O mesmo se pode dizer sobre a questão da ação controlada vs. não controlada: em algumas línguas, os sujeitos de orações intransitivas podem subdividir-se em dois tipos: o que controla a ação (Sa) e o que não controla (So) *4. Porém essa divisão nem sempre é muito clara justamente porque o conceito de controle de uma ação pode variar de cultura para cultura e mesmo de pessoa para pessoa; além disso, há casos em que a ação pode ser tanto controlada como não ser (p. ex, chorar).

Por fim, gostaríamos de comentar os casos de sistemas cindidos, que apresentam tanto marcação ergativa como acusativa. Diz Dixon que há a cisão pode ser condicionada por uma série de fatores:

- pelo conteúdo semântico do verbo;
- pelo conteúdo semântico dos SNs centrais;
- por um componente semântico da oração: a escolha de tempo/aspecto.
- pelo tipo de oração (subordinada X principal)

1. Cisão motivada pelo conteúdo semântico do verbo: um sistema pode fazer diferença entre os sujeitos intransitivos, levando em conta se ele pratica a ação com intenção ou não; isto é, se ele tem controle ou não sobre a ação. Assim, pode-se ter uma marcação para A e Sa (para os verbos ativos) e outra para O e So (para os verbos estativos). O tipo de cisão morfológica que é condicionada pela natureza semântica do verbo é frequentemente realizado por afixo no verbo.

2. Cisão motivada pelo conteúdo semântico dos SNs: os sistemas podem levar em conta a diferença existente entre SNs que podem funcionar como controlador ou agente e SNs que raramente ou nunca funcionam com este papel.

Alguns tipos de SNs são mais prováveis de serem agentes que outros. Dixon propõe uma escala de "potencialidade de agentividade" para os SNs:

pron	pron	pronomes	nomes	próprios	nomes	comuns	
1ª	2ª	3ª			/	\	
					humano	animado	inanimado
← Probabilidade de funcionar como um agente transitivo							

Essa escala, evidentemente, estará sujeita a variações de acordo com o tipo verbal empregado; por exemplo, "morder" só se aplicará a seres animados (a não ser que se trate de linguagem figurada). A escala, na verdade, assinala as possibilidades de agentividade.

Assim, os elementos mais à esquerda tem probabilidade de funcionar mais como agente; os da direita, mais como pacientes.

Segundo Dixon, é mais natural e econômico marcar um participante quando ele está exercendo um papel que não costuma ocupar. Assim, espera-se que uma língua (que tenha marcação de caso) marque um SN do lado direito da escala quando ele ocupar a função A, e um SN do lado esquerdo quando ele estiver em função O.

Este princípio faz com que muitas línguas tenham o sistema de caso cindido, empregando caso ergativo para os SNs que estão à direita da escala, e caso acusativo para os da esquerda. É o caso do Dyirbal: para a 1ª e 2ª pessoas, a marcação é nominativa; para a 3ª pessoa, nomes próprios e comuns, a marcação é ergativa.

Quanto aos SNs que ocupam o meio da escala, em algumas línguas pode ocorrer sobreposição dos sistemas. Como exemplo, Dixon cita o Cashinawa, que tem para a 1ª e 2ª pessoas uma marcação acusativa, para os nomes próprios e comuns uma marcação ergativa, e para os pronomes de 3ª pessoa outros marcadores, todos diferentes entre si (ou seja, uma marcação neutra para a 3ª pessoa).

O tipo de cisão que é condicionada pela natureza semântica do SN é geralmente realizada por afixos ou partículas presos nos SNs.

3. Cisão condicionada por tempo/aspecto da oração: um sistema cindido pode ser explicado também pela diferença entre eventos que já são fatos estabelecidos e aqueles que são meramente possibilidades.

Se a marcação ergativo-absolutiva é encontrada em uma parte do sistema, espera-se que seja no tempo passado ou aspecto perfeito, porque estes se referem a algo que aconteceu (envolve S e O). No tempo não-passado ou aspecto imperfeito, a marcação esperada é nominativo-acusativa, pois "algo que ainda não aconteceu é melhor pensado como tendo propensão a um agente potencial" (Dixon- pp 95); isso envolve S e A.

Em geral é essa a cisão que se encontra. Muitas línguas podem ter marcação acusativa (ou ergativa) em todos os tempos e aspectos; mas, se a cisão for condicionada por tempo ou aspecto, diz Dixon que a marcação ergativa é sempre encontrada ou no tempo passado ou no aspecto perfeito.

Por fim, pode haver ainda um outro tipo de cisão, entre oração principal e oração subordinada. Nas orações subordinadas objetivas (Ex. dado por Dixon: I told you to pick fruit), em geral espera-se que haja um "padrão acusativo", enquanto que a oração principal tenha um "padrão ergativo". Nas orações relativas (Ex: I kissed the child who had fallen over), espera-se que a subordinada tenha características ergativas e a principal, características acusativas.

A explicação para isto seria que as orações subordinadas objetivas são como as orações futuras: referem-se a um evento potencial com propensão a ter um agente (S ou A), o que pede uma marcação acusativa. As orações relativas, por sua vez, tem semelhança com as orações no tempo passado ou aspecto imperfeito, porque apenas relatam algo que aconteceu ou está contecendo. São tratadas, então, como ergativas. Quanto às orações principais, se realmente houver cisão no sistema, elas deverão mostrar uma marcação oposta à das orações subordinadas.

O texto de Dixon apresenta ainda outros pontos, como a evolução das morfologias ergativas, discussões sobre a categoria de sujeito, etc. Porém, preferimos aqui não nos estendermos sobre eles, deixando para abordá-los talvez em estudos futuros.

5. ANÁLISE DO SISTEMA DE CASO DO TRUMAI

5.1. Algumas considerações sobre os diferentes tipos verbais

Muitas dos fatos apresentados no texto de Dixon são verdadeiros para o Trumai: o sistema de marcação de caso desta língua trata S e O do mesmo modo e A de outro (portanto, trata-se de um sistema ergativo); a

identificação das funções se faz por meio de marcação de caso, empregando-se sufixos flexionais de caso ou o clítico *-n/-e* para a 3ª pessoa; o absolutivo é o caso não marcado.

A ordem não é um critério por si só capaz de identificar as funções sintáticas (ainda mais que em Trumai a ordem sofre variações), mas pode corroborar o que a marcação de caso assinala, no sentido de que quando S e O não são lexicalmente preenchidos, a posição deles é prevista sempre antes do verbo, o que se sabe pela presença do morfema *i/ii*. Isso demonstra que o comportamento de S é semelhante ao de O e diferenciado de A; portanto, reforça-se a diferença de tratamento entre eles.

Confirmando o universal empírico levantado por Dixon, o Trumai diferencia as ações que necessariamente envolvem dois participantes daquelas que necessariamente têm apenas um. Mas a identificação dos tipos verbais desta língua apresentou um pouco de dificuldade, porque embora haja verbos claramente intransitivos, como *pita* "sair", há outros que dão margens a dúvidas, como é o caso de *lax* "caçar" ou *ma* "comer", que aparentemente parecem transitivos, porque podem apresentar um complemento. Depois de análises é que se constatou que estes verbos são intransitivos, porque não envolvem necessariamente dois participantes; só o seu sujeito é estruturalmente obrigatório, sendo o

complemento opcional.

Este fato é uma particularidade do Trumai: ações que em outras línguas são consideradas como transitivas, nesta são tratadas como intransitivas, apesar de seu sujeito ser, em termos semânticos, agente. É o caso de *ver*, *caçar*, *pegar*, *ralar*, *espremer*, *vigiar*, etc. Já verbos como *esperar*, que não tem um sujeito propriamente ativo, aqui é tratado como transitivo.

Na verdade, o Trumai concebe como transitivos basicamente dois tipos de verbos: a) aqueles que pela tabela de componentes da transitividade, proposta por Hopper-Thompson, são considerados como sendo de alta transitividade, porque expressam uma ação puntual ou possuem um sujeito bastante agentivo, e b) aqueles que tem um sujeito controlador, em oposição a um objeto que é muito pouco participante. São verbos transitivos em Trumai: *puxar*, *chutar*, *cortar*, *prender*, *amarrar*, *enfiar*, *rasgar*, *picar*, *bater* (há outra forma verbal para *bater*, que é intransitiva estendida), *morder* (também há outra forma, intransitiva estendida), *quebrar* (há uma construção causativa com outra forma verbal, no sentido de fazer ficar quebrado), *chamar*, *jogar*, *fechar*, *transformar*, *esperar*, *dar bronca*, etc.

O sujeito marcado (A) seria diferente dos demais por ser aquele que realiza uma ação de transitividade alta. Seria exatamente o que propõe Hopper-Thompson: a diferença de marcação expressa a diferença de transi-

tividade. Se o sujeito de lax "caçar" não é marcado, e o de tararaw "rasgar" recebe marca, é porque a ação que este realiza é mais alta em transitividade que a do primeiro.

E, de fato, há motivos para que ela seja mais alta, pois rasgar (assim como chutar, quebrar, puxar, etc) expressa uma ação puntual, não denotando desenvolvimento temporal. Assim, a transferência da ação para o paciente se dá rapidamente, isto é, ela se efetiva de modo rápido.

Já os intransitivos estendidos diferenciam-se dos transitivos porque a ação expressa pelos intr. est. têm um caráter mais processual (p. ex, comer, lavar, ralar); portanto, a ação se transfere aos poucos *5. Todos estes fatos, de alguma forma, fazem com que verbos como caçar, comer, ver, etc, não sejam, nesta língua, considerados transitivos, como os verbos de ação puntual o são.

Além disso, o sujeito de rasgar, chutar, jogar, prender, etc, é bastante agentivo; seria, então, possível dizer que ele é entendido como mais ativo que o sujeito intransitivo, mesmo porque na oração intransitiva há apenas um participante, não havendo, portanto, transferência de ação. No caso da intransitiva estendida, pode haver ainda um outro participante (OI), mas este não comparece obrigatoriamente; a transferência de ação, então, não é em Trumai característica obriga-

tória deste tipo de verbo (ela não se transfere necessariamente).

No caso de verbos como *chamar*, *esperar*, *transformar*, etc (que são transitivos), tem-se não um sujeito bastante ativo, mas controlador: é ele quem exerce o domínio sobre o fato que ocorre, iniciando-o e controlando-o. Dos participantes da "ação" (na verdade, nem sempre é propriamente uma ação), o sujeito é o mais envolvido. Por exemplo, no caso de *esperar*, o SN-paciente não sente diretamente o efeito da "ação" de esperar; assim, se o sujeito (controlador) de *esperar* não é propriamente ativo, o objeto (paciente) com certeza é bastante passivo, quase não influenciando no curso dos fatos. O SN-controlador é o elemento mais participante e o mais envolvido na ação, sendo então entendido como o mais ativo. Talvez seja por isso que esta língua trate verbos como *esperar*, *transformar*, do mesmo modo que *chutar*, *quebrar*, e os diferencie de *caçar*, *comer* (no caso destes, não é preciso assinalar que um dos participantes é o mais envolvido na ação, porque o verbo pede apenas um participante obrigatório).

Isso, evidentemente, são apenas hipóteses de interpretação semântica para o sistema de caso do Trumai. Mas é certo que há a diferença de transitividade, dado que há diferença de marcação.

Podemos, então, pensar em uma escala de transitividade para os verbos desta língua, com os transitivos

simples ocupando a posição mais alta, e os intransitivos simples, a mais baixa.

Os intransitivos estendidos ocupariam uma posição intermediária, pela possibilidade que possuem de poder apresentar um objeto indireto (ou seja, um paciente da ação, embora não direto). Os transitivos estendidos estariam acima deles na escala, porque apresentam um complemento obrigatório (portanto, a ação necessariamente se transfere), mas ficam abaixo dos transitivos simples, porque os transitivos estendidos admitem também um segundo objeto, indireto, enquanto que os transitivos simples apresentam um único complemento, sobre o qual toda a ação incide; portanto, ela é mais efetiva e afeta mais o objeto nas transitivas simples do que nas estendidas, onde é distribuída entre os dois participantes não-ativos (O e OI).

Falamos em escala de transitividade para os verbos e não para as orações do Trumai porque, como veremos adiante, a transitividade nesta língua parece ser uma propriedade da raiz verbal.

Teríamos então a seguinte escala de transitividade para os verbos do Trumai:

+ alta	↑	transitivos	simples
		transitivos	estendidos
		intransitivos	estendidos
+ baixa		intransitivos	simples

É interessante observar que a língua realmente diferencia estes tipos verbais; isso pode ser notado no emprego do Imperativo, que é realizado através de duas partículas: *wana*, para os verbos intransitivos (simples ou estendidos), e *waki*, para os transitivos (simples ou estendidos). Em ambos os casos, pode-se ainda empregar a partícula *hen* "então" depois dos verbos. Ex:

intr. simples:

- (231) *wana pita* "Saia!"
 imper sair
- (232) *wana waka?ʃi hen* "Vá, então!"
 imper ir então
- (233) *nina wana axa?tsi* "Sente aqui"
 aqui imper sentar
- (234) *wana waka?ʃi hen pike-ki*
 imper ir então casa loc
 "Vá para a casa!"

intr. est. :

- (235) *wana xu?tsa* "Veja!"
 imper ver
- (236) *wana lax kawa hen* "Vá caçar!"
 imp caçar ir então
- (237) *wirix-ki wana sone* "Tome mingau!"
 mingau-OI imp beber

(238) wana xu?tsa pitik-etl "Olha o macaco!"
 imp ver macaco-OI

trans. simples:

(239) waki [0]-ii kuhmu hen "Jogue fora!"
 imp mc5N? jogar então

(240) waki [0]-ii naha hen "Corte!"
 imp mc5N? cortar então

trans. est. :

(241) () hine-tl waki kitá "Dê para ele"
 3ª OI imp dar

Nestes exemplos, podemos constatar um fato: as funções marcadas (OI, A, Loc) podem movimentar-se para antes ou depois da construção Part.Imp. + V, mas não aparece entre eles. Já o objeto da transitiva ocorre antes do verbo, entre este e a partícula imperativa *6. Mais uma vez se comprova que as funções marcadas têm um comportamento diferente das não marcadas: o objeto direto (O) ficando quase sempre contíguo ao verbo; o OI, que é um elemento adjunto, nem sempre está em adjacência com o verbo.

5.2. O controle do Sistema

Pelo que se expôs até o momento, pode-se dizer que alguns fatores de ordem semântica dariam explicação para a natureza do sistema. São considerados tran-

sitivos em Trumai os verbos que expressam ação puntual, ou que possuem um sujeito bastante agentivo ou controlador, mais ativo que o outro participante, que é o paciente da ação.

Mas, por outro lado, nota-se que quem regula de fato o funcionamento do sistema são fatores de ordem lexical: é o verbo que seleciona a marcação de caso, independentemente de outros fatores, como o tipo de SN em função sujeito, a intencionalidade ou não do agente (isso tem certa influência, mas não totalmente), o tempo de ocorrência da ação (presente, passado, futuro).

Dizemos isto porque observa-se, em primeiro lugar, que esses fatores não determinam a escolha dos marcadores (no caso do tipo de SN, a influência na escolha é indireta - ver adiante) *7. Em segundo lugar, porque a marcação de caso não pode ser trocada (os informantes não aceitam que se faça isso).

Existem alguns verbos semanticamente iguais, mas com estruturas diferentes; isto é, expressam a mesma ação, mas com marcação diferente. É o caso de:

<u>fa</u>	(intr. est)	-	<u>disi</u>	(trans)	"bater/matar"
<u>make</u>	(intr. est.)	-	<u>tako</u>	(trans)	"morder"
<u>dama</u>	(intr. est.)	-	<u>tuxatsi</u>	(trans)	"puxar"

Estas raízes verbais semanticamente equivalentes podem se alternar no uso dos falantes, mas se observa que quando se quer usar uma construção com o sujeito marcado em lugar de uma com sujeito sem marca, é necessário trocar a forma verbal. Assim, ao se expressar que "A onça matou a cobra", diz-se :

(242) fe?de fa kodeʃiʃ-es
 onça matar cobra OI

Mas, caso se queira empregar uma construção com sujeito marcado, é preciso trocar o verbo de fa para disi :

(243) fe?de-k ka-in kodeʃiʃ disi
 onça erg ? cobra matar

A marcação não pode ser mudada se a forma verbal não for trocada. Os exemplos a seguir ilustram isso:

(244) "A onça matou a cobra"
 * fe?de-k fa kodeʃiʃ
 * fe?de ka-in kodeʃiʃ-es disi

(245) "O homem me matou"
 a. kiki fa ka-in hai-tl
 homem matar ? iɛ OI

 b. kiki-k ka-in ha disi
 homem ? iɛ matar

- c. * kiki-k fa ka-in ha
 * kiki ka-in disi hai-tl
 * kiki-k fa ka-in hai-tl

Isso significa que é o verbo que determina o tipo de marcação, assim como é ele também que, no caso do OI, determina o marcador (-s ou -tl). A marcação não pode ser alterada porque fa é um verbo intransitivo estendido, que seleciona um sujeito sem marca e um objeto que é indireto e não obrigatório; marcar o seu sujeito irá contra as suas características, fazendo dele um verbo transitivo, que não é o que está previsto no léxico (fa deve ser marcado como (- transitivo)).

Disi , por sua vez, é um verbo transitivo que seleciona um complemento obrigatório não marcado e um agente marcado. Alterar a marcação dos argumentos também irá contra suas características. O mesmo se pode dizer de outros verbos transitivos, como quebrar, chutar, rasgar, etc. A língua os concebe como transitivos e assim os trata sempre.

Uma das provas de que um verbo é tratado sempre do mesmo modo, preservando a sua marcação, é a construção causativa com verbos transitivos, onde o SN que era agente na oração original continua marcado na oração causativa, mesmo que não aja intencionalmente.

Antes, vejamos como é feita a construção causativa em Trumai: ela se dá pelo acréscimo de -ka "factivo" ao verbo, embora ele possa não ocorrer sempre (ve-

ja dado (246-d)). O agente da oração causativa é marcado da mesma maneira que o sujeito da transitiva; isto, de certa forma, indica que o sujeito transitivo (A) tem algo a ver com a noção de agentividade.

A construção causativa se realiza tanto com verbos intransitivos como transitivos, o que contraria a afirmação de Becquelin (1976), que diz que os verbos transitivos (que ela denomina de construção ergativa) não podem ser causativizados. Exemplos:

(246) a. hai-ts de ke Yaka sa-ka
 i³ caus já? ? Yaka dançar-fac
 "Eu fiz a Yaka dançar"

b. hai-ts de ke [Ø] sa-ka-n
 i³ caus já? ? dançar-fac-3³
 "Eu a fiz dançar"

c. ha mut xerere-ka hai-ts
 i³ roupa molhada-fac i³ caus
 "Eu molhei a roupa (lit: Eu fiz a roupa ficar molhada)"

d. haak de ke nina ha otl
 2³-caus já? ? aqui i³ dormir
 "Você me fez dormir aqui"

(247) a. haak ka de ke hai-ts [Ø] mapa-ka
 2³-caus ? já? ? i³ erg quebrar-fac
 "Você me fez quebrar (algo) - culpando a pessoa"

b. hinatl-ek de ke hai-ts [Ø] tararaw
 3ª caus já? ? 1ª erg rasgar
 "Ela me fez rasgar (o papel)"

Como se pode observar no exemplo (247), o SN que era marcado como agente (A) na oração original (ou seja, *hairs*), manteve a mesma marcação na oração causativa, mesmo já não sendo tão agentivo, isto é, na oração causativa ele não é propriamente um agente com intenção de praticar um ato, mas o executor de uma ação que outro indivíduo provocou.

Em outras línguas, o fato do indivíduo agir intencionalmente ou não pode provocar diferença na escolha do marcador *8. Em Trumai isto não ocorre, porque a marcação é controlada pelo léxico; assim, se um verbo exige que o agente seja marcado e o objeto não, a marcação será sempre esta, para que se mantenha a coerência do sistema.

Isso tudo nos leva a pensar que a Transitividade em Trumai parece ser antes uma propriedade da raiz verbal que da oração. Pode-se pensar isto porque é o verbo que seleciona um sujeito marcado (A) e um objeto obrigatório sem marca (Ø), que é o que se tem na oração transitiva (portanto, resulta em uma oração de transitividade alta), ou seleciona um sujeito sem marca (S), não exigindo obrigatoriamente um objeto, o que resulta em uma oração de transitividade baixa.

Quanto à construção causativa com verbos transitivos, ela se diferencia da oração original pelos escopos dos SNs-agentes, que são diferentes, como se pode ver no esquema a seguir:

- a) haits ([Ø] mapa-ka)
- b) haak (ka de ke haits ([Ø] mapa-ka))

trad: a) "Eu quebrei algo"

b) "Você me fez quebrar algo"

5.3. Os verbos semanticamente iguais e seu uso pelos falantes

Como já se disse anteriormente, há alguns verbos em Trumai que são semanticamente iguais, embora formalmente diferentes. Esses verbos podem se alternar no uso dos falantes, pois existe a possibilidade de empregar tanto um como outro. É o caso de *fa* (intr. est.) e *disi* (trans), ambos significando "matar/bater".

Mas é interessante notar que os falantes parecem fazer uma certa seleção da forma verbal a ser usada, conforme o tipo de SN que é o agente. Isso foi constatado ao se elicitar o paradigma de "bater"; a informante ora usa *fa*, ora *disi*, como se vê no esquema a seguir:

Eu bati na galinha	---	fa
Você bateu em mim	---	disi
Você bateu nele	---	fa
Ele bateu em você	---	disi
Ele bateu em mim	---	disi
Nós batemos nele	---	disi
Nós batemos na onça	---	fa
Eles bateram na onça	---	disi
Meu pai bateu em mim	---	disi
Meu irmão bateu nele	---	disi

Essa escolha não é aleatória; parece haver uma hierarquia a ser respeitada: se o SN-agente for hierarquicamente mais alto que o SN-paciente, seleciona-se fa; se for o contrário, seleciona-se disi.

A hierarquia seria a seguinte:

1-2-3 p.(sing) - 1-2-3 p. (pl) - nomes
 alta ←-----→ baixa

Essa seleção das formas verbais semanticamente equivalentes é uma tendência, não uma regra rígida, pois nem sempre ela ocorre como seria de se esperar. Por exemplo:

Eles bateram na onça	---	disi
Ele bateu no macaco	---	disi

A seleção funciona muito claramente quando estão envolvidas a 1ª e 3ª pessoas:

(249) "Eles querem me bater"

ha disi-tke ka-in hinak-wan-ek
 1ª bater-vol ? 3ª pl erg

(250) "Eu quero bater nele"

ha fa-tke ka-in hine-tl

1ª bater-vol ? 3ª OI

Esse fato aqui descrito parece estar ligado à questão da "potencialidade de agentividade" dos tipos de SNs, formulada por Dixon. Com base nesta escala, é de se esperar que seja marcado o elemento de posição baixa na escala, quando ele funciona como A, e o elemento de posição alta, ao funcionar como O.

O sistema de caso do Trumai não é cindido, porque fa pode ocorrer tanto com as 1ª e 2ª pessoas, como com a 3ª e nomes, o mesmo acontecendo com disi. Mas, em termos de uso, como se viu, há uma certa preferência por um verbo ou outro, conforme o SN envolvido. Nota-se que a orientação que se tem aqui é praticamente a mesma descrita por Dixon, escolhendo-se para o agente de 1ª e 2ª pessoas o verbo fa (intransitivo estendido, cujo sujeito não é marcado) e para o de 3ª disi (transitivo, cujo agente é marcado).

Isso ocorre justamente pela diferença de agentividade: sendo o elemento de 3ª pessoa mais baixo na escala que o de 1ª (o que significa que ele está mais propenso que o de 1ª pessoa a ser o paciente), é preciso marcá-lo para indicar que é ele o agente da ação, e não o outro participante (daí a escolha de disi). Quando o agente é de 1ª pessoa, não há porque marcá-

lo, porque ele tem uma propensão natural a ocupar esta função (por isso prefere-se fa). Em geral, emprega-se disi para o sujeito de 1ª pessoa quando se quer certa ênfase sobre o agente da ação: "Eu matei a onça".

Pode-se dizer, então, que o SN que ocupa a posição de sujeito tem certa influência na escolha dos marcadores: embora seja o tipo de verbo que determine a marcação de caso, o tipo de SN-sujeito também tem seu papel, ao selecionar a forma verbal a ser empregada. Isto é, ele determina a marcação indiretamente, ao selecionar a forma verbal que exige o tipo de marcadores que se deseja usar.

5.4. Algumas considerações sobre os marcadores de Objeto Indireto

Os marcadores de objeto -s e -tl são excludentes entre si, mas podem alternar-se com -ki. No entanto, parece haver diferenças de sentido quanto a essa alternância.

Segundo Becquelin (1976), o marcador -s seria distinto de -ki por implicar em uma maior integração semântica do objeto com o verbo. Não foi isso o que constatamos, pois observa-se que -ki é empregado com objetos referentes a um ser individual, e -s e -tl com objetos pluralizados. Segundo Hopper & Thompson (1979), um objeto individualizado é mais afetado pela

ação do sujeito do que um objeto coletivo, porque ela é mais efetivamente transladada ao paciente que é individualizado; no caso do objeto coletivo, a ação se distribui.

Nesse sentido, pode-se postular que a diferença entre -ki e os outros marcadores de Objeto Indireto seja realmente a de maior integração semântica com o verbo, já que o objeto individualizado estaria mais diretamente ligado à ação expressa pela forma verbal. Mas esta integração realiza-se através do emprego de -ki, e não de -s, como diz Becquelin, ocorrendo apenas com os objetos nominais referentes a seres não-humanos, já que com os demais tipos a marcação é sempre a mesma (confira quadro-pag136), não estando sujeita a fatores de ordem semântica.

5.5. A identificação dos constituintes nominais na oração

Como já se viu até agora, o sistema de marcação de caso do Trumai é todo coerente, permitindo identificar adequadamente os elementos de uma oração quanto a suas funções sintáticas (isto é, que elemento é o sujeito, qual é o objeto, etc). A marcação de caso funciona mesmo com as orações interrogativas e imperativas:

- (251) tsifan-is ʃi hi ma ?
o que OI ? 2ª comer
"O que você comeu?"
- (252) te-i ʃi-in ma-ke kʔate-s ?
quem-mc.SN? ? comer-nom? peixe OI
"Quem comeu o peixe?"
- (253) te-k de talel maxan
quem-erg ja? porta(termo antigo) fechar
"Quem vai fechar a porta?"
- (241) hine-tl waki kiti
3ª OI imp dar
"Dá para ele"

Quando ocorre 1ª ou 2ª pessoa agindo sobre (ou recebendo ação de) 3ª pessoa, a identificação das funções sintáticas se dá sem maiores problemas. Por exemplo:

- (181-b) hai-ts ʔ disi-n
1ª erg obj matar-3ª
"Eu o matei"
- (254) [ʔ]-ii fa-tke-n ka-in hai-tl
mcSN? matar-vol-3ª ? 1ª OI
"Ele quer me matar"

No dado (181-b), o sujeito é marcado (hai-ts); logo, o clítico -n refere-se ao objeto. Tem-se 1ª pessoa agindo sobre 3ª. No dado (254), o objeto indireto de 1ª pessoa é marcado (hai-tl); -n, nesse caso, refe-

Pode ser que seja realmente o que Becquelin propõe, pois há um exemplo de nosso corpus que se assemelha aos apresentados por ela:

- (264) ha kuʃ naha ʃ-in
 iã(pos) cabelo cortar ?
 "Eu cortei meu cabelo" (naha - verbo transitivo)

Essas são apenas hipóteses sobre como seria expressa a reflexividade em Trumai. Talvez novos dados possam tornar mais claro como ela é realizada nesta língua.

6. A ORDEM EM TRUMAI - CONSIDERAÇÕES GERAIS

Como já se tratou no início deste capítulo, a ordem é fixa dentro dos sintagmas, e livre dentro da oração. Porém, como também já se viu, a ordem de certos constituintes da oração tende a ser preservada, o que significa que a ordem em Trumai não é totalmente livre.

Há princípios que regem a ordem de um elementos dentro da oração, levando-se em conta o fato do elemento receber um marcador ou não.

A mobilidade de posição das funções sintáticas é diferenciada: algumas têm tendência a serem fixas, outras apresentam uma maior mobilidade. Pode-se ter uma variedade de ordens nesta língua porque vários consti-

tuíntes estão "autorizados" a mover-se; em uma língua de ordem fixa, poucos elementos sintáticos estariam autorizados (em geral, os sintagmas adverbiais), sendo os demais fixos.

Tendem a serem fixas as funções não marcadas: sujeito da intransitiva (S) e objeto da transitiva (O), que quase sempre ocorrem antes do verbo. Quando nestas funções ocorre um $\emptyset$ lexical, elas tornam-se fixas: são assinaladas por i/ii como estando sempre antes do verbo *10. O clítico -n/-e será empregado neste caso, constituindo uma marca de sujeito(S) ou objeto (O) de 3ª pessoa *11.

Pode-se constatar, então, que há um controle maior sobre a posição das funções em que há $\emptyset$ lexical, quando se trata das funções S e O. Mas, independentemente da realização ou não do SN nestas funções, a posição delas tende a ser de adjacência com o verbo, provavelmente para que elas possam receber dele a atribuição de caso absolutivo.

Apresentam mobilidade de posição as funções marcadas: Sujeito da transitiva (A), objeto indireto (OI), sintagmas posposicionais. A marcação permite que elas sejam identificadas, independentemente da posição que ocupem na oração; não é preciso adjacência com o verbo, pois é o marcador que atribui caso.

Isso tudo provocaria a diferença de mobilidade entre as funções marcadas e não marcadas. Na verdade,

o Trumai só permite uma flexibilidade na ordem dos constituintes oracionais porque sua marcação de caso é rigorosa, não permitindo alterações. Portanto, há um princípio que regula a ordem.

A análise dos tipos oracionais do Trumai permitiu que chegassemos à ordem básica da língua: S O V; ou, mais propriamente A O V, já que é uma língua ergativa. Pode-se chegar a esta conclusão comparando-se os tipos oracionais:

tipo 2.	S	V		
tipo 3.	S	V	OI	
tipo 4.	S	obj-V	<i>(provável caso de incorporação)</i>	
tipo 5.	A	O	V	
tipo 6.	A	O	V	OI

Ou seja, o sujeito da intransitiva (S) ocorre anteposto ao verbo; na transitiva, o objeto também ocorre sempre antes do verbo, com o agente ocupando em geral a primeira posição.

Além disso, a ordem SOV (ou, mais adequadamente, AOV) é a mais provável pelas próprias características da língua, que é toda posposicional. Quanto ao OI e os sintagmas posposicionais, fica difícil ainda prever a posição básica deles, principalmente porque se trata de funções adjuntas e em alguns casos o OI pode ficar bem distante do verbo. Ex:

S---V-----I-----O-----

I S V O

(265) ha xu?tsa ʃi [kiki fa]-ii-ki fe?de-i-ki

iã ver ? homem matar OI onça OI

"Eu vi o homem que matou a onça"

Neste exemplo, observa-se que a oração encaixada (kiki fa fe?de-i-ki), que é complemento da principal, recebe o marcador de objeto indireto -ki, e o morfema ii assinala que ela funciona sintaticamente como um SN. Porém, o objeto indireto da encaixada (fe?de-i-ki "onça") não está situado dentro dos limites da sua oração, ficando bastante distante do verbo com o qual tem ligação (fa "matar"). O sistema de caso permite identificar fe?de-i-ki como objeto indireto da oração encaixada e não como seu sujeito, o que poderia gerar outra interpretação: "Eu vi a onça que matou o homem". Esta interpretação não seria possível porque fa, sendo um verbo intransitivo estendido, exige sujeito não marcado e objeto indireto marcado; portanto, seu sujeito só pode ser kiki "homem", sendo seu objeto indireto fe?de-i-ki, ainda que estando distante dele.

Maiores análises serão necessárias sobre a posição do objeto indireto dentro da oração. Talvez o estudo de textos possam trazer algumas contribuições.

Quanto às funções de sujeito da intransitiva e objeto da transitiva, pode-se dizer que elas são fun-

ções obrigatórias porque estão sempre estruturalmente presentes na oração, realizadas lexicalmente, ou através do clítico pronominal de 3ª pessoa. O falante tende ainda a empregar o morfema *i/ii*, assinalando a posição prevista para estas funções quando há $\emptyset$ lexical. É interessante observar que quando há elisão do SN que é OI ou sujeito da transitiva (A), não há o mesmo controle: não se encontrou nenhuma ocorrência de $\emptyset$ -ii-k, para A, nem de $\emptyset$ -ii-ki, para OI. Portanto, o status de S e O é realmente diferenciado do de A e OI.

As funções de S e O só permitem a elisão do SN que as ocupa com relação à 3ª pessoa. Quando ocorre 1ª ou 2ª pessoa, elas estão sempre preenchidas (cf. exemplo (265)), mesmo quando se trata de uma resposta a alguma questão feita, o que permitiria a elisão, pois o elemento já foi mencionado na própria pergunta.

Com os verbos intransitivos (simples e estendidos), quando há dois verbos na mesma sentença, para cada um deles há um sujeito (um SN ou o clítico *-n/-e*), a menos que um verbo esteja subordinado a outro. A seguir, exemplos do que foi dito.

(265) kaʔneʃaj ʃi ha sa, ha wal hen
 ontem ? 1ª dançar 1ª cantar então
 "Eu cantei e dancei ontem"

(142)

[Ø]-ii tsula kawa-n ∫ de [Ø]-ii otl-e axak
 mc.SN? deitar ir 3B ? já dormir-3B para
 "Ele já foi deitar para dormir"

(266) ha sa xup ʔak

iʔ dançar saber neg

"Eu não sei dançar"

(140) [Ø]-ii lax kawa-n

mcSN? caçar ir 3B

"Ele vai caçar"

(267) Jumujtsu-i ∫i api-ke kʔate-s ,

Jumujtsu ? pegar- nom? peixe OI

[Ø]-ii otle-n hen ka-in [Ø]ii ma-n

mcSN? assar3B então ? mcSN comer-3B

"A Jumujtsu pegou peixe, assou e comeu"

Resta ainda a dizer que o fenômeno de ergatividade em Trumai é morfológico e há indícios de que talvez seja também sintático. O exemplo que apresentamos a seguir (268) sugere isto, pois nele podemos ver que o elemento elidido (Ese) é S na primeira oração (Ese chegou) e O na segunda (Mãe chamou Ese). Ou seja, ao se ter S e O sob identidade, pode haver elisão, sem o uso de passivização, o que pode significar que há um mesmo tratamento para ambas as funções.

Porém, como dispomos ainda de poucos dados, e como ainda não verificamos se há antipassivização, preferimos ser cautelosos e ainda não apresentar conclu-

sões mais definitivas, apenas chamando atenção para a possibilidade do fato.

(268) Ese-i i ka?ji ktsi-ke ,
 Ese ? vir vir do mato- nom?

tsi-(a)tle-k hen [Ø]-ii midoxos-e
 pos3ª mãe-erg então mcSN? chamar-3ª

"A Ese chegou (vindo do mato) e foi chamada por sua mãe"

NOTAS

*1. Por Ø lexical entende-se os casos em que na posição prevista para ocorrer um SN, não há um nome, demonstrativo ou pronome, mas um Ø, provavelmente porque houve uma elisão dos elementos citados. Apesar do SN não estar superficialmente presente, sua posição é de alguma forma preservada, o que se verifica pela presença de 1/ii morfema que nitidamente ocorre após SNs.

*2. "In many ergative languages, the absolutive NP must obligatorily be included in each sentence, but an ergative NP may be deleted (this holds for Dyirbal and for Eskimo; Woodbury 1975:113)..." - (Dixon - 1979 - pag 75)

*3. Existe ainda um outro tipo de sistema, denominado nominativo marcado, que Dixon considera como sendo um caso de ergatividade estendida. Nesse sistema, A e S são marcados igualmente, e O fica sendo não marcado. Ou seja, o sistema trata A e S da mesma forma, mas ao contrário dos outros sistemas nominativos, são eles os elementos marcados.

*4. Na verdade, a diferença entre Sa e So envolve ainda outros fatores, como intencionalidade do agente, ação consciente, etc.

*5. Segundo Hopper e Thompson, uma ação realizada sem uma fase transicional entre o início e o término tem um efeito mais marcado em seus pacientes que ações que são mais processuais.

*6. Nestes exemplos, o objeto é um $\emptyset$ lexical. Como já se viu na discussão dos tipos oracionais, quando nesta função há um $\emptyset$, ela tem ordem fixa (sempre antes do verbo). Pode ser que em casos de objeto lexicalmente realizado, ele apresente maior mobilidade, isto é, possa ocorrer antes da partícula imperativa.

*7. Em outras línguas, esses fatores podem ser decisivos. Há línguas que podem marcar diferentemente o sujeito, de acordo com o elemento que ocupa esta função.

Em geral, marca-se a 3ª p. como ergativa, e as 1ª e 2ª pessoas como nominativas. Há línguas também que diferenciam o sujeito que age intencionalmente do que não age assim.

*8. é o caso do Kamayurá. Veja os exemplos a seguir (dados de Lucy Seki, apresentados no curso "Estrutura de uma Língua Indígena" -1990):

a. je katu	"Eu sou bom"
1ª bom	

a-jan	"Eu corro"
1ª comer	

b. i-katu	"Ele é bom"
3ª bom	

o-jan	"Ele corre"
3ª comer	

c. i-jeʔey	umaʔe
3ª falar	"o que não é"
"O que não fala (porque é mudo)"	

o-jeʔey	umaʔe
3ª falar	"o que não é"
"O que não fala (porque não quer)"	

Nestes exemplos, pode-se notar que uma mesma *forma verbal* - "falar" jeʔey - pode receber marcadores

pessoais diferentes, conforme o sujeito pratique a ação com intenção ou não. O sistema de caso do Kamayurá é cindido, diferenciando o elemento agente (A - Sa) do não-agente (O - So); sobre isto, cf. Seki (1987-1990).

*9. Em seu artigo (1976), Becquelin usa um conceito de ergatividade que parece não ser exatamente o que a teoria atual emprega. Becquelin chama os verbos intransitivos estendidos de transitivos, e os transitivos de ergativos, com um "complemento em -k" ; ou seja, ela não considera o SN marcado por -k como o sujeito da oração, mas um complemento do verbo:

"...les verbaux de type 1 (ma) se construisent avec un complement en -s, ceux de type 2 (make) se construisent avec un complement en -tl, et ceux du type 5 (mapa) avec un complement en -k " (Bec - 1976 - pp126)

Parece-nos que Becquelin considera ergativa a construção que tem o agente semântico marcado, em oposição à construção em que ele não recebe marca. Porém, Becquelin não está levando em conta um fator fundamental, que é a função sintática desempenhada pelo SN-agente (mesmo porque no seu ponto de vista, o agente marcado é um complemento do verbo (sic)).

10. As orações do tipo oracional 1 apresentam uma maior liberdade quanto a posição do sujeito em que ocorre $\emptyset$, podendo-se ter $[\emptyset] + \text{PRED}$ ou $\text{PRED} + [\emptyset]$. Estas orações, no entanto, são um tipo diferenciado, pois seu predicado não é verbal.

*11. É interessante notar que o uso do clítico -n/-e é um pouco diferenciado entre as funções S e O: com S, ele sempre é empregado, quando há $\emptyset$ na posição de sujeito; com O, embora a tendência seja de que ele ocorra, há exemplos em que ele não aparece (por exemplo, os dados (222-d) e (223-c)).

CONCLUSÃO

Como se pode observar, a fonologia do Trumai não é muito complexa, apresentando um quadro de fonemas com 17 consoantes e 6 vogais, sendo^o acento fixo. Já a morfologia é rica, com um quadro de pronomes grande, uma classe de interrogativos diversificada; a língua apresenta também vários sufixos (derivacionais e flexionais) e clíticos, e possui algumas partículas discursivas, que podem se combinar com outros elementos, produzindo diferenças de sentido na oração em que ocorrem.

Na sintaxe, observa-se que o sistema de marcação de caso caracteriza o Trumai como uma língua morfologicamente ergativa: o objeto da oração transitiva é tratado da mesma forma que o sujeito da intransitiva, e diferentemente do sujeito da transitiva.

É interessante observar como o Trumai codifica a sua transitividade: ações como lavar, cacar, comer, ver, etc, que em outras línguas são tratadas como transitivas, em Trumai são concebidas como intransitivas. Os verbos que expressam ações deste tipo são, em Trumai, **intransitivos estendidos**, isto é, podem admitir um objeto indireto, mas há fatos que demonstram que estes verbos são basicamente intransitivos nesta língua.

Essa descoberta representou um avanço em relação à análise de Becquelin, que considerava verbos deste tipo como sendo transitivos, com marcação nominativa. Porém, sua análise não dava conta dos fatos observados na língua, nem permitia compreender bem o sistema de marcação de caso do Trumai.

O controle do sistema é feito pelo verbo, isto é, é a raiz verbal que seleciona a marcação dos seus argumentos. A ordem dos constituintes oracionais é livre para aqueles que são marcados (sujeito transitivo A; objeto indireto OI; SN adverbial), mas tende a ser fixa para os que são não marcados, isto é, têm marcação $\emptyset$ (sujeito da intransitiva S; objeto da transitiva O). A ordem básica do Trumai é SOV, o que se encaixa com o fato da língua ser toda posposicional.

Esperamos que o estudo por nós realizado seja uma contribuição para o melhor entendimento desta língua indígena brasileira, e lembramos que as conclusões aqui apresentadas não são definitivas nem esgotam a análise dos fatos encontrados no Trumai.

BIBLIOGRAFIA

1. Anderson, Sr. e Keenan, E.L. (1985). "Deixis". in Shopen, T. (1985). vol III
2. Chung, S. & Timberlake, A. (1985). "Tense, aspect, and mood". in Shopen, T. (1985). vol III
3. Dixon, R. M.W. "Studies in Ergativity" in LINGUA 71. 1987. pp 1-16
4. Dixon, R.M.W. "Ergativity" in r.LANGUAGE. volume 55. número 1. 1979. pp. 59-138
5. Dole, G. (et. al). Indians of Brazil in the twentieth century. Washington D.C. Institute for cross-cultural research. 1967
6. Dubois, J. Dicionário de Linguística. São Paulo. Cultrix. 1973
7. Ehrenreich, P. A segunda expedição alemã ao rio Xingu. São Paulo. REVISTA DO MUSEU PAULISTA, XVI, pp. 247-275. 1929
8. Escola Paulista de Medicina . Relatório . 1987

9. Galvão, E. & Simões, M. "Mudança e sobrevivência no Alto Xingu, Brasil Central". in REVISTA DE ANTROPOLOGIA. vol. 14. SP. 1966. pp 37-52
10. Galvão, E. "Cultura e sistema de parentesco das tribos do Alto Rio Xingu". Boletim do Museu Nacional, N.S. Antropologia nº 14. Rio de Janeiro. 1953
11. Givon, T. On understanding grammar. New York. Academic Press. 1979a
12. Givon, T. Syntax. A functional typological introduction. Vol. 1. John Benjamin. Amsterdam. 1984
13. Gleason Jr, H. An introduction to descriptive linguistics. Londres. Holt, renehart & Wiston. 1979
14. Gudschinsky, S. C. How to learn an unwritten language. New York. Holt, Renehart & Wiston. 1967
15. Greenberg. "The general Classification of Central and South American Languages" in Men in Culture: selected papers of 5 International Congress of Anthropological and Ethnological Sciences. Ed: Anthony Wallace, pag 791 - 794. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. 1956

16. Halliday, M.A.K. An introduction to Functional Grammar. Edward Arnold. Baltimore. 1985

17. Hintermann, H. Beitrag zur Ethnographie der Lulue-na-und Kulisevu-Indianer. VERHANDLUNGEN DER SCHWEIZERISCHEN NATURFORSCHENDEN GESELLSCHAFT, 106. Jahresversammlung in Aarau, II. Teil, Aarau, S. 176-178. 1925

18. Hockett, Ch. F. Curso de Linguística Moderna. Buenos Aires. 1971

19. Hopper, P.J. & Thompson, S.A. "Transitivity in Grammar and Discourse". in R. Language volume 56, nº 2. 1980. pag 251 a 299

20. Kaufaman, Terrence and Berlin, B (ed.) "Questionário Gramatical". Projeto de Documentação das línguas indígenas da América do sul

21. Kibrik, A. E. The methodology of field investigation in linguistics - setting up the problem. Paris. Mouton. The Hague. 1977

22. Kibrik, A. E. "Constructions with clause actants in Daghestanian Languages". in LINGUA 71. 1987. pp. 133-178

23. Ladefoged, P. A course in phonetics. Harcourt Brace Jovanovich, Inc. 1975

24. Martinet, A. Elementos de linguística geral. 2a. edição. Lisboa Sá de costa. 1970

25. Meyer, H. Im Quellgebiet des Schingu. Landschafts- und Volkerbilder aus Central-Brasilien. VERHANDLUNGEN DER GESELLSCHAFT DEUTSCHER NATURFORSCHER UND ARZTE. 69. Versammlung zu Braun schweig 1897. Erster Theil. Leipzig, pp. 135-145. 1898

26. Monod-Becquelin, A. "Multilinguisme des indiens Trumai du Haut-Xingu (Brésil Central)" in R. LANGUAGE. 1970

27. Monod-Becquelin, A. La pratique linguistique des Indiens Irumai. Paris SELAF, 1975

28. Monod-Becquelin, A. "Classes Verbales et construction ergative in Trumai" in Revista AMERINDIA 1. Paris. 1976. pp. 117-143

29. Monod-Becquelin, A. "Les Amants Punis - conte Trumai" in Revista AMERINDIA 2. Paris, 1977. pp. 163-173

30. Museu nacional. Formulário do Setor Linguístico.
1960
31. Oberg, K. Indian tribes of Northern Mato Grosso, Brazil. Washington. Smithsonian Institution. 1953
32. Petrullo, V. Primitive peoples of Mato Grosso, Brazil. Philadelphia. THE MUSEUM JOURNAL, XXIII, nº 2. University Museum. pp. 83-173. 1932
33. Pickett, V. & benjamin, E. Introdução à morfologia e à sintaxe. 2ª ed. Petrópolis. RJ. Ed. Vozes. 1978
34. Pike, K.L. & Pike, E.G. Gramatical analysis. Texas. University of Texas at Arlington. SIL. 1967
35. Pike, K.L. Phonemics - a technique for reducing languages to writing. The University of Michigan Press. 1947
36. Quain, B. & Murphy, R.F. The Trumai indians of Central Brazil. University of Washington Press. Seattle and London. 1955
37. Rodrigues, A. D. Línguas brasileiras - Para o conhecimento das línguas indígenas brasileiras. São Paulo. Edições Loyola. 1986

38. Samarin, W.Y. Field linguistics: a guide to linguistic work. New York. Holt, Rinehart and Wiston. 1967

39. Schimidt, M. Resultados de minha expedição bienal a Mato Grosso - De setembro de 1926 a agosto de 1928. RJ. BOLETIM DO MUSEU NACIONAL, XIV-XVIII. 1938-1941. pp. 241-285. 1942

40. Seki, L. "Para uma caracterização Tipológica do Kamaiurá" in Cadernos de Estudos Linguísticos nº 12. pp 15 a 24. IEL/UNICAMP. 1987

41. Seki, L. "Kamaiurá (Tupi-Guarani) as an active stative language" in Amazonian Linguistics Studies in Lowland South American Languages. Ed. por Doris Payne. University of Texas Press. Austin. 1990. pp 367 a 391.

42. Shopen, T.(ed) Language Typology and syntactic description. Cambridge. CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS. 1985. Volumes I, II e III

43. Steinen, K.V. Entre os aborígenes do Brasil Central. Separata da REVISTA DO ARQUIVO MUNICIPAL. Vol. XXXIV a LVIII. Departamento de Cultura. SP. 1940

44. Steinen, K.V. O Brasil Central. SP. Companhia Editora Nacional. 1942

45. Vasconcelos, V.P.T.F. Expedição ao Rio Ronuro. RJ. Publicação nº 90 da "Comissão Rondon". Conselho Nacional de Proteção aos índios. Imp. Nacional. 1945

46. Weiss, H.E. Fonética Articulatória. Publicação do SIL. 1980

47. Zwicky, A. M. "On clitics" . Indiana University Linguistics Club, Bloomington. 1977

48. Zwicky, A. M. "Clitics and Particles" in R. LANGUAGE , volume 61, nº 2. 1985. pag 283 a 305